

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

DIRECTORES: Paes de Andrade, Klinger, Goes Monteiro e T. A. Araripe

SECRETARIO: Leitão de Carvalho -- GERENTE: Bellagamba

ANNO XVII

BRASIL — RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 1931

N. 207

EDITORIAL

Funcções do Estado - Maior

Nas suggestões que sobre a remodelação do ensino apresentou ao ministro da Guerra o inspector do 1º grupo de regiões militares, está comprehendida a criação da *Directoria Geral do Ensino*, orgão central, destinado a dirigir e coordenar todos os trabalhos de ordem technica nos diferentes estabelecimentos de instrucção do Exercito, ficando por essa forma aliviado o Estado Maior de funcções que actualmente lhe são atribuidas.

A centralização, num grande departamento do Ministerio da Guerra, de todas as actividades referentes ao ensino, trate-se da instrucção primaria, secundaria ou superior, offerece por si só vantagens incontestaveis, tanto do ponto de vista administrativo, como do didactico e disciplinar. Não é, porém, menor o alcance da criação desse importante orgão de direcção, se considerarmos a repercussão benefica que terá sobre os serviços da outra repartição, cuja verdadeira finalidade vem sendo disvirtuada, desde muito tempo, com encargos absorventes e perturbadores de sua actividade normal, dos quaes lhe têm resultado prejuizos de ordem moral e praticos.

As atribuições que, agora, com maior amplitude, são conferidas á *Directoria Geral do Ensino* estão actualmente a cargo da 2ª subsecção da 3ª secção do Estado Maior do Exercito, a que compete o estudo e julgamento de todos os assumptos concernentes ao movimento

escolar e ás numerosas questões que lhe são affins.

Basta recordar a multiplicidade de institutos militares de ensino existentes no Exercito e a frequencia annual que os caracteriza, para se ter idéa da sobrecarga esmagadora de assumptos burocraticos imposta áquelle reduzido nucleo de officiaes do Estado Maior, cujos affazeres, absorventes em certas épocas do anno, reclamam a collaboração dos adjuntos da secção, desviando a attenção dos chefes para trabalhos estranhos á sua actividade funcional, com insanaveis prejuizos para a preparação da defesa do paiz.

Todos quantos se preocupam com os assumptos que constituem objecto de estudo nos estados maiores sabem como elles são mais do que sufficientes para absorver a attenção dos especialistas de que se compõe a Repartição. Entregues á investigação, ao exame, á mediação dos multiplices problemas relacionados com os recursos de toda ordem de que poderá dispor o paiz em caso de guerra, seu transporte para os theatros provaveis de operações, as directrizes a que estas devem obedecer e o estudo dos assumptos correlatos referentes aos adversarios possiveis, — os officiaes que trabalham nas secções estão investidos de funcções que exigem um labor incessante, realizado com discreção, para ser efficiente, o que ex-

clue a possibilidade de arcar com outras atribuições fóra das linhas geraes desse quadro.

Casa de estudo calmo e reservado, a natureza das suas preoccupações exige o isolamento dos que a elles se dedicam, um ambiente de tranquilidade, impossivel de manter numa repartição frequentada por numerosos officiaes, professores e alumnos dos estabelecimentos de ensino, ou candidatos á matricula, que se apresentam por este ou aquelle motivo, pleiteam soluções de serviço, pedem esclarecimentos, recorrendo para isso a uma secção cujo destino fundamental é o que ha de mais secreto num exercito.

A reunião desses serviços na *Directoria Geral do Ensino*, nos moldes propostos pelo inspector do 1º grupo de regiões, vem liberar o Estado Maior do Exercito de trabalhos que não pertencem á esphera de sua actividade, ao mesmo tempo que elimina uma das causas de attrictos e dissidentimentos não raro sobrevindos entre os órgãos superiores da administração da guerra. Póde-se afirmar que as crises por mais de uma vez abertas entre os dois principaes departamentos da organização do Exercito só longinquamente tiveram por causa assumptos essencialmente ligados a preparação do paiz para a guerra; decorreram, antes, de choques provocados pelo exercicio indebito de certas funcções, conferidas ao E. M. E. por disposições regulamentares, mas que, de facto, não deveriam ser de sua competencia. Assumptos de ordem administrativa, susceptiveis de serem tratados por outras repartições.

Immensa é já a tarefa reservada pela natureza das cousas ao Estado Maior do Exercito: seus estudos, realizados a fundo e com criterio puramente objectivo, conduzem a conclusões que interessam directamente o governo, principal responsável pela defesa do paiz e unico competente para tomar as providencias por ella requeridas. As suggestões do Estado Maior, quanto a essa materia, são, por consequinte, as unicas autorizadas. Nellas é que o governo se tem de louvar para proporcionar

ao Exercito os recursos que lhe são indispensaveis ao desempenho de sua missão. Maximé num paiz como o nosso, de precarios meios de communicações, de industria incipiente, de extensas fronteiras, em que não se pôde confiar na impronização, — o estudo constante das condições nacionaes e dos paizes vizinhos dá logar a frequentes iniciativas de parte da repartição incumbida de preparar a nação para a guerra, tanto relativas á organização das forças activas e sua localização em tempo de paz, á organização das forças de reserva, ás diretrizes a que deve obedecer a instrucção da tropa, á constituição da doutrina de guerra por que se guiarão os commandos tacticos e estrategicos, quanto referentes á construcção e melhoramentos de vias ferreas e de rodagem, ao estímulo e protecção a certas industrias, á aquisição de armamentos, etc. E essas intervenções, para serem efficazes, requerem uma atenção solicita a tudo quanto se passa no estrangeiro e no paiz, acompanhando de perto os projectos em elaboração nos parlamentos ou nos ministerios sobre materia que interesse a defesa nacional.

Não vemos como seja possível conciliar deveres tão arduos e absorventes com funcções burocraticas, referentes a pessoal ou a ensino, como algumas que actualmente atravancam o caminho por onde se dirige a machina do Estado Maior, entorpecendo-lhe a marcha e reduzindo-lhe a producção.

Comprehende-se que continuem a seu cargo a elaboração dos regulamentos tacticos e de certos serviços, inspirados pelos ensinamentos da Missão Franceza, embora seja essa uma actividade que em outros paizes é desempenhada por commissões de technicos, escolhidos especialmente para cada caso, sob a direcção de departamentos da administração da guerra, que não possuimos. A necessidade de assegurar orientação uniforme ao corpo de regulamentos numa phase especial de reorganização do Exercito, justifica essa orientação, tanto mais quanto são menores as consequencias advindas do trabalho normal do Estado

Fronteira com a Guyana Ingleza

(Resumo histórico)

Subsidio para o concurso a E. E. M.

Pelo Cap. FELINTO ABAETÉ CAVALCANTI

A posse de toda a margem esquerda do Amazonas, não podia e não pode ser contestada, por nenhuma outra nação, ao Brasil. No entretanto temos tido varios litigios sobre territorios das aguas do Amazonas, sendo que nem sempre a sorte nos foi favoravel, dando-nos aquillo que por varios seculos nossos antepassados mantiveram á mão armada.

Fillipe IV, da Hespanha, annexou a margem esquenda do Rio Amazonas, considerando "a circumstancia de continuar a Corôa Portugueza a ter individualidade á parte dentro da monarquia hespanhola, as conquistas e extensões dos portuguezes do Brasil eram consideradas como acrescimo á Corôa Portugueza, e desse modo, quando Portugal sacudiu o jugo, e o Brasil o acompanhou, a monarchia luzitana achou-se na posse do territorio accrescido durante o interregno nacional, graças áquelle confiança da Hespanha na indissulubilidade da União". J. Nábuco.

A posse de toda a região de que trataremos nesta questão, foi producto do esforço luso-brasileiro, obtida por constantes explorações e mantida a mão armada contra as incursões de estrangeiros, principalmente dos hespanhaes, e não consequencia de hulla papal.

Conforme o direito internacional vigente, a posse do tronco de um rio estendia-se a de seus affluents. Por esta razão, os exploradores faziam o maior empenho em ocupar as entradas, ocupação esta na maior parte das vezes era efectivada pela construccion de um forte, como o foi a do Forte de S. Joaquim, na boca do Tatu.

A cata do gentio para os misteres da lavoura veio cooperar para que esta região fosse explorada pelos donatarios, principalmente pelas tropas de resgate que iam regularizar a questão dos indios captivos de outras nações para que não fossem trucidados por seus inimigos. Tirar da escravidão de seus inimigos para jogar na do

homem branco, quiçá peior, era a moral dos costumes da epocha, tanto quanto a justificação da escravatura do negro, pela necessidade de braços para a laboura.

Em 1755, como consequencia do tratado de limites entre a Hespanha e Portugal, foi creada a Capitania do Rio Negro, subordinada a do Pará.

Deu motivo á criação desta capitania, não só o facto citado, como o de estar muito afastada da Capitania do Pará, serem constantemente necessarios recursos rapidos para repelir o invasor e para que a justiça fosse distribuida com maior rapidez.

Tinoco Valente, em 1763, expulsa definitivamente os hespanhaes do Rio Branco, sendo seu acto justificado pelo tratado de 1750, que dava a Portugal todas as aguas do Amozonas, pois que neste tratado se fallava na separação das aguas do Orenoco das do Amazonas "pela Cordilheira de Montes" "e prosegundo pelo cume destes Montes para Oriente, até onde se extenderem o Dominio de uma e outra monarchia".

Desde esta data, a maioria das cartas publicadas dava o limite do Brasil no divisor das aguas. Dentre muitas citaremos a de D'Anville que dava o limite brasileiro no vertice de um triangulo formado pelo lago Amacu e pelos rios Rupunuri e Igarapá, carta accepta pelos hollandezes, que não só estavam de acordo com os limites estabelecidos por ella, como ainda nos attribuiam grande extensão de terras que abrangiam parte das aguas do Essequibo e do Mazaroni.

A propria Inglaterra, alliada de Portugal, assignando o tratado de Badajoz reconhecia que sómente a Portugal pertenciam de direito estas terras e que nenhuma outra nação podia reclamar-as. Herdando os terrenos hollandezes, não podia desconhecer a nossa posse, quer como herdeira da Hollanda quer como antiga aliada de Portugal.

Confronta a Guayana Ingleza com o Brasil pela cessão que fez a Holanda á Inglaterra de suas antigas colonias de Demerara, Essequibo e Berbice pelo artigo addicional á convenção de 13 de Agosto de 1814.

Da data desta cessão até as meadas do se-

Maior, que terá de recorrer igualmente a officiaes estranhos á Repartiçao para a elaboração de alguns desses regulamentos.

Encerrada a phase de remodelação e reorganização de serviços, em que está empenhada a alta administração da guerra, e para cujo exito se torna indispensavel o concurso do E. M. E., particularmente no que diz respeito á organização do Exercito e aos pro-

blemas correlatos, necessitamos, uma vez por todas, deixar o orgão responsavel pelo estudo da preparação do paiz para a guerra, entregue á sua grave função, cujo exercicio não deve ser perturbado com assumptos de administração, melhor distribuidos ás repartições correspondentes.

Elle ganhará em prestigio e em efficiencia.

culo passado nada houve de anormal que viesse perturbar a paz entre as duas nações, continuando o Brasil a exercer sua soberania sobre todo o território das águas do Rio Branco, mantendo relações com os índios e tendo seus fortes ocupados com tropa que policiavam a região.

Em 1840, a Inglaterra adoptou a pretensão à fronteira Cotingo-Tacutu alegando ser esta a verdadeira linha de limites, de acordo com as explorações do alemão Schomburgk, que aí plantara alguns marcos sem que para isso fosse ouvida a parte interessada, o Brasil.

As explorações deste alemão foram iniciadas em 1835, com o fim segundo as declarações dos officiaes ingleses, de reconhecer a cadeia de montanhas que forma a linha divisória das águas entre o Amazonas e o Essequibo.

De volta da Inglaterra passando por Georgetown induziu o missionário Yound a ir para o Pirara converter os índios Macuxis, alegando que havia tomado posse daquele território para a Inglaterra, pois que as explorações brasileiras não haviam avançado para leste do forte de S. Joaquim.

A ida de Foud para um território, até então considerado brasileiro e que era policiado pelo Brasil, para converter índios que estavam sob ação directa das autoridades brasileiras, não pôde ser bem recebida pelo governador do Amazonas, principalmente por não estar ainda a igreja católica separada do estado e ser aquelle missionário protestante do que resultou serem expedidas ordens imediatas para que elle fosse expulso.

A expulsão deste missionário, foi pretexto da Inglaterra, para a invasão e ocupação do território do Pirara, que pretendia seu, apesar dos títulos e do domínio efectivo que por vários anos mantinhamos.

Feita a ocupação, houve protesto por parte do Brasil, e depois de uma troca de notas entre os dois governos ficou resolvido, em 1842, que o território fosse evacuado, mantido neutro definitivamente a quem de direito pertencia o território que separava as duas nações.

Por vários anos permaneceu a questão sem uma solução, apesar de constantes propostas do Brasil, em 1893-1897-1898, até que finalmente em Novembro de 1901 ficou resolvido que a questão seria entregue a um árbitro, sendo escolhido o Rei da Itália.

Por este tratado de arbitragem ficou resolvido por um acordo directo entre as partes que seria fronteira entre os dois países na parte leste a seguinte:

"linha do divisor das águas entre a bacia do Amazonas e do Essequibo e Corentyne, desde a nascente do Corentyne até a do Rupununi ou a do Tacutu, ou a um ponto entre elas conforme a decisão do árbitro".

O território em litígio era o compreendido entre o Tacutu, o Cotingo e o Rupununi.

A sentença do Rei da Itália, dada em 1904 consigna a seguinte fronteira para os dois países:

"fica a fronteira fixada pela linha que parte do monte Yokontipu; segue na direção de leste a divisão das águas até as nascentes do Irêng (Mahu); desce pelo thalweg o curso

deste rio até a sua confluência com o Tacutu, pelo thalweg deste até a sua nascente onde encontra a linha de fronteira já determinada pelo acordo directo..."

A sentença do Rei da Itália, deixou entre as nações litigiosas um hiato, pois que considerou as nascentes do rio Cotingo no monte Yakontipu, sendo mais tarde verificado que elas estão no Monte Roraima.

Para preencher este hiato a Inglaterra, em 1908, propôz que o limite entre os dois países naquela trecho fosse constituído pela fileira de morros que forma a linha divisória das águas entre o Monte Roraima e o Yakontipu, ao em vez de seguir a linha recta entre os dois montes.

Em 1911, o Brasil, em resposta à nota Britânica, submeteu a consideração deste governo um projecto de convenção complementar de limites.

O governo inglez comunicou que aceitava não só o projecto de convenção complementar de limites como ainda o projecto do Tratado Geral de limites, que abrangia ainda a declaração anexa ao tratado de arbitragem.

Sendo as negociações suspensas pelo próprio governo inglez que queria introduzir no texto algumas modificações, foram reencetadas em 1922, quando a Inglaterra apresentou algumas emendas, baseadas nas informações de um agricultor a seu serviço. Entre outras emendas a substituição do nome de Vindaya por Wamuriaktawna pois foi verificado que as nascentes do Tucutu eram neste ultimo monte ao envez daquelas do tratado.

Finalmente, em 1926, foi firmado em Londres um tratado Geral de Limites entre os dois países ficando definitivamente accentuado a seguinte fronteira:

"Partindo do alto dos montes Roraima, entre as cabeceiras do rio Cotingo e as do Rrapopo, desce pela parte nordeste dos mesmos até o ponto de convergência da fronteira dos dois países com a Venezuela, passando entre Pailwa Falls e as quedas do Cotingo, continua até o monte Yakontipu pela linha divisória das águas entre o Cotingo, o qual corre em território brasileiro e o rio Paikwa, que corre em território Britânico; do monte Yakontipu, a fronteira seguirá na direção de leste pela linha divisória das águas até as nascentes do Irêng (Mahu); desce por este rio até a sua confluência com o Tacutu, sobe pelo Tacutu até as suas nascentes situadas no monte Wamuriaktawna, deste monte continuo a fronteira pela linha divisória das águas entre a bacia do Amazonas e as do Corentyne e Essequibo, até o ponto de encontro ou convergência da fronteira dos dois países com a Guyana Neerlandesa".

A sentença do Rei da Itália, não foi feliz, deixando entre as duas fronteiras um hiato, e separando do Brasil um trecho do seu território reconhecido desde vários séculos.

O Brasil formulou a sua pretensão no mi-

O DIA DO SOLDADO

O DEVER MILITAR

Pelo 1º Ten. S. SOMBRA

Trechos da Conferencia realizada, a 25 de Agosto, no 8º R. I. (Passo Fundo)

Dia do Soldado! — eu o vejo cheio de uma alta significação, antes de tudo, porque elle é uma consagração, uma homenagem ao valor da personalidade humana. E nesse sentido elle é uma afirmação reaccionaria. Afirmação contra o rebatimento, barbarie, a destruição immoral do homem, que caracteriza a nossa época.

Mas ha tambem centelhas de fé e gestos de reacção.

Fé nos destinos da Patria, no seu futuro, nas suas possibilidades naturaes e moraes, na sua grandeza, na sua gloria. Reacção das energias enthesouradas pelas gerações que se sacrificaram para fazel-a viver.

Essas energias hão de salvar o homem brasileiro.

Elle ha de afirmar a sua personalidade. PERSONALIDADE REALMENTE BRASILEIRA. Brasileira conforme a nossa tradição. Brasileira conforme o nosso espirito. Brasileira conforme a nossa historia. Brasileira conforme o nosso idealismo. Brasileira conforme a nossa fé. Brasileira conforme o nosso papel na America e no Mundo.

E é na nave das Igrejas e no pateo dos Quartéis que eu vejo brotar mais artamente a lympha pura desse energia redemptora. E' ahí que encontramos os sentidos ignorados, E' ahí que havemos de nos retemperar.

E o soldado é mais de que qualquer outro o homem que precisa crer e afirmar. Mais do que ninguem elle precisa ter confiança em si — no seu valor, nas suas energias physicas e moraes, na sua coragem, na sua iniciativa, na sua honra, no seu espirito de sacrificio, no seu patriotismo.

nimo e a Inglaterra no maximo de modo que quasi as duas propostas se encontram. Foi um grave erro nosso pois que punhamos em jogo a bacia do Amazonas, sobre a qual tinhamos incontestaveis direitos conforme o uti possedetis decorrente da ocupação das boccas quando as nascentes não eram ocupadas por outras nações. No caso vertente a nação que occupava as boccas era a mesma que occupava as nascentes, Tacutu e Cotingo, e Brasil. Era necessário portanto que desde o inicio das negociações não admittissemos duvidas quanto ás aguas do Amazonas.

Para preencher o hiato deixado pela sentença do arbitro, o tratado de limites assignado em Londres, 1926, serviu-se de uma linguagem tão diffusa que será necessário um terceiro tratado de limites para traduzil-o em linguagem vulgar.

A falha constante do tratado de arbitragem podia perfeitamente ser sanada, desde que se reaffirmasse que a partir do monte Roraima a fronteira seria a linha divisoria das aguas entre o Mazaroni e o Rio Branco até encontrar a nas-

E tudo isso é valorização para o homem. E tudo isso é salvação para o brasileiro.

Assim, sendo do ponto de vista universal uma afirmação reaccionaria, do ponto de vista brasileiro o Dia do Soldado é bem um desses momentos luminosos abrindo clareiras de fé e de esperança em meio ao sombrio do nosso desprezo pelo passado e da nossa indifferença pelo presente da Patria.

* * *

Dia do Soldado! Eu o vejo cheio de uma alta significação tambem porque queiram ou não queiram os scepticos, queiram ou não queiram os desfibrados, queiram ou não queiram os egoistas, queiram ou não queiram os invejosos, queiram ou queiram os trahidores, o Dia do Soldado é um Dia do Brasil!

E' um Dia do Brasil porque o soldado brasileiro não é mercenario, profissional. Temos um Exercito democratico por cujas fileiras passam os cidadãos para pagar o seu imposto de sangue.

E' um Dia do Brasil porque em nossa Patria não existe o soldado independente do cidadão. Existe, sim, o cidadão soldad-elemento da Nação Armada.

E' um dia do Brasil porque commemorando os feitos do Exercito, a Nação commemora os seus proprios feitos, tão indissolivelmente ligados estão as historias do Exercito e da Nação.

E' um dia do Brasil porque consagrando em Caxias a figura maxima do Exercito, consagramos o brasileiro que mais do que qualche outro contribuiu para a segurança e integridade da Patria. A vida de Caxias é a vida mesma do paiz em largo, difficil e glorioso extracto de sua his-

cente principal do Ireng (Mahu), por cujo leito seguiria até encontrar o Tacutu seguindo por este pelo seu rumo principal até encontrar o divisor das aguas do Amazonas das que correm para o Norte das que correm para o Sul.

O art. I do tratado geral de limites faz com que a linha fronteira passe entre as quedas do Paikwa e as quedas do Cotingo, o primeiro sub-affluente do Mazaroni e o segundo sub-affluente do Rio Branco, o que deixa prever não estar o ponto inicial do monte Roraima perfeitamente definido o que será necessário fazel-o em um novo ajuste.

Ao em vez disto, acceitamos sem hesitação as declarações de um geometro inglez, que dizia quasi impossivel a localisação das nascentes do Cotingo e que as nascentes do Tacutu não estavam no monte Wintawa e sim no monte Wamurisktawa, o que além de ser perfeitamente dispensavel, revela da parte do negociador brasileiro muita possibilidade de se deixar levar pela parte contraria, como tem acontecido na maior parte das questões pendentes entre as outras nações Sul-Americanas.

toria. E' patriotismo homenagear a extraordinaria figura do velho soldado do Imperio, que pacificou a Nação e esmagou o estrangeiro. Que extendeu a mão vitoriosa aos irmãos rebeldes e os trouxe á comunhão nacional. Que riscou com a espada o limite ás ambições do estrangeiro audacioso. Que immortalizou como modelo admirável do cidadão e soldado do Brasil.

O Dia do Soldado é um Dia do Brasil, porque o Quartel é uma escola de civismo. Hoje em dia, na luta quotidiana, o homem só encontra motivos de desfalecimento das suas virtudes civicas e moraes. Mais do que nunca, portanto, é preciso que a caserna seja para elle uma escola regeneradora. E' preciso que elle saia de lá regenerado.

Nos paizes democraticos e mormente nas nações jovens como o Brasil não é na instrucção tactica que reside a missão principal do Exercito. Nelles o official ha de ser antes de tudo um educador. O Exercito deverá ser o despertador de energias. Elle deverá transformar o sceptico, no entusiasta; o ignorante, no patriota consciente; o negativista, no crente sem vacilações.

Ante as tempestades que ameaçam as nações, ou o Exercito será um factor de regeneração social ou não cumprirá sua missão. Disso os quadros devem estar profundamente convencidos.

Eis ahi, quão difícil e importante é a missão de reacção, formação ou aperfeiçoamento dos sentimentos mais nobres do homem. A Caserna completará a Escola, entregando mais um verdadeiro cidadão á Sociedade.

* * *

Dia do Soldado! — Eu o vejo cheio de uma alta significação ainda porque elle é uma justa homenagem ao passado glorioso do soldado do Brasil.

Passado luminoso que exige um presente de lutas e um futuro de triumphos.

Atravessamos actualmente um longo periodo de paz. Paz que já vem concorrendo para o relaxamento das nossas energias.

Mas já houve tempo que o nosso Exercito vivia em alertas continuadas, em pugnas vitoriosas, garantindo a integridade da Patria, defendendo a sua honra, libertando vizinhos fracos e salvando a Civilização na America. Já houve tempo em que a nossa esquadra navegava os mares do sul, bloqueando os portos das nações vizinhas, enquanto os nossos soldados desfilavam triunfalmente em suas capitais. Já houve tempo em que a bandeira do Brasil tremulava vitoriosa e timida nos campos uruguaios, nos pampas argentinos e nos banhados paraguaios.

E, sempre, junto á bandeira, sereno, orgulhoso, intrepido e vigilante, o soldado do Brasil. Aos seus pés, os trofeus salpicados com o sangue dos vencidos e com o seu tambem.

Como se fosse hoje, vemo-lo em Itororó, nas arremetidas titânicas, erguendo muralhas de corpos ensanguentados, sob o olhar tremulo da bandeira, daquelle bandeira do "26 de Voluntários da Patria".

Precipitamo-nos com elle nas cargas fulminantes de Avahi, levando de roldão o inimigo, espantando-o, aniquillando-o.

Formamos ao seu lado nos quadrados de Tuyuti, supportando impavidos os repetidos arremessos dos esquadrões paraguaios, dizimandos, afugetando-os e os perguindo.

E assim, numa longa serie de lutas, elle é sempre o herói que se cobre de glorias.

Porém, maior do que em todos os outros momentos, mais sublime do que em todas as vitorias, é na Retirada da Laguna que a sua figura homérica mais se exalta e em sua resistencia inaudita symboliza a propria alma da Raça — soffredora mas vitoriosa.

Ante a memoria de todos aqueles bravos que cimentaram com o seu sangue os alicerces da Nação rufem os nossos corações em commovido palpitar de entusiasmo a marcha batida do respeito e da admiração.

* * *

Dia do Soldado! — Eu o vejo cheio de uma alta significação finalmente porque valorizando a personalidade humana, despertando patriotismo e recordando o nosso passado glorioso; elle aponta imperiosamente ao soldado brasileiro o cumprimento do seu sagrado dever. E o dever do soldado é o dever mesmo do cidadão, em sua imposição mais forte, em suas exigencias mais pesadas, em sua comprehensão mais clara, em sua affirmação mais efficiente, em sua expressão mais alta e enobecedora.

O dever do soldado é o dever do cidadão verdadeiramente integrado por suas possibilidades physicas, technicas e moraes no rythmo da synergia nacional.

São sobretudo essas ultimas que mais o tornam capaz de cumplir-o firmemente.

Cumprir firmemente esse dever que o leva a abandonar familia e interesses e morrer miseravelmente no fundo de uma trincheira elameado ou trespassado, no arremesso de uma carga, pela bayoneta fria do inimigo, sem ter quem lhe ouça a ultima palavra de lembrança, talvez a uma pobre mãe, a uma desventurada esposa ou a um filhinho que nunca mais o verá.

E' preciso preparar o soldado para esse sacrificio.

E' necessario penetrar fundo em seu coração para descobrir num generoso e intelligente esforço os germens de todas as virtudes guerreiras e desenvolvê-las tenazmente tornando-o o soldado de que a Patria se possa valer confiadamente.

E é a realização do sacrificio — sacrificio de seus bens, de seu amor, de sua felicidade, de sua propria vida — que glorifica o soldado e eterniza seus gestos.

Dezembro de 1864.... O "Marquez de Olinda" aprisionado e as forças paraguaias atravessando a fronteira em Matto Grosso... Começa a tragedia...

Commandava a Colonia Militar de Dourados, naquelle provincia, o tenente Antonio João Ribeiro. A guarnição da praça era composta apenas de 15 homens.

Ao saber da invasão do territorio nacional pelos paraguaios, Antonio João despacha um portador com um bilhete para o commandante de seu Corpo e prepara a resistencia. Pouco depois surge o inimigo ante a Colonia.

Contabilidade administrativa

Pelo 1º Ten. cont. JOSÉ SALLES

II

Pela revista ligeira passada no movimento que geralmente se dá nos corpos de tropa ou estabelecimentos militares, observamos que elles se enquadram perfeitamente no theorema base da contabilidade por partidas dobradas, cujo enunciado é, mais ou menos, o seguinte: "No methodo de escripturação por meio das partidas dobradas, não ha devedor sem credor ou vice versa".

Consequentemente, não precisamos de mais palavras para afirmar a praticabilidade do methodo na administração militar.

Resta, portanto, estudar o meio pelo qual possa pol-o em execução, o que não é possível conseguir-se só mediante uma ordem expressa em um artigo de regulamento, como aconteceu com o R. S. A. de 1917; isto daria em resultado, e nem poderia ser de outra forma, um fracasso certo.

Arraigado como está o methodo actualmente empregado na idéa de todos aquelles que têm a seu cargo a contabilidade militar, impossível seria fazer a substituição de um momento para outro, sem um preparo prévio.

Este consistiria em organizar as "Instru-

O Capitão Urbieta, que commandava a força paaguaya, intimou o tenente brasileiro a render-se. Serenamente perguntou-lhe Antonio João:

"— Traz ordem do governo imperial para que eu me renda ou entregue a praça?

— Não, responde Urbieta, mas trago 250 homens para tomar-a á força darmas.

— Então, meus senhores, replica o oficial brasileiro, retire-vos. Enquanto me bater o coração, filho do paiz que pisae, só obedeço á intimações de meus próprios chefes e superiores". E, acto continuo, voltando-se para sua diminuta tropa commanda decidido: — "Preparar e Apontar!..."

A luta foi encarniçada. O numero venceu a praça é afinal conquistada. Mas em seus parapeitos o inimigo só encontra cadáveres. Enquanto contemplava aqueles corpos ensanguentados, o capitão Urbieta abre o bilhete que Antonio João escrevera e lhe cahira ás mãos com o portador.

"Sei que morro, mas o meu sangue e dos meus companheiros servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha pátria: — escrevera o tenente.

O exemplo de Antonio João é absolutamente completo. Commove e entusiasma. E' simples e grandioso. Singelo e soberbo. E permanece vivo como a mais viva das nossas tradições.

Ele foi patriota: — a invasão de sua pátria indignou-o e elle em sangue lavrou o mais eloquente protesto.

Foi bravo: — tinha certeza que haveria de succumbir mas desafiou e resistiu até a morte.

cões" a serem observadas, conforme ja dissemos, que, publicadas depois, seriam objecto de estudo pelos officiaes dos Quadros do Serviço de Intendencia, a quem mais de perto interessam, os quaes, por sua vez, instruiriam os seus auxiliares. E esta parte, o preparo do pessoal, é de essencial importancia, pois, foi, a nosso ver, das causas que influiram grandemente na impossibilidade de ser cumprido o dispositivo regularmentar de 1917, fazendo nascer o principio erroneo, a que nos referimos, da inaplicabilidade do methodo, no Exercito.

Para se conseguir essa substituição seria necessário algum tempo e um pouco de trabalho que viria, em breve, produzir os seus fructos, caso fosse methodico e executado obedecendo a um plano traçado com antecedencia para ser rigorosamente seguido.

As "Instruções" seriam organizadas por uma commissão nomeada oficialmente por quem de direito, della devendo fazer parte um official de cada uma das Armas e Serviços e um ou dois contabilistas de nomeada, que poderiam ser funcionários do Ministerio da Fazenda com essa credencial, requisitados, ou, em falta destes, mestres da materia convidados ou nomeados.

Elle teve a suprema energia — o espirito de sacrificio: — lá no sertão, nos confins do Brasil, isolado, desconhecido, immolou-se ao cumprimento do dever numa resistencia de antemão util ante a disproportão das forças mas que permaneceu entre dôres e agoniais que o ultimo homem tombasse exausto e moribundo.

Patriotismo, bravura, espirito de sacrificio: — eis ahi virtudes maximas do soldado.

Só possuindo-as profundamente entranhadas no coração elle cumprirá o seu dever, seja nas circumstancias mais dolorosas.

Patriotismo entusiasta e consciente. Patriotismo que crê e affirma. Crê nas glórias do passado e nos triunfos do futuro. E affirma um presente de trabalho fecundo. Patriotismo que coloca o interesse da Patria acima do seu e do da familia. E por isso torna orgulhoso o soldado que deixa o lar, abandona seus negocios e vem pagar o imposto de sangue na Caserna. Que vem retemperar seu physico e seu moral para que a Patria conte mais uma sentinelha alerta de sua honra e integridade, mais um peito entusiasta a couraçar suas fronteiras. E que vive um anno de suados esforços, de sacrificios ineditos, de saudades perturbadoras e, ás vezes, até de injus- ticas.

Mas um anno tambem em que nunca se foi tanto um homem, nunca se foi tanto um brasileiro.

Patriotismo que ama e comprehende as sagradas liturgias de que o amor da Patria se reveste e ama e comprehende o symbolismo da Bandeira a alimentar a exaltação dos bravos.

(Continua)

Estudaria essa comissão a contabilidade em alguns corpos das diversas Armas e nas dependências dos vários Serviços durante o tempo que fosse conveniente, observando com atenção todo o movimento administrativo; de posse, então, dos dados indispensáveis ao seu fim, procuraria preparar, dentro dos princípios da ciência contábil, os moldes de sua aplicação, elaborando as "Instruções" referidas. Não devemos esquecer que uma causa, aliás bem importante, haveria de ser encarada com interesse: Abrir guerra ao regime do papelório inútil que só vem trazer dificuldades ao serviço e trabalho improdutivo.

Uma vez organizadas e publicadas essas bases, seriam divulgadas largamente em todos os corpos e repartições dependentes do Ministério da Guerra, que delas tomariam conhecimento e mesmo para que os interessados as fossem estudo; isto já importaria em proseguir o **preparo previo.**

Continuando, far-se-ia na Escola de Intendência um pequeno estágio, onde se preparariam um certo número de oficiais deste Serviço, com os quais se constituiriam, depois, comissões encarregadas de fazerem cumprir em cada Região Militar. Este estágio, de cujo programa constariam tão sómente como matéria **nóções gerais das partidas dobradas e, detalhadamente, as bases de sua aplicação ao Exército**, já elaboradas, ministradas pelos próprios contabilistas que fizeram parte da comissão, subordinados agora, naturalmente, à Direcção de Ensino da Escola teria a duração suficiente e razoável, julgada imprescindível ao preparo firme dos alunos, fixada de acordo com a opinião desses técnicos.

Promptos os estagiários, nomear-se-iam as comissões para as Regiões Militares, das quais fariam parte, agora como técnicos, encarregados de instruir o pessoal dos corpos e repartições da Região, primeiro, e depois preparar a execução.

Na Capital Federal, além da comissão destinada a 1^a D. I. seriam nomeadas outras para as Direcções Gerais de cada Serviço, que, sendo órgãos mais importantes, exigiriam naturalmente que assim fosse.

Nas Regiões, os oficiais contadores passariam também por um estágio indispensável à aquisição dos conhecimentos teóricos imprescindíveis, de forma tal que o serviço não sofresse prejuízo, para em seguida, juntamente com a própria comissão, substituirem nos respectivos corpos ou repartições o sistema de contabilidade.

Para isto, essa comissão passaria um certo espaço de tempo em cada unidade ou estabelecimento, onde ministraria instrução ao respe-

tivo pessoal contador com quem depois executaria o serviço; desta forma, trabalhando-se quase simultaneamente em todas as Regiões Militares, deixar-se-ia sem grande demora, todo o Exército com a sua escrivanaria feita em partidas dobradas, na parte contábil, de incontestáveis vantagens.

No princípio desse trabalho, a primeira cosa a fazer-se deveria ser o inventário completo de todos os materiais pertencentes à Fazenda Nacional, existentes no corpo ou estabelecimento, com os respectivos preços que figurariam na escrivanaria, onde tudo é representado pelo seu valor; esses preços seriam dados de acordo com os documentos de despesas existentes no arquivo, ou os enviados pelas Directórias dos Serviços fornecedores, ou, na falta desses recursos, avaliados segundo os preços do material novo, diminuídos de uma percentagem razoável. Daí por diante, tudo o que fosse recebido dos Serviços fornecedores, viria com o preço de custo nas notas juntas, como já se pratica com os objectos adquiridos no comércio.

Isto teria a vantagem de, todas as vezes que surgisse a necessidade de conhecer o valor dos bens da Fazenda Nacional sob a guarda do Conselho Administrativo, tel-o após um simples exame no livro de "Entradas e Saídas de Materiais".

Quanto aos livros e impressos necessários ao funcionamento dos serviços de contabilidade, seriam fornecidos pela Intendência da Guerra que os mandaria confeccionar, segundo os modelos organizados pela comissão encarregada e constantes das "Instruções" da mesma. Resultado, tudo uniforme em todo o Exército, quanto a esta parte.

Futuramente, revisto o R. A. C. T. E. M. para ser posto de acordo com o Código de Contabilidade Pública da União, reunir-se-ia aquelas em um "Regulamento para Administração e Contabilidade Militar" que enfeixasse tudo o que dissesse respeito a isto.

Agora, para concluir, diremos alguma coisa sobre o tempo julgado preciso à realização desse trabalho. Assim, para estudo e elaboração das "Instruções" a comissão designada consumiria, mais ou menos, um ano.

Impressão, divulgação, confecção dos livros e impressos e estágio do pessoal, na Escola de Intendência, seis meses.

Trabalhos de instrução e execução pelas comissões, em cada Região Militar, um a dois meses por corpo ou estabelecimento, segundo as exigências da importância dos seus movimentos.

Vemos, desta maneira, como não é possível, num trabalho de tamanha responsabilidade, como este, fazer uma transição repentina e immediata, como queria o R. S. A. de 1917.

Interessa-lhe o comando do Batalhão no Terreno?

POR QUE NÃO PROCURA LER O LIVRO DO CMT. AUDET ?

Para assinantes	3\$000
Não assinantes	3\$500
Pelo correio mais	\$500

A instrucção do soldado para o combate

Pelo Cmt. GUIGUE

(Traducção da "Revue d'Infanterie" pelo Cap. Rubens V. Cunha).

CONSIDERAÇÕES GERAES

Na nossa opinião, tres periodos devem caracterizar um cyclo completo de instrucção da tropa e dos quadros:

— um periodo de instrucção individual do soldado e dos grupos elementares (grupos de combate, pelotão);

— um periodo de instrucção da companhia e das unidades mais importantes (batalhão, regimento);

— um periodo de applicação no quadro de uma grande unidade (manobras e estadias nos campos).

Occupar-nos-emos sómente do primeiro periodo aqui, o qual poderemos chamar o periodo do ensino militar primario elementar.

Como o ensinamento a dar no decorrer deste periodo constitue a propria base da instrucção do soldado, convém dar-lhe toda a amplidão e toda a importancia que merece. E' deste ensino que depende todo o valor da instrucção; não se poderia, em consequencia, consagrá-la pouco cuidado e methodo. Além disso, é necessario confiar-lhe só instructores plenamente confirmados, possuidores de um methodo de trabalho e que conheçam processos simples para a applicação deste methodo.

Quando é necessario começar o ensino?

Uma primeira questão se impõe aos instructores, questão que é resolvida de modo o mais variado: quando é necessario começar a instrucção individual?

Para os exercícios de ordem unida, para os deslocamentos individuais e com tropa, para o "desbravamento" do soldado, estamos em geral de acordo, porque é evidente que devemos começar sem demora; devemos até desejar e esperar que a extensão dada á preparação militar permitta receber em breve os recrutas já suficientemente desembargados para que tenham sómente que entrar sem demora, por occasião de sua chegada ao regimento, nos moldes da disciplina.

Ao contrario succede para os exercícios destinados a instruir o soldado para o combate, que alguns consideram como não devendo começar senão apôs o "desbravamento" e que outros, ao contrario, desejariam iniciar imediatamente e conduzir paralelamente com os exercícios de ordem unida.

Não temos, no que nos diz respeito, nenhuma hesitação em declarar que não se poderia começar os muito cedo, de acordo nessa parte com o Regulamento de Infantaria que prescreve "fazer aparecer, desde o começo, a idéa de combate, que deve dominar a instrucção".

Onde e como devem ser feitos os exercícios?

Não ha necessidade, para iniciar este ensinamento, de emprehender exercícios complicados nem de procurar, desde o inicio, terrenos variados: os pateos dos quarteis e suas proximidades

imediatas bastarão na maior parte das vezes, por menos favoraveis que sejam em geral esses lugares para dar a instrucção. Terão, em todo caso, a vantagem apreciavel de permitir, sem perda de tempo, o termino das operações de incorporação. Basta que nos conformemos com as prescrições geraes do Regulamento, adaptando da melhor forma estas prescrições á situação particular e ao meio em que se encontra a unidade, para regular em seguida a marcha da instrucção.

Mas, qualquer que seja a situação, qualquer que seja o meio, desejaríamos que a idéa dominante, junto ao instructor, fosse de considerar instrucção individual para o combate como sendo a chave da abobada do ensinamento a dar. Deveríamos, por conseguinte, procurar para os programmas de instrucção do começo uma praça bastante larga para este ensinamento. Levar-se-á em conta, no decorrer, que não haverá um instante a perder para dal-o convenientemente, mesmo nos limites fixados pelo Regulamento. Perder-se-á um tempo precioso quando, deliberadamente, se esperar poder ir ao exterior para começar esta instrucção, ou, no minimo, os exercícios preparatórios a esta instrucção.

Não quereríamos que nosso pensamento fosse interpretado num sentido restricto, ao preconisarmos o começo de ensino nos pateos das casernas ou suas proximidades e que dahi se conclua que não é preciso ir ao exterior. Estamos, ao contrario, convencidos que é sómente no exterior que se fará excellente trabalho e que será necessário ir ao campo o mais cedo e o maior tempo possível. Será util entretanto, esperando o fim das operações de incorporação, se resignar em aceitar a marcha da instrucção no interior, procurando tirar della o melhor partido.

O TRABALHO NO EXTERIOR E O TREINAMENTO DE MARCHA

O trabalho no exterior nos dará um beneficio immediato e apreciavel, o do treinamento progressivo da marcha e á condução do equipamento e da mochila. A marcha constitue, para o infante, um trabalho essencial cuja importancia o Regulamento não deixa de sublinhar. Convém, efectivamente, não perder de vista que, apesar do desenvolvimento dos meios de transporte mechanicos e o emprego intenso desses meios na guerra, a marcha continua sendo o processo normal do deslocamento da infantaria em campanha.

Logo será necessário que este treinamento seja regulado com cuidado, de maneira a permitir aproveitar todos os exercícios para realizar, graças a uma escolha racional dos terrenos de trabalho, uma progressão methodica que finalise numa combinação harmonica da marcha e da instrucção.

O Regulamento dá sobre esse assumpto indicações precisas, que convirá aplicar sabiamente, cuidando muito particularmente de não "forçar" o treinamento desde o começo. Falta de

attenção sufficiente, expor-nos-ia a mau exito que teria como primeira consequencia um atraso na marcha da instrucção.

A marcha com o calçado regulamentar, muitas vezes mal ajustado no começo, é, para os jovens soldados, um exercicio penoso que se traduz frequentemente por ferimentos nos pés, isto é, por doenças. É pelo treinamento, que se fará entrar no quadro do trabalho diário, que o homem será preparado á execução facil das marchas regulamentares. A marcha diaria cria, desenvolve e matém a aptidão do infante para a marcha, seu sport por excellencia.

Deixemos, por instante, esta importante questão, que examinaremos outra vez, e voltemos á nossa instrucção individual para o combate.

INSTRUCCÃO INDIVIDUAL PARA O COMBATE. — OBJECTIVO. COMO DAL-A.

Esta instrucção tem por objectivo, leiamos no Regulamento, "ensinar ao soldado a agir individualmente em proveito da collectividade", ou de outro modo, de formar homens aptos a combater em todas as circumstancias na cellula elementar da infantaria, o grupo de combate. Não se poderia conceber a instrucção individual para o combate dada fora do quadro do grupo, isto é, sem a noção precisa que todos os homens dum mesmo grupo são e permanecem solidarios em todos os seus actos de combate. Segue-se que esta instrucção deve, obrigatoriamente, ser dada tomando como base uma situação de guerra do grupo indicado, ou melhor, exactamente definida pelo instructor. Este deverá sempre se esforçar em demonstrar que em todas as circumstancias, o successo de todos é a resultante da habilidade technica de cada um e "que ao contrario, a ignorancia ou o desfalecimento dum só pode comprometer o bom exito da acção commun".

NECESSIDADES DE ENSINO PREVIO DE CERTOS EXERCICIOS ELEMENTARES

Antes de abordar a instrucção que visa o combate no quadro do grupo, é necessário, — iamos escrever indispensavel, — de preparar os homens para receber esta instrucção. Esta preparação destina-se a collocar-los nas melhores condições de comprehensão e de adaptação, sem as quaes arriscar-se-ia não ser comprehendido. É o ensino previo de alguns exercícios elementares que constitue esta preparação.

Estes exercícios elementares são os que se encontravam na antiga "Instrucção pratica sobre o serviço em campanha", sob o nome de ensinamento preparatorio e de instrucção individual; excepto alguns detalhes, são os mesmos.

Compreende em primeiro lugar: o conhecimento e a utilisação do terreno.

É permitido esperar que a importancia deste ensinamento permanecerá vivaz na infantaria, principalmente enquanto existirem officiaes que tenham tomado parte na ultima guerra. Seu dever essencial, presentemente, é fazer penetrar profundamente no espírito dos jovens quadros a importancia desta questão, afim que ella não caia rapidamente no mortal esquecimento.

O infante no combate deve, mais que nunca, procurar e encontrar no terreno um de seus mais preciosos auxiliares, quer se trate de ataque ou

de defesa. Será necessario portanto, sempre e em toda parte, ensinar-lhe:

A estudal-o para delle tirar o maximo de protecção;

A percorrel-o numa direcção dada para ahi se dirigir facilmente;

A utilisal-o em todas as suas particularidades, donde os exercícios:

— de estudo;

— de orientação;

— de utilisação; que o Regulamento prevê

Em segundo lugar, encontramos "o emprego das armas no combate".

A utilização do terreno deve permitir aproveitar toda a potencia das armas, quer se trate de offensiva, quer de defensiva; num como no outro caso, a adaptação do fogo ao terreno deve ter por fim dar-lhe o maximo de intensidade.

E' portanto logico não começar o ensino do emprego das armas no combate senão depois que o homem estiver familiarizado com a utilisação do terreno. Ha, ao contrario, interesse em conduzir parallelamente estes dois ensinamentos, desde que a utilisação do terreno esteja suficientemente conhecida.

Mas a adaptação da arma ao terreno que se utilisa para o combate não bastaria ao infante; eis porque encontramos no Regulamento uma serie de outros exercícios que um futuro combatente deve conhecer. E' assim que será necesario ensinar-lhe:

— a procurar os objectivos e a abrir o fogo sobre estes segundo as circumstancias;

— a manejá, montar e desmontar suas armas na escuridão e em todos os tempos;

— a apreciar as distancias em determinados limites.

Não haverá senão vantagens em combinar convenientemente estes exercícios com os que se destinam a ensinar a utilisação do terreno.

A preparação para as missões individuais constituem a terceira serie dos exercícios elementares previstos pelo Regulamento. Este enredo comprehende a instrucção:

— do espreita;

— do esclarecedor;

— do agente de transmissão ou do homem de ligação.

Como a instrucção destinada a ensinar o emprego das armas no combate, a da preparação para as missões individuais não poderá ser dada sem levar em conta a utilisação do terreno, a qual está estreitamente ligada.

De todas essas considerações, podemos concluir que o ensino elementar preparatorio para o combate forma um conjunto harmonico e completo, em que todos os exercícios estão estreitamente ligados.

ENSINO PREVIO DE CERTOS EXERCICIOS ELEMENTARES. O METHODO DE INTRUCCAO

Não poderíamos insistir muito sobre a necessidade de não perder o tempo se o quizer, nos prazos fixados pelo Regulamento, dando a todos os homens as noções indispensaveis para cumprir as missões geraes do combatente num grupo.

Estimamos que a duração de quatro mezes, que o Regulamento dá aos instructores para cumprir o programma do primeiro estagio, deverá

ser judiciosamente empregada, si quizermos obter resultados reaes e duraveis.

E' sómente pelo emprego dum methodo de trabalho bem concebido, bem ordenado e racionalmente applicado a um programma estudado, procurando por todos os meios economizar preiosamente o tempo, que se poderá esperar o objéctivo fixado pelo Regulamento.

Sucede que a procura do ganhar tempo variará com a estação em que começa a instrucção, levando em conta notadamente a duração dos dias, o rigor ou a clemencia da temperatura. Mas querer ganhar tempo não poderia implicar na execução dum trabalho meio terminado, nem na ausencia de espirito de continuidade. Deve ficar entendido que em qualquer estado de causa, a progressividade racional do trabalho deve ser estritamente mantida.

Isto posto, examinemos se poderá dar o ensinamento e quaes deverão ser os principios directores do methodo:

a) Preparação das sessões. — Papel do Capitão.

O Capitão terá que por em pratica na maior escala suas qualidades de instructor e de chefe. Sua acção é essencial, e se pode afirmar que nada seria capaz de substitui-l-a.

Quando tiver escolhido seu quadro de trabalho semanal, deverá sem demora, adaptalo, para o resultado que procura attingir, a seus instructores, a todos seus instructores. O Regulamento faz-lhe de facto, muito sabiamente além disso, uma obrigação a que não poderia se subtrahir sem commetter um erro. Obriga-o a "dar a seus instructores, tanto no curso das sessões praticas preparatorias como por meio de notas summarias, todas as indicações uteis a respeito do papel de cada dia". A importancia destas sessões, desta collocação em condição pedagogica, não poderia sem inconvenientes escapar ao Capitão; porque é deste preparo, da boa comprehensão pelos instructores das directrizes que lhe der de que dependerá a boa ou a má instrucção do soldado.

Não será mau que o commandante de batalhão, respeitando as atribuições do Capitão se certifique, de tempos em tempos, de que essa preparação é effectiva e não se limita ao cumprimento mechanico de uma formalidade sem importancia.

E no decorrer destas sessões, completadas todas as vezes que for necessário por notas summarias complementares, que o Capitão dará, a seu modo de ver, processos simples e praticos destinados a facilitar simultaneamente o papel dos instructores e a comprehensão dos recrutas. Este methodo de ordem geral encontrará seu pleno lucro na importante questão da preparação para o combate que deve, para o Capitão, constituir objecto de suas mais serias preocupações de instructor. Reunirá portanto seus instructores de que seu quadro de trabalho tiver sido escolhido, para lhes dar um resumo geral das particularidades que offerece este quadro e dos principaes ensinamentos que comporta, e lhes indicará as partes essenciais dos regulamentos a rever.

Em seguida, fará, no decorrer da semana, tantas reuniões quantas julgar necessarias para indicar os processos a empregar no decurso dos

exercícios a executar nas duas ou tres sessões que se seguirem.

Previamente, e si possível antes da incorporação — isto é antes do começo da instrucção, deverá, em sessões quantas necessarias, preparar os instructores dando-lhes os principios geraes do methodo a empregar, afim de ter em sua unidade ensinamento uniformizado e coerente. A applicação desses principios no detalhe, isto é, o ensino dos processos a empregar, constituirá objecto das reuniões supracitadas, a organizar durante a instrucção.

Para a instrucção referente ao combate, será preciso que a base deste ensino esteja na execução dos exercícios preparatorios. Estes exercícios devem, como já vimos, preceder obrigatoriamente os exercícios de applicação destinados a adextrar tendo em vista sua acção no grupo de combate e na execução das missões individuaes.

b) Princípios que devem servir de base ao methodo.

O conhecimento do terreno dá as condições de toda a instrucção para o combate; permite ensinar a denominado uniformemente numa linguagem que facilite a comprehensão de todos, e tambem sobretudo, a utilisal-o no maximo, nas melhores condições, segundo as circumstancias do momento.

A observação em estação sendo mais simples e mais facil que em momento, começar-se-á por instruir o homem parado; passar-se-á em seguida á instrucção em movimento. No primeiro caso, deve-se encarar a situação do homem encarregado de observar, de espreitar, de proteger; no segundo, a do homem em movimento, quer isolado, quer em seu grupo com as missões de combater, de esclarecer, de conduzir uma ordem, etc.

Ainda no quadro do grupo, o ensino deve continuar a ser individual até que o homem tenha comprehendido sufficientemente para poder agir em ligação com seus camaradas ou para poder, por si proprio, tomar uma decisão de acordo com o que impõe a situação visada.

Nenhuma hypothese, diferente das que o terreno em que nos encontramos permite fazer deve ser encarada pelo instructor. Não se deve, por exemplo, suppor que se vê alguma cousa quando não se pode ver nada, ou quando um obstaculo pode nos proteger, ao nosso lado não existindo obstaculo algum.

Como consequencia, será necessário mudar frequentemente de terreno. A variedade do ensino deverá ser adaptada ao terreno no qual se trabalha, afim de manter a attenção dos homens; donde a necessidade absoluta para o instructor, de preparar minuciosamente seus exercícios, procurando os terrenos que lhe permittam demonstração facil e completa do que pretende ensinar.

O instructor, depois de ter recebido as indicações do Capitão, deverá procurar os terrenos os mais favoraveis, delles fazendo em seguida um reconhecimento profundo, com o fim de se assegurar de que suas formas e suas particularidades lhes permitirão uma applicação completa do que pretende ensinar.

Regulará a avançada no proprio terreno, os incidentes que pretende crear para apoiar suas demonstrações, de modo que nada de seu ensino fique sujeito á inspiração do momento. Convém,

de passagem, sublinhar ainda uma vez a necessidade de encerrar definitivamente a éra do trabalho não preparado e conduzido segundo a vontade de cada um.

O instructor não deixará de verificar si um mesmo terreno permite combinar numerosos ensinamentos e poderá, por consequencia, ganhar tempo utilizando a fundo todas as particularidades que elle offerecer.

Terá assim um meio economico para variar os exercícios, mas não perderá de vista que um mesmo exercicio deve ser repetido em terrenos diferentes e em circunstancias igualmente diferentes. A variedade deverá portanto ser exigida para o trabalho em todos os terrenos, applicada ás situações mais diversas e tambem a momentos diferentes do dia.

Para polir o homem no que se refere ao combate e lhe ensinar a cumprir missões que lhe tocarão, é indispensavel que a instrucção seja dada a qualquer hora do dia ou da noite. Poder-se-á, sem inconvenientes, trabalhar em um mesmo exercicio no mesmo terreno, em momentos variaveis do dia e principalmente em estações diferentes.

E' necessário considerar, com effeito, que si os accidentes do solo não variam, para um mesmo terreno, o aspecto deste é, ao contrario, susceptivel de modificações apparentes muito numerosas. Será necessário naturalmente instruir os homens levando em conta estas modificações.

Será facil lhes fazer notar que a visibilidade varia consideravelmente segundo o tempo, o estado da temperatura, a hora, a estação, o nevoeiro, a chuva, etc.

Do mesmo modo, mostrar-se-lhes-á quanto a noite, desde o momento em que começa a cahir até aquelle em que é completa, modifica por assim dizer constantemente o aspecto do terreno e do que elle contém. A' noite, o surgir da lúa vem igual e repentinamente trazer mudanças na decoração, e o nevoeiro da manhã, quer desapareça de subito, quer chegue do mesmo modo, quer persista, não deixa de occasionar profundas modificações á visualidade, e, por isto, a situação inicial se encontra frequentemente modificada. Estas modificações acarreterão na maior parte das vezes mudanças das disposições tomadas.

Destas verificações dever-se-á tirar todas as consequencias logicas, sob o ponto de vista de instrucção, organização, exercícios apropriados ás circunstancias que resultarem das mudanças su-
pervenientes no estado do céo, no momento da observação. Será a arte do instructor, que terá entanto de intervir oportunamente para fazer variar o trabalho previsto.

E' importante sublinhar esta questão, porque os quadros esquecem frequentemente, algumas vezes por preguiça de espirito, que as mesmas disposições não podem ser applicadas, por exemplo, em tempo claro e no de nevoeiro e que um observador, bem collocado, com tempo claro, terá seu papel annullado com a apparição de espesso nevoeiro. Não se aprenderá bem isto verdadeiramente senão procurando trabalhar em todos os tempos e a toda hora, em lugar de fazer hypotheses as mais fantasticas e as menos admissíveis.

Em vez de dizer ao homem habituado em pleno dia a estudar e a observar o terreno: "E

agora que farieis se fosse noite?" é preferivel, depois de lhe ter recordado seus deveres de noite em situação analoga, obrigar-l-o a trabalhar depois do fim do dia. E' assim, bem entendido, para os outros ensinamentos.

As explicações theoricas, que deverão obrigatoriamente preceder e acompanhar cada ensinamento, não deverão ser longas nem sobretudo degenerar em conferencias interminaveis que não terão outro resultado senão fazer perder, em definitivo, um tempo precioso. O Regulamento de Infantaria (1ª Parte, numero 71) dá muito sabias prescripções a este respeito; convém nelas meditar e applicá-las. Não será comtudo interdicto resumindo tudo á linguagem "terra a terra" apoiar o ensinamento em exemplos historicos muito simples, todas as vezes que se puder.

Ter-se-á assim, juntamente, ensino tactico, e ensino moral.

A utilização das classes dos antigos como grupos de demonstrações, ou como plastron, deve ser encarada largamente, todas as vezes que o ensinamento o comportar. Organizar-se-ão estas sessões de tal maneira que o trabalho seja aproveitável aos antigos como aos recrutas. Poder-se-á, por exemplo, mandar executar pelos soldados antigos a progressão do grupo numa zona exactamente definida, enquanto os recrutas aprenderão a procurar os objectivos, a dar informações de observavador, a apreciar as distâncias, a estudar os limites de emprego do fogo, etc.

O trabalho á noite torna-se quase o trabalho normal da infantaria em campanha, notadamente para se deslocar, organizar e guardar uma posição, fornecer elementos de segurança, etc.. Por conseguinte, o infante deverá mais que qualquer outro combatente, exercitarse no trabalho á noite por freqüentes exercícios.

O Regulamento fixa as condições de execução deste ensinamento, mas parece necessário prestar especial atenção ao facto dos instructores deverem nos limites fixados, impellir inteiramente esta instrucção desde que o ensinamento dado de dia estiver sufficientemente adiantado para permitir sua comprehensão. Para ser proveitoso, um exercicio de noite deve ser muito minuciosamente organizado e não visar senão um ou dois ensinamentos exactamente determinados.

Dar-se-á, naturalmente, no inicio a instrucção preparatoria, depois a instrucção completa a todos os homens sem excepção, mas notar-se-á que as aptidões particularidades de cada um, notadamente nas missões individuais, não são equivalentes e ainda que certo numero de homens são refractarios natos para executar determinadas missões. O ideal seria ter o maior numero de homens aptos em todas as funcções com igual competencia, mas é necessário saber que este ideal não será inteiramente attingido. E' portanto indispensável que os instructores e os comandantes de companhia conheçam muito exactamente as aptidões reaes de cada um, afim de oriental-os para a especialidade que melhor convém ao seu caracter e a sua instrucção, e poder notal-os muito exactamente sobre suas aptidões em campanha, no momento de seu licenciamento.

Este conhecimento de cada homem não pôria realmente ser completo senão quando, desde o começo, nos dedicamos a segui-los em seus progressos.

O REGIMENTO DE INFANTARIA

I.--O EXERCICIO DO COMMANDO

Pelo Cel. E. LEITÃO DE CARVALHO

De todos os factores que concorrem para fortalecer nos corpos de tropa a disciplina, a cohesão e a operosidade, nenhuma sobrepuja em efficacia a *tradição*, quando inspirada em bons exemplos e cultivada com afinco.

Conservando através dos tempos habitos e costumes, — firmados na observação escrupulosa das disposições regulamentares, na fiel execução das ordens do commando, no amor ao trabalho e na pontualidade, — ella cria um ambiente propicio no seio do qual se opera facilmente o desenvolvimento das — fonte inexgottavel das forças moraes, integração resulta a efficiencia da tropa.

Mais ainda do que a sustentação desse arcabouço de ordem technica, a tradição promove e apura o cultivo das virtudes militares, — fonte inesgotavel das forças moraes, substituiveis e de acção ponderante na guerra.

Numa atmosphera de trabalho, em que a disciplina tenha por base a justiça, e esta se exerce com bondade; a educação se processe mediante o exemplo, dado pelos superiores aos subordinados, — o respeito mutuo e a cordialidade surgem espontaneamente; medram e se expandem os sentimentos de confiança, em que se firmam os laços da camaradagem.

Transmittidos de geração em geração, esses predicados, — que dão á tropa relevo profissional e conceito publico —, despertam o *espirito de corpo*, que, no dizer de Clausewitz, permite assimilar, condensando, todas as forças moraes dispersas de um exercito, assim aprimorando as *virtudes guerreiras*.

Uma unidade com tais caracteristicos é a melhor escola militar de um exercito.

Nella se ministra com segurança a instrucção e a educação aos jovens soldados,

A variedade do ensino, de que já falámos e sobre á qual parece-nos opportuno voltar novamente antes de terminar com os principios directores do methodo deve decorrer do programma fixado, do quadro de trabalho do Capitão. Vimos como o instructor deve procural-o adaptando-o ao terreno, mas é necessario igualmente que o procure na escolha dos meios apropriados.

E' fazendo assim que elle tornará o trabalho attrahente a todos.

cujos primeiros passos na vida laboriosa da caserna serão guiados pelo exemplo dos companheiros mais antigos: adquirem elles por essa forma, desde a encorporação, consciencia das responsabilidades que o uniforme lhes impõe e da repercussão que seus actos podem ter sobre o bom nome da collectividade a que pertencem.

Os graduados incluidos no corpo adaptam-se mais ou menos rapidamente ás condições do meio, estimulados ou coagidos pela conducta dos camaradas, que sobre elles exercerá poderosa acção educativa, compellindo-os ao cumprimento do dever.

Os officiaes, finalmente, de cuja actividade particularmente depende a elevação do nível moral e profissional dos corpos de tropa, encontrarão no seu amor proprio, nos sentimentos de dignidade exigidos por sua condição militar, incentivos bastante fortes para se collocarem á altura das tradições do meio em que ingressam, sendo em geral sufficientes as advertencias dos companheiros para corrigir-lhes os pequenos desvios de conducta, raramente se fazendo mistér a intervenção disciplinar dos superiores, para que se enquadrarem nas exigencias profissionaes da corporação.

Nesse culto á tradição reside a força dos grandes exercitos. Delle emanam a solidez da disciplina, a cohesão inquebrantavel em face do perigo, a correccão individual e collectiva nas apresentações em publico.

Onde essa tradição não existir, é preciso montar a machina do commando com todas as peças, crear o ambiente favoravel ao surto dessas qualidades, indispensaveis para dar á vida arregimentada um padrão superior; e, alcançado o exito, *firmar a tradição*, combinando a repressão disciplinar com o jogo das forças moraes, sempre efficazes, quando manejadas com pericia.

E' essencial, ahí está uma arte, que o trabalho visando a preparação para o combate seja aceito por todos como se tratasse de uma distracção e dum prazer, dos quaes o engenho do instructor teria sabido banir em tempo a monotonia que gera a desattenção, depois a fadiga.

Veremos, no proximo artigo, os processos que poderemos empregar para obter este resultado.

É a função primordial do commandante.

Sua acção educativa, exercitada em primeiro lugar sobre a mentalidade dos officiaes, afim de revigorar-lhes a fé patriotica, o entusiasmo pelo trabalho, a compenetração das obrigações inherentes a seus postos, a circumspecção no serviço, rigorosa pontualidade, — não deve ser alcançada com sacrificio do bom humor e da cordialidade, nem tolher em sua expansão natural a alegria das horas de folga. Será vantajosamente completada com o cultivo das relações sociaes entre os officiaes, poderoso amortecedor contra os choques do quartel e força de equilibrio que aplaina as asperezas deixadas pelo serviço.

Mórmente nas pequenas guarnições, são manifestos os proveitos decorrentes do convívio social mantido entre os membros da familia militar, guardadas, está subentendido, a discreção e cortezia que presidem ao tracto entre pessoas educadas.

Funcção difficult, que requer tempo e certas aptidões de quem a pretender exercitar: conhecimento completo dos deveres do cargo, confiança em si, tenacidade, espirito de justiça, discreção e tolerancia; difficult, mas não irrealizável.

Quando orientados com acerto, os esforços despendidos nesse sentido produzirão frutos que satisfarão cabalmente as aspirações mais exigentes.

Garantida a cooperação dos officiaes, tanto mais efficaz quanto maior for a boa vontade em seguir os conselhos do chefe, estarão vencidas, a bem dizer, as resistencias da rotina. As camadas inferiores da hierarchia, mais extensas, porém amoldaveis com maior facilidade, entrarão na corrente, mediante o exemplo e a acção disciplinar dos commandantes de sub-unidades.

Impresso á actividade no corpo o cunho disciplinar e de operosidade que tornam atrativa e util a vida arregimentada, a sustentação nivell profissional dependerá exclusivamente da acção dos officiaes. E esta, para ser efficaz, tem de ser exercitada *de cima para baixo*.

Nenhum campo é mais adequado á implantação de semelhante experiença do que o Regimento de infantaria. O numero de unidades que o compõem, o seu grande effectivo, servido por numeroso corpo de officiaes, longe de difficultar, como a um exame superficial se poderia suppor, favorece a acção estimulante e coordenadora do chefe, que se trans-

mitirá a um organismo de grande vitalidade, autonomo, em que a administração, a disciplina e a instrucção receberão, por igual e sem perturbação de autoridade estranha, o impulso tonificante do trabalho, que assim produz mais economico resultado.

Temos como improcedente a critica, commummente arguida entre nós contra a organização complexa e, ao ver de alguns, pesada do Regimento de infantaria, que se pretende dever ser substituído na ordem de batalha do Exercito por batalhões de caçadores, que se agrupariam em caso de guerra. O argumento principal dos que advogam essa substituição reside na difficultade, segundo elles, existente no tempo de paz, de manter nos regimentos um nível profissional elevado, devido aos entaves opostos pelo complicado mecanismo da administração e do commando, repleto de rodas autonomas, cujo movimento custa a harmonizar. Tudo depende do valor do chefe e da maneira por que elle faz sentir a sua acção: agindo com justiça e isenção de animo, apoiado sempre nos regulamentos, cujo poder coercitivo deve attingir a todos os degraus da hierarchia, a machina funcionará sem attrictos perigosos e produzirá o maximo rendimento. O batalhão de caçadores apresenta menor complexidade, é certo, mas os resultados que se obtêm são tambem mais reduzidos, devido ao numero restricto de sub-unidades de que elle se compõe. Além do que serão necessarios muitos chefes para uma obra susceptivel de ser realizada com efficacia por um só... No Regimento, o espirito de corpo tem maior alcance, a uniformidade na instrucção abarca maior efectivo; por isso elle é, nos melhores exercitos, o *corpo de tropa por excellencia*, verdadeira escola de commando para os chefes.

No exercicio do commando do Regimento, como o comprehendemos, não é possivel attingir o resultado almejado sem a verificação de duas condições, a que se deve subordinar a actuação do commandante: concessão, nos limites conferidos pelos regulamentos, de autonomia aos chefes subordinados; e fiscalização frequente de todos os ramos da actividade regimental, acompanhada das correccões que o caso exigir, dando a conhecer aos responsaveis a impressão causada pela inspecção do serviço.

A concessão de autonomia aos chefes subordinados é condição indispensavel á conservação dos progressos realizados na implantação, tanto dos methodos de instrucção, quanto das normas administrativas e do regimen dis-

ciplinar: estimula a iniciativa, desperta o gosto pelo trabalho, define as responsabilidades. Mas os resultados, para não baixarem de nível e para se conservarem dentro da orientação geral do commando do Corpo, necessitam ser inspecionados por este; frequentemente, no inicio de sua acção renovadora; mais espaçadamente, á medida que se for firmando o hábito, que gera a tradição.

Essa fiscalização não pôde, nem deve ser considerada pelos chefes subordinados — comandantes de batalhão, chefe do serviço sanitário, etc. — como prova de desconfiança: é apenas desencargo de consciencia, cumprimento do dever, de parte do principal responsável pela boa execução dos serviços no Regimento. Segundo esse exemplo, os referidos chefes exercitarião uma acção analoga sobre os seus capitães, e estes em relação aos seus subordinados. Vulgarizada a prática das inspecções, serão elles recebidas com a maior naturalidade, como a manifestação de um serviço corrente, que a ninguem inquieta nem offende.

Maiores dificuldades offerece ao comandante do Corpo o exercicio de sua acção complementar, traduzida na expressão de seu julgamento acerca dos serviços examinados. A acção educativa vale mais, nesse particular, do que a repressão disciplinar, a que se terá de recorrer, no entanto, em casos graves. A dificuldade reside sobretudo na maneira de fazer sentir, com proveito para toda a corporação, tanto ao responsável pelo serviço fiscalizado como aos chefes de igual categoria, a impressão colhida no exame. O desempenho dessa tarefa requer um tacto particular para a escolha das expressões, que devem traduzir com franqueza a opinião da autoridade que procedeu á inspecção, mas não ferir as pessoas pela dureza ou irreverencia.

Essa critica, — pois a impressão manifestada acerca do estado em que foi encontrado um serviço resume-se na aprovação do que está em ordem, e na reprovação das irregularidades notadas, numa critica, portanto; — essa critica, quando exercitada com criterio, é o mais efficaz instrumento de que dispõe o chefe do Corpo para animar seus subordinados imediatos, ou corrigil-os, sem comprometter o prestigio da oficialidade perante a tropa.

A utilização da *reunião geral*, referida no art. 18 do R. I. Q. T., para julgamento de outras actividades, além da instrucção, a que é reservada pelo dito regulamento, offere vantagens indiscutiveis.

De passagem, cabe aqui uma observação acerca da expressão *reunião geral*, de que se serve o regulamento, em substituição da palavra *critica*, ali julgada imprópria ao caso, porque "não se trata de criticar, mas de ensinar". Em primeiro lugar, *reunião geral* indica apenas a congregação dos officiaes, mas não o fim para que são reunidos. Trata-se é de fazer-lhes ouvir o *juizo fundamentado*, acerca de um exercicio ou de um serviço, emitido pela autoridade que procedeu á inspecção. E o que é *critica*, senão juizo fundamentado acerca de qualquer cousa: obra de arte, actos politicos, factos sociaes, doutrinas scientificas, exercícios militares, etc.? Preferivel é, pois, voltar á expressão consagrada ha tanto tempo em nosso Exercito, e que a ninguem mais arrepia...

O estado em que foi encontrado um serviço — almoxarifado, rancho, formação sanitaria, baias, etc., quando excepcionalmente bom, merece palavras de louvor e animação da autoridade que os passou em revista, as quaes poderão ser proferidas no proprio local, de forma que sejam ouvidas pela assistencia; mas quando excepcionalmente mau, exige uma apreciação no circulo dos officiaes interessados, porquanto toda a collectividade sofre com taes irregularidades do serviço e é natural que dellas tenha conhecimento. Dessa apreciação resulta uma ação moral da collectividade sobre o individuo, efficaz para a correção da falta. Praticada exclusivamente no circulo dos que têm direito de ouvir-a, e em termos convenientes, essa critica ensina e corrige.

É preciso, porém, que o chefe não permita discussão em torno de suas observações: seja justo, breve, commedido nas palavras, saliente os inconvenientes resultantes da irregularidade que notou, chame a atenção para a falta sem personalizar, lembrando o cumprimento do dever; ouça as ponderações dos seus subordinados, quando feitas com respeito e oportunidade, e despeça, agradecendo, a presença dos officiaes.

Não ha vantagem em publicar no *Boletim* factos dessa natureza, que, debatidos pela tropa e apreciados com espirito maledicente no meio dos subordinados, diminuem o prestigio dos officiaes e prejudicam a disciplina. Os resultados das inspecções de serviço, salvo quando derem lugar a punições disciplinares ou provoquem a intervenção da justiça militar, devem ser incluidos entre aquelles assuntos que o § 1º n. 7, art. 53, do R. I. S. G.,

declara "não constituirem matéria de boletim".

Quanto ás inspecções relativas á instrucção, sem duvida que só ha vantagem em que seus resutados sejam expostos e commentados pelo commandante do Regimento no circulo dos officiaes, porque da sua critica resultam sempre ensinamentos que devem ser aproveitados por todos.

Em alguns casos, taes como exercícios tacticos no terreno, não ha inconveniente em que os sargentos ouçam as apreciações da autoridade que dirigiu o exercicio, ao menos na parte que lhes possa interessar. Nada impede que essa autoridade agradeça a presença dos sargentos e os despeça, quando julgar opportuno fazer apreciações dirigidas exclusivamente aos officiaes. O circulo dos ouvintes pôde restringir-se ainda mais, ficando reduzido aos capitães e officiaes superiores, se assim o entender a autoridade, afim de não vexar os commandantes de unidades com observações que não precisam ser conhecidas dos seus subordinados.

Tudo é questão de tacto; a pratica desenvolve as qualidades requeridas para o desempenho dessa delicada função, que se não

pôde exercitar efficazmente sem polidez e tolerancia, ainda que com franqueza e energia.

Mesmo certos assumptos estranhos á administração e á instrucção, mas de importancia para a vida do Regimento, nesse numero os referentes á disciplina e á conduçā de officiaes, convém sejam tratados no circulo destes, onde será mais facil exclarecer os factos, assentir medidas geraes de repercussão immedia.

Essa maneira de proceder offerece a inestimavel vantagem de approximar os officiaes dos seus chefes, estabelecendo entre elles uma corrente de entendimento, que redundar em confiança reciproca e prestigio para o commandante do Corpo, se este souber agir com discernimento e se inspirar sempre em elevados propositos.

A experiençā tentada, com exito, durante os dois annos em que estivemos á frente de um dos regimentos da 5^a Bda. I., nos proporcionou alguns ensinamentos, que parece util divulgar, porque podem concorrer para facilitar a tarefa dos camaradas que, investidos de iguaes funções, deparam com as dificuldades que nos rodearam.

É o que faremos a seguir.

Estatutos de "A Defesa Nacional"

O Grupo Mantenedor desta Revista resolveu alterar seus estatutos e, para tal fim, está se reunindo as quartas-feiras e sabbados.

A revisão que se discute visa, principalmente, obter uma medida que permitta aos não residentes no Rio de Janeiro fazer parte dos seus mantenedores e, embora naturalmente excluidos da Administração, possam concorrer com o seu voto para a constituição da mesma.

Os actuaes revisores dos *Estatutos* recebem de bom grado qualquer contribuição para o trabalho que ora elaboram.

A nova sede de "A Defesa Nacional"

Avisamos aos nossos assignantes que a redacção de "A Defesa Nacional" acha-se installada no salão do antigo arquivo do Estado Maior do Exercito, ala dos fundos do Ministerio da Guerra. — Rio de Janeiro. Ali podem ser procurados os livros que adante anunciamos como quaesquer numeros da nossa Revista.

As encommendas de livros uteis á profissão militar, editados aqui ou no estrangeiro e expostos a venda no Rio de Janeiro, podem ser para ali enviadas, mediante a taxa de 1\$500 sobre o custo proprio, para porte, embalagem e registro.

A correspondencia poderá ter aquelle endereço como tambem ser enviada para a Caixa Postal n. 1.602 que continuaremos a manter.

Officiaes do exercito da Bolivia convidados para a E. A. O.

Em rodas militares era hontem lisongeiramente commentada a noticia de que o nosso governo teria convidado a tres officiaes do exercito boliviano para frequentarem as aulas da nossa Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes.

Foi intuito de um dos nossos ex-ministros da Guerra offerecer algumas matrículas na nossa Escola Militar a jovens estudantes militares de outros países da America; esta idéa porém, infelizmente, não chegou a se concretizar, talvez mesmo pelas deficientes instalações da Escola do Realengo. Por esta e outras razões urge encarar o problema da nova Escola Militar. Em quanto isto porém, não se dá que leve o governo avante a feliz idéa de atrair officiaes subalternos para frequentarem a nossa Escola de Aperfeiçoamento, donde poderão sahir levando um conceito que por certo concorrerá para melhor apreciarem o "progresso" das nossas instituições militares.

(Do *O Jornal* de 18-3-931.)

"Peis que a guerra não é mais que a fórmula violenta da politica exterior, resulta que a organização militar guarda íntima connexão com a constituição do Estado, e, por sua vez, da organização militar resultam fórmulas typicas para o feitio da guerra".

H. v. TREITSCHKE

IDEAES E COBIÇA

Reflexões escriptas na prisão, em Julho e Agosto de 1924, a bordo do "Almirante Jaceguay", na Bahia do Rio de Janeiro, junto á Ilha Fiscal.

Pelo Cel. BERTHOLDO KLINGER

XXIV

Razão a quem a tenha

Dar razão a quem a tenha e fazel-o sem ferir o prestigio da autoridade (*) são dois principios harmonicos da boa ethica da disciplina militar.

Essa affirmação secca de uma concordancia perfeita é desde logo algo estranhavel, dado que de commun se vê na vida practica a interpretação antagonica dos dois principios, reaffirmemos, solidarios, intercomplementares.

Com efecto, o que em geral se vê quando surge um desentendimento entre um subordinado e um superior e aquelle tem que apellar para a decisão da instancia acima do seu referido chefe é que, a pretexto de salvaguardar o prestigio do superior que errou ou exorbitou ou simplesmente se enganou, não se dá razão ao subordinado, que a tem. Mórmente quando o pomo da discordia é uma questão de cumprimento de deveres funcionaes do querellado, quasi sempre o superior que tem de decidil-a, "si tem telhado de vidro", é certo que toma partido contra o reclamante.

A solidariedade entre os chefes que não cumprem os deveres de sua função é um facto: ella é instinctiva, é uma inspiração espontanea da tacita comparsaria de defesa mutua.

E! como soffre com isso a disciplina, que é o proprio cimento que entreliga as pedras do edificio militar! A injustiça de tales decisões, isto é, da sonegação da razão ao subordinado em face da pre-

potencia de um superior que contra elle peccou é transparente; e nada solapa mais a disciplina do que a injustiça.

Precisamente dar razão a quem a tenha seria um meio inequivocável de robustecer a disciplina; porque daria aos subordinados a seguridade de que qualquer abuso, erro ou injustiça de um superior está fadado a duração ephemera, visto como, si não elle proprio, a instancia sobreseguinte restabelecerá as coisas em seus devidos logares.

O prestigio da autoridade jámais pôde ser prejudicado pela annullação de um acto seu errado, salvo si este foi dictado por má intenção; o acto errado é que, em qualquer hypothese, automatica e inevitavelmente fere o prestigio do superior, e o remedio unico contra esse mal é o restabelecimento do direito, da justiça, quanto antes. O desejo ingenuo ou malsão de defender o prestigio da autoridade pela sustentação de um acto errado multiplica o mal, fere a quem procede escravo desse desejo; pôde a teimosia prepotente implantar o terror, nunca, porém, beneficiar o prestigio, consolidar a disciplina.

O prestigio da autoridade não se crê nem se sustenta com attentados ao direito, elle é immamente à rectidão dos actos da autoridade.

(*) Do R. I. S. G. 1920, art. 407 § unico. Suprimido no R. I. S. G. 1930.

XXVI

Zelo e exactidão

Nem excesso de zelo, nem desobediecia disfarçada! Cem vezes peor ésta que aquelle.

O excesso de zelo ocorre geralmente pela má apprehensão do espirito de uma ordem severa, pela falta de intelligencia no interpretar o seu objecto ou falta de coragem para proceder segundo a judiciosa interpretação, pela falta de commodimento no exercicio da autoridade, ultrapassando no rigor as necessidades do serviço. Algumas vezes também se manifesta por calculo para atrair a attenção dos superiores, ganhar-lhes as boas graças. Neste caso é quasi sempre innoeu, torna-se o excesso de zelo apenas ridiculo ou até antipathico. Nos demais casos é prejudicial, pelo menos ao prestigio da autoridade de quem emanou a ordem, por cuja conta o subordinado se excede; e essa execução não recomenda a intelligencia, o caracter do executante.

Outras vezes é apenas uma demasia que mais prejudica ao proprio autor porque, em detrimento ulterior de sua productividade ou sem reclamo inadia-

vel do serviço, elle superactiva os seus esforços com risco de exgottar-se ou inutilizar-se para outros mais importantes.

Cem vezes peor é a desobediecia disfarçada. Manifesta-se veladamente, nem por isso menos perniciosa, solapadora, quando, por exemplo, ha algum ressentimento pessoal do subordinado contra o superior com quem aquelle deve cooperar, cumprindo e fazendo cumprir suas determinações; ou é um mal de origem profunda na falta de ardor ou do gosto profissional, symptomatisada pela preguiça habitual, pela desidia inveterada, pelo desinteresse no serviço, e tudo isso sempre occulto, disfarçado, desleal, traiçoeiro, atraç do expresso assentimento ás ordens das determinações vigentes.

Tal subordinado nada objecta, não recusa as ordens, sejam quaes forem, ao contrario, tem sempre prompto o "sim, senhor!" Mas não cumpre. Faz resistencia passiva. É um deshonesto, um pernicioso, falso, trahidor.

XXVI

Invasão de atribuições

Actividade não é só questão de trabalhar seja como fôr, é questão de dar o trabalho reclamado pela função ocupada. Portanto, actividade real, util, efficiente, implica a competencia.

Em 90% dos casos a intromissão na função alheia, isto é, a invasão de atribuições, é manifestação de incompetencia.

Ha incompetentes dotados de grande capacidade e desejo de trabalhar e então derivam essas qualidades invadindo a esphera de actividade dos subordinados. Enquanto assim exgottam, dão extracção á sua potencialidade de trabalho, soffre o conjunto, já pela compressão dos orgãos subordinados cuja função absorvem, já porque fica ao abandono a função propria do superior. Semelhante incompetencia é pois de múltiplo efeito: o orgão que a manifesta não desempenha a sua função e causa a incompetencia dos orgãos subordinados, porque desrespeitandolhes a autonomia, annullando-os, não os educa para o bom desempenho da sua função delles.

Exemplos desse mal temos no exercito em toda a escala da organização e em todos os ámbitos, desde a base até o ápice: o tenente que, em vez de fazer monitores, de exigir que elles dêem instrucção e fiscalisal-os, dá directamente todo o ensino aos recrutas em massa; e o ministro que desrespeita a autonomia do estado-maior — tudo são invasões de atribuições, mostras de incompetencia. Ao orgão que desempenhe cabalmente a sua função, não lhe sobra tempo de metter-se a fazer funções dos orgãos subordinados.

Tambem acontece a intromissão em sentido contrario, isto é, a do subordinado na função do superior; mas isso é menos prejudicial. E' outro fructo da incompetencia do superior, mas, contando em geral com o assentimento deste, denota justamente um desejo de corrigir, um recurso, para que a função superior seja exercida, como convém ao conjunto.

XXVII

Consultopathia

"Quem quer faz, quem não quer consulta!"

E' esta uma formula expressiva, que na applicação de nossa actividade deve guiar-nos em face dos casos omissos de regulamentos ou ordens.

Salta aos olhos que é uma parodia da conhecida fabula das cotovias: quem quer vae, quem não quer manda! Essencialmente militar, a sua observancia é typica como manifestação do imprescindivel desassombro, da primorosa virtude do amor á responsabilidade ou melhor da coragem de assumir responsabilidades.

Onde não existe a *hygiene do trabalho*, tudo que possa servir de pretexto para deixar de fazer qualquer trabalho é aproveitado, perspicacissimamente, para não fazel-o. Toda omissão, ainda que sob forma de duvida capciosa, num regulamento ou ordem, fornece ao não-trabalhista um desses pretextos.

E quando ha um resto de pudor profissional — incommoda peia que isso é! — ou quando surge o assédio das solicitações de camaradas que querem trabalhar e que querem, portanto, levar por deante o serviço, apesar de tal ou qual omissão ou duvida, para a qual o raciocinio indica o remedio, desponta no espirito inventivo de quem quer defender o seu descanso, a doce inacção, um recurso salvador, pelo menos ganha-tempo: a consulta!

Coherentemente, resolvido que se faça a consulta, o trabalho a que ella se refere não pôde ser feito até que venha a solução. "Ganha-se" assim precioso tempo, no minimo, mesmo na *hypothese "desfavoravel"* de que a solução venha a ser aquella que tudo impunha, que a dita hygiene do trabalho indicava, consoante a interpretação dos que queriam salvar o insignificante obstaculo.

A formulação da consulta, o seu encaminhamento pelos famosos canes competentes, de navagabilidade invariavelmente e invencivelmente precaria, a elaboração da resolução e sua transmissão, tudo são

operações tardigradas. Eis precisamente o que torna appetecivel a consulta, porque é largamente satisfeito o vicio, o velado desejo do consultopathia, que é "ganhar" tempo.

A's vezes tambem não é propriamente a preguiça o movel da protelação sempre causada pela consulta: é o medo de assumir a responsabilidade de uma resolução que não esteja escripta com todas as letras no regulamento ou na ordem. Infelizmente esse mal é commum e ataca mais á medida que se sobe na escala hierarchica: *galão até o sovaco, medo até o nariz!*

Esse temor, a par de prejudicar o serviço, revela em quem o aninha a falta de competenciação dos deveres da função. A coragem de assumir a responsabilidade da resolução prompta das omissões ou duvidas não pôde ser considerada como attrito extraordinario, phenomenal; deve ser vulgar, deve ser exercida com toda a naturalidade por todos os chefes militares, em todos os gráos. Necessariamente a resolução em casos taes ha de ser baseada, quando não em disposições textuaes correlatas, pelo menos no superior criterio geral do interesse do serviço; desde então, a todo tempo que a autoridade superior, competente para decidir, tenha conhecimento de tal iniciativa só terá que louvar. Mesmo que se torne necessário alterar a solução adoptada pelo subordinado, isso em nada o diminuirá, e restará a certeza de que não desertou a iniciativa raciocinada e não se quebrou a fundamental continuidade no trabalho, no serviço.

Uma consulta só é licita, só tem cabimento na forma que está definida em regulamento, e não deve ser pretexto para sustar a marcha ininterrupta do serviço, ou simplesmente entravala. Ao comunicar então a duvida ou omissão á autoridade superior, isto é, ao apresentar a consulta, comunique-se tambem qual a resolução provisoriamente adoptada.

XXXIV

Mesuras e coices

As excessivas medidas, em gestos ou palavras e ações de deferência, para com o superior, do qual mais ou menos imediatamente o mesureiro depende, e a inutil ou ostensiva e habitual desattenção ou brutalidade de tratamento para com o subordinado, do qual o bruto nada precisa — são dois traços que em geral se harmonizam no mesmo indivíduo. Se é que não destoa arripiadamente pensar em harmonia, deante de uma associação de dissonâncias!

O primeiro dos aspectos, vulgo engrossamento, revela no dizer brandíssimo do marquês de Maricá, o habito da mentira, amável mas condenável. Indica insinceridade, hipocrisia, cálculo, ou o mal velado desejo da reversão em interesse pessoal. É a confissão da falta de dignidade pessoal e profissional, da ausência de confiança no valor próprio, ou do conhecimento da própria nullidade, e de suposição de falta de critério do superior. O engrossador, porém, vive e prospera porque encontra aceitação do superior, incauto ou fraco, que lhe dá animação e paga com distinção e favores.

O segundo aspecto, a grosseria para baixo, espécie de reverso ou desabafo psicológico contra o constrangimento da máscara dos sorrisos para cima, revela a falta de noção da dignidade alheia, a incontinência na superioridade hierárquica, infidelidade ao compromisso fundamental militar, que entre os seus mandamentos aponta o da bondade para com os subordinados. O tratamento abrutalhado, estúpido, offensivo mesmo, ao subordinado, exorbiata das prerrogativas, incita portanto a vítima a também sahir da órbita do respeito; em todo caso, prejudica o serviço, ou porque avulta ao colaborador, se elle se confirma, ou porque suscita a sua hostilidade, si não repulsa instinctiva e tacita resistência.

A disciplina não autoriza, nem acoberta o mau trato, e a educação pessoal não pode exigir que se sopite o revide.

Não se confunda subordinação, consideração para com o superior — com sabujice; nem superioridade hierárquica, rigor, energia — com brutalidade, grosseria.

XXXV

Igualdade, não nivelamento

A igualdade na vida prática é um fenômeno concreto; é pois errado transportar para ella a noção da igualdade matemática, que é abstrata.

Igualdade não é nivelamento! Assim é que na vida em sociedade não se deve dar o mesmo tratamento a todos, deve-se dar "o seu a seu dono". Dar a cada qual o que de bom direito lhe cabe! Tratar cada um como o mereça!

Por desgraça, é extremamente comum, com ares solenes ou paternais, pretenciosos, como quem quer inflexivelmente fazer justiça, irradiar bondade — dar o mesmo a todos, tratar a todos da mesma forma, aos que o merecem e aos que não lhe fizeram jus. E? haverá nada mais acabadamente injusto, máo?

Dar a quem tem direito é justo; mas dar também o mesmo a quem não o merece, si apparentemente não prejudica o primeiro e é apenas bondade para com o segundo, é porém irrefragável injustiça,

maldade para com aquele, porque implica em nivelando indevidamente. É uma verdadeira desigualdade, ao inverso da pretensa igualdade.

E' ainda sob o ponto de vista moral, educativo, duplamente condenável tal noção de justiça ou bondade, tal critério de igualdade: tende a matar nuns o estímulo para a conquista e conservação do direito ao bom quinhão, a gerar nos outros a indiferença por semelhante esforço, fazendo-os ainda ritem-se daqueles, com laivos de superioridade ou maior esperteza.

O exemplo é perfeitamente geral: a palavra *dar* deve ser entendida não só ao pé da letra, mas genericamente. Implica não apenas a idéia de entregar, mas também a de *tomar*, applica-se nas ações de concessão ou recusa, louvor ou censura, premio ou castigo. "Dar o seu a seu dono!" *Distingamos! isso é que é genuína igualdade!*

XXXVI

Comodidade no serviço

Nas relações de serviço para com os subordinados, quem quiser comodidade compra seus deveres. Entre os deveres figura o de exigir que cada subordinado cumpra o seu, cumpra as exigências regulamentares.

Ha muita gente que, visando sua comodidade, ou por preguiça, e apparentando bondade, tolera as infrações ao dever por parte de seus subordinados, concede-lhes favores extra-regulamentares ou até proibidos. Que trabalho que isso dá ao "comodista"! As faltas, os pedidos tornam-se praga. Elle não tem descanso, a examinar as transgressões e passar a mão pela cabeça aos culposos, a ouvir e despachar toda a sorte de solicitações. Cada concessão dessas espe-

cies gera novas faltas, novos pedidos e... um dia a casa cae. Lá vem um caso que levanta celeuma, o superior toma conhecimento, descobre-se a causa primária na pretendida bondade sistemática do comodista, que em verdade não é senão fraqueza, preguiça ou desidia — sempre indisciplina. Ninguém lhe acha desculpa, nem mesmo os beneficiários de sua condescendência, que em geral são os mais autorizados, decisivos accusadores, graças à sua experiência pessoal.

Agora o quadro oposto.

O severo, inteligente cumprimento do dever nos dá algum trabalho. Primeiro, porque é necessário

Subsídios para os Quadros de Reserva

Para os alunos do S. I. do C. P. O. R.

Pelo 1º Ten. NILO GUERREIRO

NOTAS DE UM CMT. DE PELOTÃO

1) Não devo jamais perder de vista os principios basicos do combate: a) preponderancia dos factores moraes; b) vontade de acção; c) preponderancia do fogo; d) manobra do forte ao fraco; e) liberdade de acção (segurança); f) procura da surpresa; g) escalonamento; h) conservação e organização do terreno; k) conservação dos laços tacticos; l) coordenação dos esforços; m) remuniciamento.

2) Tenho por dever sempre dispôr meus G. C., dar-lhes objectivos e missões de fogo; ordenar as manobras destinadas á reducção das resistencias inimigas pelo jogo intelligentes dos meus G. C., conservar a direcção de marcha do meu Pelotão apesar de tudo, preocupar-me a todo instante com a ligação com meu Capitão e os pelotões vizinhos, velar pelo remuniciamento e fazer questão de honra de conservar o contacto.

3) Em todos os exercícios que ministrar ao meu Pelotão devo procurar coordenar a acção dos meus G. C., ensinando-os a combater em união com os G. C. vizinhos ou, por outras palavras devo manter na mão o Pel. dando a todos os seus elementos a cohesão de conjunto.

4) Os meus exercícios serão cuidadosa e minuciosamente preparados, convenientemente dirigidos e habilmente explorados. Elles terão um fim preciso. Nunca levarei o meu Pel. ao terreno sem antes responder a mim mesmo a seguinte pergunta: **QUE QUERO EU ENSINAR HOJE?**

Jamais improvisarei no terreno um exercicio de combate e como o fogo é o factor preponderante do combate nelles representarei, materializando, todos os fogos de Infantaria e artilharia.

5) Não deverei realizar nenhum exercicio de combate senão depois de todos os meus homens terem recebido uma instrucção tactica e progressiva:

- a) Instrucção dos atiradores para o combate (R. T. A. P.);
- b) Instrucção tactica individual propriamente dita;
- c) Instrucção no quadro da esquadra;
- d) Instrucção no quadro do G. C.;
- e) Instrucção preparatoria para o combate;

Começarmos por casa, dar o exemplo, cumprirmos o nosso proprio dever e isso custa algum esforço e quasi nunca nos produz propriamente popularidade ou bemquerença — nem entre os nossos subordinados, nem entre os nossos collegas e superiores commodistas; começa que, como nem todos são assim exigentes para consigo mesmo e para com o proximo, os subordinados apalpam, procuram obter de nós a

A instrucção de combate será pois o remate da instrucção tactica do meu Pelotão.

6) O cyclo dos exercícios a ministrar ao meu Pelotão será:

- a) O Pel. na approximação;
- b) Progressão do Pel. no ataque;
- c) Manobra desbordante do Pelotão;
- d) Assalto e combate corpo a corpo;
- e) Occupação immediata do terreno conquistado;
- f) Conservação ou retomada de contacto;
- g) Combate do Pel. em cooperação com os carros de combate;
- h) O Pel. em ponto de apoio;
- i) Execução de um golpe de mão;
- j) O Pel. como patrulha;
- k) O Pel. em reserva;
- l) O Pel. como Flanco-guarda de ligação;
- m) Exercícios de remuniciamento em variadas situações.

7) As formações não têm virtude propria. Ellas variam com a situação tactica e o terreno. São esses os factores que as commandam. Ellas se modificam insensivel e progressivamente dentro do mesmo comportamento transversal ou longitudinal sem a menor ordem ou determinação. A Geometria sempre foi inimiga da Tactica, pois esta não tolera formações regulares. Ao invés portanto de dizer: o Pel. vai se deslocar em columna dupla, xadrez, etc., deverei mais propriamente ordenar: o Pel. marchará com 2 G. C. em 1º escalão e 2 G. C. em 2º escalão etc., dando aos meus G. C. os pontos de direcção.

8) Em principio a frente de um Pel. não deve ultrapassar de 200 metros.

9) Na approximação eu guio o meu Pel. Marcharei por isso á frente do G. C. que eu designar como base. Devo nesse caso receber do meu Capitão as seguintes indicações:

- a) direcção geral da Cia.
- b) formação da Cia.
- c) direcção particular do Pel. (ponto de direcção, angulo de marcha) ou intervallo e distancia do Pel. base.
- d) collocação dos Pelotões vizinhos que não pertencem á Cia.
- e) pontos successivos do terreno a atingir.

10) Nas preliminares do combate procurarei determinar a importancia das resistencias que surgirem, manobrando-os pelo fogo dos meus G.

mesma condescendencia, os mesmos favores, hbituas em outros. Logo, porém, cada um fica sabendo com quem está lidando, todos se cuidam, ninguém vai perder tempo em sómente nos aborrecer com solicitações que, já se sahe, desatenderemos, talvez ainda com uma lição de moral.

Nada mais comodo que cumprir o dever! E' só tratar de fazel-o...

C. A simples ameaça de desbordamento ou a efectivação da manobra classica do desbordamento constitue a regra geral para a redução dessas resistências retardadoras. Se o inimigo cede, o Pel. retoma sua progressão. Em caso contrario a intervenção da Cia. torna-se necessaria, devendo eu sempre comunicar tal facto acompanhado de um ligeiro "croquis" ao meu Capitão.

O emprego pois dos meus G. C. de 2º escalão visa sempre o movimento para a frente.

11) Antes do ataque indicarei aos meus Cmts. de G. C.:

a) a missão da Cia. e a sua direcção geral.
b) a direcção, objectivo ou missão particular do Pelotão.

c) a formação do Pel. e o papel de cada G. C.

d) posição dos Pelotões vizinhos e, se fôr o caso, as ordens sobre o grupamento dos meus V. B.

12) O Pel. ataca sob a protecção dos órgãos de fogo que apoiam o ataque; (base de fogo, artilharia etc.) logo que não é mais possível avançar sem atirar mandarei abrir fogo e o meu Pel. proseguirá seu movimento explorando pelo movimento de seus G. C. o fogo dos outros G. C. e dos G. C. ou Pelotões vizinhos. Assim obterei a combinação do movimento e do fogo.

13) O ataque é o fogo que avança. Logo, para avançar empregarei, se julgar necessário, todos os meus meios de fogo. O dispositivo de ataque é pois em ultima analyse um dispositivo de fogos.

14) Quando meu Pel. fôr detido elle se enterrará e manterá o terreno a todo custo. Lembrar-me-hei sempre que a infantaria no combate só tem um dever: "o de bater-se a fundo para conservar o terreno ocupado conquistado ou reconquistado". A lucta encarniçada e decidida dos meus G. C., afferados aos solo e fixando com seus fogos as resistencias inimigas, dá ao meu Capitão ou Major a possibilidade de retomar a offensiva com os elementos que elles dispõem, libertando o meu Pel. pelo desenvolvimento da manobra desses elementos.

15) Em todas as paradas previstas ou imprevistas do meu Pel. deverei coordenar as operações de defesa pelo fogo, organizando um sistema de fogos cruzados, restabelecendo a ordem no dispositivo, as ligações com o Capitão e os Pelotões vizinhos, tomado as disposições necessarias para a conservação do contacto, interinando-me da situação em munições e organizando o remuniciamento do meu Pel. Quando a parada duma certa duração é prevista devo aperfeiçar o plano de fogo do Pel. attendendo as determinações que receber do meu Capitão. Deveréi velar para que a execução dos signaes regulamentares (paineis de demarcacão etc.) seja feita por ordem superior ou a pedido do avião.

16) Jamais esqueceréi as vantagens que proporciona o escalonamento dos meus G. C. em profundidade:

a) diminue a vulnerabilidade do meu dispositivo;

c) permite que, com os fogos dos meus G. C. de 2º escalão, eu possa flanquear ou evitar

as lacunas do systema de f. go organizado para os G. C. de 1º escalão;

d) dá-me a possibilidade de contar sempre com 1 ou 2 G. C. para o meu elemento de manobra, facilitando-me o jogo dos contra ataques.

18) Quando o assalto fôr o ultimo lance do ataque eu o desençadearei com o meu Pel. logo que julgar favorável a situação, lançando os meus G. C. para a frente, empregando o maior numero possivel de bayonetas em linha, atirando com os F. M. em marcha e lançando granadas.

Quando o assalto parte de uma base de partida organizada, meu Pel. á hora determinada partirá sobre seu objectivo. Se este estiver sendo submettido aos fogos de nossa base de fogo de Artilharia, deverei abordal-o sem demora logo que os tiros cessem, explorando assim pelo movimento rapido o efecto de surpresa produzido sobre o inimigo.

19) A idéa de manobra para o meu Pel. poderá se traduzir por 3 regras, conforme a situação imposta pelo inimigo ou pelo terreno:

a) E' POSSIVEL AVANÇAR COM TODO O PEL. — neste primeiro caso o Pel. avança na direcção assignalada, conservando o escalonamento necessário;

b) TODO O PEL. E' DETIDO PELO FOGO INIMIGO — deverei neste caso procurar com os meus proprios meios a superioridade de fogo. Se não conseguil-a recorrerei á Cia.. Desde que a superioridade de fogo seja obtida o Pel. retomará a progressão;

c) PARTE DO PELOTÃO E' DETIDA PELO FOGO INIMIGO: a regra a seguir é o emprego do 2º escalão para desembraçar o Pel.. Aplicação do principio de infiltração "entre as fracções de 1º escalão umas se chocam com um elemento avançado, outras encontram o caminho livre e disso se aproveitam para se infiltrarem audiosamente nos corredores não batidos", procurando reduzir tais resistencias pelo desbordamento.

20) Manobra é uma combinação de forças em vista de um fim preciso. Manobrar é pois combinar os esforços das unidades ou fracções que se commanda, levando em conta as propriedades do armamento, do terreno e do que se sabe sobre o inimigo. A manobra mais caracteristica da Infantaria é a manobra desbordante, pois é ella que dá maiores resultados. Consiste em progredir pelo flanco ou no intervallo de uma frente descontínua para tomar o inimigo de flanco enquanto elle é fixado pela frente.

Praticamente podemos resumir, dizendo que a manobra da Infantaria é marchar sempre na direcção assignalada apezar do inimigo.

21) Se a Infantaria é a arma do fogo e movimento, preciso traduzir minha idéa de manobra pela repartição de missões aos meus G. C. determinando quais são os que agirão pelo fogo contra as resistencias inimigas e quais os que deverão avançar, infiltrando-se pelas zonas de menor resistencia, afim de tomar o inimigo sob seus fogos (a principio de escarpa e depois de flanco) o mais proximo possivel. D'ahi a noção do concurso que o movimento presta ao fogo levando-o mais perto possivel do inimigo e a consequente affirmation de que "manobra é o fogo que se desloca".

HISTORICO DO 1º REGIMENTO DE ARTILHARIA A CAVALLO

(Continuação do n. 204)

Pelo Cap. JOSÉ FAUSTINO FILHO

AS DIVISÕES DE OBSERVAÇÃO

Commando da 1ª Divisão ao Brigadeiro David Canabarro e o da 2ª ao Coronel Francisco Pedro de Abreu, Barão de Jacuhy, sendo constituída aquella de duas brigadas sob os commandos dos Coronéis Antonio Fernandes Lima e João Antonio da Silveira e esta por tres brigadas que foram commandadas pelos coronéis Silva Ourives, Manoel Lucas e Tristão José Pinto.

Da 1ª Divisão ainda faziam parte aquellos dois batalhões, 2º e 10º de infantaria, que não mais alcançaram as forças de Menna Barreto, e duas baterias do 1º Regimento de Artilharia a Cavallo, 1ª e 4ª, do commando dos Capitães José Silva e Trajano Antonio Gonçalves de Medeiros e Oliveira, cujas 8 boccas de fogo, pela falta de artilleiros, foram garnecidas por 40 praças da guarda nacional. Em Bagé, a tal effectivo se incorporaram 30 artífices vindos do Rio de Janeiro.

Desde 17 de Outubro de 1864 que o General Canabarro recebera ordem para organizar sua divisão de observação; a 7 de Dezembro o Almirante Tamandaré lhe comunicava a declaração de guerra do Paraguai e a possibilidade de invasão do Rio Grande do Sul e, a 14 deste mês, o Marechal Menna Barreto lhe ordenava que se apromtasse para marchar ao primeiro aviso.

A 1º de Janeiro de 1865 communica elle ter assumido o commando da Divisão que estava organizando e pede a criação dum batalhão de infantaria, em Uruguaiana, indicando para commandal-o o Cap. do 1º d'Artilharia Joaquim Antônio Xavier do Valle, então commandante da garnição daquella praça.

RENDIÇÃO DE MONTEVIDÉO

A 19 de Janeiro, o Conselheiro Paranhos, comunica a D. Rufino Elizalde, Ministro do Exterior, que o Brasil reconhecia o General Flores como beligerante, nobremente dedicado aos interesses de sua pátria e que o governo imperial nenhuma intenção nutria que não se conciliasse com a independência e soberania da República Oriental. Receiendo que Montevidéu tenha o destino de Paysandú recorre Aguirre ao corpo diplomático para obter a suspensão das hostilidades até 15 de Fevereiro quando pretendia proceder a eleição de seu substituto.

O ministro italiano Barbóni dirigiu em nome de seus collegas aquelle appello ao nosso plenipotenciário e a sua resposta foi uma decepção para o corpo diplomático que ignorava as leis orientaes, pois a eleição seria um crime político por estar o senado com seu mandato extinto e pois, não suspenderia as hostilidades, enquanto Aguirre não se retirasse do poder.

Ao chegar a Montevidéu a notícia da tomada de Paysandú, o partido blanco rompeu em ex-

cessos, gritando: abaixo o governo e morte aos brasileiros!

Não nos podendo censurar, dado o denodo e a intrepidez com que officiaes e praças ali tinham agido, qualificaram de luxo de bravura e temeridade ao valor patenteado.

Tocou-se rebate; a guarda nacional correu a quarteis, o tumulto foi tal que o governo não o pôde conter.

As famílias aterradas corriam para o caes em busca de transporte para Buenos-Aires.

Organizou-se uma Junta de Salvação Pública, exigindo esta a exoneração do ministro da guerra, que é substituído por um advogado demagogo, Susviela, o qual para reerguer o animo dos defensores da praça improvisou uma passeata conduzindo uma velha bandeira brasileira que Munhoz teria achado nalgum armazém dos que saqueara e para lá mandara como trophéo de guerra.

Dentro da praça porém, já ia em meio a desordem, uma facção queria que se tratasse com o inimigo e outra preferia a guerra sem tregos.

Os senadores se reunem sob a ameaça de morte e elegem presidente a D. Thomaz Villalba, não concordando com isso a facção exaltada que procura subornar a guarnição para revoltar-se e constituir um governo militar com Carrera e Aguirre.

O novo presidente resolve enfrentar a situação, requisitando do corpo diplomático o auxílio das forças navaes estrangeiras com cujo apoio fica o governo prestigiado, demitte Palomeque do commando da praça e desarma aos exaltados, sendo suspensas as hostilidades. O ministro italiano é encarregado de entabolar negociações, assinando a 20 de Fevereiro o convenio da capitulação as forças brasileiras e coloradas.

O General Flores, assumindo a presidencia da Republica, deu ao Brasóil todas as satisfações que elle reclamava.

A bandeira brasileira é içada no forte de São José, dando-se em sua honra 21 tiros, e áquelles que a tinham injuriado nas ruas de Montevidéu, obriga-se-a deixar o Estado Oriental.

Aquellas salvas responde uma das baterias do glorioso 1º de Artilharia a Cavallo, postada em linha, em frente ao quartel de Bastarrica, enquanto as bandas marciaes tocam o hymno brasileiro.

Estava o Estado Oriental reintegrado em sua independencia. E para ella concorremos com o mesmo desinteresse com que compartilhamos da libertação da Argentina.

CONDECORAÇÕES

Sua Majestade o Imperador resolveu então, condecorar aos seus soldados que, com tanto bra-

vura, tão alto tinham elevado o nome de sua pátria.

Por decreto de 18 de Fevereiro de 1865, foram agraciados 64 officiaes do Exercito e 49 da Marinha, cabendo a todos os valentes officiaes do 1º a Cavallo a medalha de "Cavalleiro da Rosa" pelos serviços relevantes prestados no Estado Oriental do Uruguay, sendo o intrepido 1º Tenente Cunha Mattos promovido a Capitão, além de destinguido pelo cavalheirato do "Cruzeiro" e o heroico Ten. Cel. Mallet recebeu a "Commenda da Rosa".

Por decreto n. 3.468, de 8 de Maio de 1865, creou o governo, ainda, uma medalha para uso de todos os officiaes e praças que sob o comando de Marechal Menna Barreto, tivessem assistido a convenção de paz, de 20 de Fevereiro.

COMBATENDO O DESPOTA LOPEZ, DO PARAGUAY

A invasão de São Borja

Em Março, consta que 10.000 paraguayos se acham acampados entre São Carlos e São Christovam, ameaçando Uruguayan; sendo Canabarro instado a atravessar o Uruguay para combatê-los, pediu ao Visconde de Tamandaré 3.000 a 4.000 infantes, pois a sua Divisão ainda não estava prompta para marchar, dizendo, em seu officio, de 23, achava "mais prudente invernar, apromtuar tudo que for preciso para entrar no verão seguinte".

Em Abril, o General João Frederico Caldwell, que chegara do Rio e assumira o commando das armas, insta com Canabarro para passar o Uruguay e atacar o inimigo em Missões, e este lhe responde que sua divisão ainda não estava em pé de fazer uma expedição por falta de fundamento!

Em Maio, assume a pasta da guerra o Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, que officia ao Presidente da Província, Souza Gonzaga, dando-lhe umas instruções que nada adiantaram, pois o novo ministro estava inteiramente alheio ao que ia pelo exercito.

Mandava elle seguir para a fronteira a força disponível e nomeadamente o "Corpo de Artilharia a Cavallo", ao que lhe responde aquelle presidente que, de há muito, toda a tropa seguiria para a fronteira e que o "Regimento de Artilharia" estava todo no theatro das operações, já havia combatido em Paysandú, restando dele, no quartel, o Coronel e alguns officiaes doentes.

Enquanto isto, os paraguayos progrediam. Em São Thomé se apresenta uma columna de 7.300 paraguayos, com 5 canhões, sob o commando do Coronel D. Antonio de La Cruz Estigarribia que trazia como seu mentor o frade Santiago Esteve Duarte Lopes, capellão do exercito.

Canabarro é avisado. Ele está, porém, a 50 leguas, em Sant'Anna do Livramento, à espera de reforços. A brigada do Coronel Fernandes Lima andava de um lado para outro, entre São Borja e Itaquy, separadas por 14 leguas de accidentados e pessimos caminhos, e um falso boato fal-o dar as costas ao inimigo que estava em frente áquelle, por suppol-o ameaçando esta cidade, quando se tratava dos correntinos do Coronel Paiva.

A 9 de Junho, assalta Estigarribia a cidade de São Borja, que saqueia, segundo as instruções de

Lopez, na seguinte ordem: em primeiro logar o Coronel e o frade, depois os officiaes e, por ultimo, os soldados, com horário para cada corpo. O produto deste vandalismo foi transportado em 50 carretas para o Paraguay.

Houve tal terror e confusão na população que nem se lembraram de avisar ao Coronel João Manoel Menna Barreto, distante duas leguas e meias da Villa e que, só no dia seguinte, por um viajante teve conhecimento do assalto, percorrendo então, aquela distância com sua tropa em marcha-marcha, indo em socorro da cidade, detendo algumas horas o passo ao invasor e protegendo, assim, a retirada das famílias.

COMBATE DO BUTUHY

Estigarribia desce, pela margem esquerda do Uruguay, em direcção a Itaquy, com sua força dividida em varias columnas, uma das quaes, comandada pelo Major José Lopez, com 410 paraguayos e 100 orientaes e correntinos, se detém arrebanhando gado e cavalhada pelas fazendas, os quaes deixam em São Borja prompts a embarcar para o Paraguay e, quando vai reunir-se ao grosso, esbarra com as forças do Cel. Fernandes de Lima e Ten. Cel. Sezefredo Alves, que lhes dão combate, jogando-os no banhado do Butuhy onde pereceram 100 paraguayos, além de 130 que ficaram no campo da accão.

PASSAGEM DO IBICUHY

Estigarribia entra, no dia 7 de Julho, em Itaquy, onde ficou até o dia 14 e donde remeteu 14 carretas para o Paraguay.

A 16 começou Estigarribia a atravessar o Ibicuhy, a meia legua do Passo de Santa Maria.

O Ten. Cel. Caldwell, que estava na margem esquerda, exhorta a Canabarro para combater, mostrando-lhe a vantagem da posição que ocupava em relação a desvantajosa situação do inimigo, accenando-lhe com a victoria quasi certa.

E, porém, desatendido.

E os paraguayos atravessam, sem o menor tropeço, o Ibicuhy, como também o Toro-Passo e o Imbahá, onde Caldwell insiste com Canabarro para hostilizá-los, ao que este mais uma vez se oppõe.

Chegam elles ás portas de Uruguayan, tendo incendiado todas as casas dos povoados por onde passaram.

Caldwell reune em conselho todos os commandantes de divisões e brigadas propondo-lhes atacar o inimigo antes que elle entrasse na villa.

Canabarro, porém, seguia a orientação do Ministro da Guerra, expressa numa carta onde lhe é recomendado: — "não arriscar uma batalha sem todas as probabilidades de triunfo" — e elle não achava as suas forças em condições de bater o inimigo, preferindo situá-lo em Uruguayan.

Caldwell é mais uma vez vencido e, neste mesmo dia, 5 de Agosto, apoderam-se os paraguayos de Uruguayan.

A ACÇÃO DO CMT. DA PRAÇA DE URUGUAYANA

O commando militar da villa de Uruguayan estava entregue ao Capitão, do 1º Regimento de

Artilharia, Joaquim Antonio Xavier do Valle, que organizara sua defesa com o 4º btl. de Inf. da guarda nacional, que tinha um effectivo de 380 cidadãos.

Para instruir este batalhão no manejo das armas á Minié, alli se achava o 1º Tenente, do 3º batalhão de artilharia a pé, Floriano Peixoto, que tambem fora encarregado por Caldwell da construcção de trincheiras para a defesa da villa

Xavier do Valle, que desde Janeiro reclamava a vinda de navios de guerra para o policiamento do Alto Uruguay, sem que o attendessem, alugou de particulares o vapor "Uruguay" e os lanchões "São João" e "Garibaldi" artilhando-os como poude. Dotou o vapor com um canhão giratorio, de calibre 9, e os lanchões, cada um, com um rodizio, de calibre 6.

Esta flotilha, que se destinava a impedir a communicação entre as tropas de Estigarribia com as de Pedro Duarte, destruindo as canoas e chalanas de que para isso se serviam, teve por commandante o intrepido Tenente Floriano Peixoto, que a guarneceu com 30 praças do 4º batalhão de infantaria e 30 clavineiros, do 17 de cavallaria, ambos da guarda nacional.

A 25 de Julho partia a flotilha de Floriano, levando 3.000 cartuchos para espingardas Minié, 330 para clavinas, 100 tiros para o canhão giratorio e 200 tiros com 100 pyramides para os canhões rodizios, além de mantimentos para 20 dias.

A 26 entrava em accão a flotilha mettendo a pié 7 canoas e algumas chalanas e metralhando outras, impedindo assim a ligação de Estigarribia que, ao saber disso, mandou assentar uma bateria sobre as barrancas do Uruguay para hostilizar a valente esquadriilha. Floriano aceita o combate, fazendo calar a bateria e desmontando-lhe uma das peças.

VIAGEM DO IMPERADOR

Com as noticias chegadas ao Rio de Janeiro pelo "Oyapock" da invasão do Rio Grande e victoria da esquadra em Riachuelo, resolveu D. Pedro II partir para o sul, convocando o conselho de estado a cujas objecções respondeu que si lhe podiam impedir que seguisse como imperador, não poderiam evitar que abdicasse e seguisse como voluntario da patria.

A 16 de Julho de 1865 chegava Sua Magestade a Porto Alegre a bordo do "Santa Maria".

De caminho foram tomadas diversas provisões, começando pelo commando das forças que foi substituido pelo já experimentado General, Barão de Porto Alegre, Manoel Marques de Souza. Diversas tropas do norte foram enviadas para o theatro das operações e, no sul, novos contingentes se organizaram.

A ULTIMA CONTRIBUIÇÃO DO 1º DE ARTILHARIA

De Cachoeira, determinou o Ministro Angelo Ferraz a partida da ultima bateria do 1º de Artilharia a Cavallo, a 5º, que, sob o commando do Capitão Joaquim da Costa Rego Monteiro, reuniu-se à Brigada Fontes, em marcha para São Borja.

Da velha caserna de São Gabriel partem, igualmente, os restantes officiaes, para assumir

os novos postos então designados: o Coronel Alexandre Gomes de Argollo Ferrão como deputado do novo Ajudante General, Barão de Porto Alegre, e o Ten. Cel. Gabriel Alves Fernandes recolheu-se ao Rio com destino a Matto-Grosso. Foram elles os ultimos a encarregar-se do valioso nucleo de São Gabriel, cujas tradições vão honrar obtendo as mais altas distincões.

INGRATIDÃO HUMANA

A impressão recebida pelo Imperador foi desalentadora e o seu Ministro da Guerra, Silva Ferraz, ante o estado de penuria da tropa, determina, de Rio Pardo que, pelo Arsenal de Guerra da Corte, se promptificassem, com muita urgencia, 15.000 barracas, 15.000 fardamentos e equipamentos para a infantaria e como visse os "hospietas em estado deploravel, a tropa núa e ha cinco meses sem receber soldo", solicitou ao Ministro Francisco Octaviano a remessa de 500.000\$. Já anteriormente diversos chefes haviam pedido providencias e entre estes o General Fernandes Lima, exhortara que ao menos lhe dessem 1.000 ponches para cobrir a nudez de seus soldados, pois, para resistir as intempéries, elle distribuiria seus homens pelas casas das circumvizinhanças.

Era preciso, porém, culpar alguém, que não os governantes, unicos culpados, e dahi determinar o Ministro da Guerra que fossem submettidos a conselho de guerra o General David Canabarro, o bravo Coronel Antonio Fernandes Lima e o infatigável Capitão Joaquim Antonio Xavier do Valle!!!!.

Como é rude a ingratidão humana!...

COMBATE DE JATAHY

A 12ª Brigada brasileira, sob o commando do Coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelly, e o Regimento de Cavallaria argentino, San Martin, após longa e penosa marcha, fazem juncção, a 13 de Agosto de 1865, com o 1º Corpo do Exerito Argentino, a 43 kilometros do "Passo de los libres", onde, desde a vespera, acampara a columna paraguaya de Pedro Duarte, o qual, sabendo daquella approximação, manda por uma canoa, pedir auxilio a Estigarribia, do outro lado do Rio Uruguay; este responde que lhe mandaria, si quizesse, um chefe, unica cousa de que sua divisão precisava para resistir á vanguarda dos aliados.

A cavallaria dos Generaes orientaes Goyo Soares e Madriaga avisa achar-se o inimigo entrancheirado em Ombuzito. Flores dá o commando da divisão argentina e brigada brasileira ao General Paunero com a missão de apoiar o ataque que elle ia levar aquella posição com os batalhões uruguaios: Florida, 21 de Abril e Libertad e o 16º de voluntarios brasileiros, do commando do Coronel Fidelis Paes, com os quaes avançou em passo de carga.

O esquadrão de artilharia oriental, do General Borges, que avança é detido pelos fossos. A direita da posição surgem, porém, a artilharia do Major Macdon e a bateria Nelson que levam a desordem nas linhas paraguayas.

As infantarias brasileiras, orientaes e argentina rechassam, então, o inimigo que se retira, apertado no angulo formado pela confluencia do

Jatahy com o Uruguay, onde lhe vão completar a derrota a escolta do General Flores e o 1º Regimento de Cavalaria Argentina e, depois, as de Goyó e Madriaga, auxiliados pe'a artilharia do Major Vieira Buenos.

Flores escreve uma proclamação sobre esta batalha onde diz que: "O triunfo de Jatahy, é apenas o precursor de outros maiores, que vos abrirão as portas de Assumpção para redimir esse povo irmão, dando-lhe patria, instituições e liberdade".

CERCO DE URUGUAYANA

A' 4 de Agosto de 1865, entrava Estigarribia na villa de Uruguayana e apenas a tropa brasileira, do Ten. Cel Bento Martins de Menezes, entretinha fraco tiroteio com a vanguarda paraguaya, constituída pelo batalhão n. 17, cujo comandante, Capitão Diogo Alvarenga, foi derribado por dois lanças dados por soldados de Bento Martins.

Os nossos soldados que cahiram prisioneiros foram degolados proximo ao cemiterio e á vista das tropas brasileiras.

Canabarro resolvia abandonar a praça e Caldwell, o mais que conseguiu obter, foi que voltasse atras as nossas duas baterias de obuzes, as quaes, devido ao cançao dos animaes não puderam chegar a tempo de evitar que o inimigo penetrasse na villa, o que se effectua a 5 de Agosto.

Uruguayana é presa do saque e da pilhagem cujo producto esbanjam sem ao menos se lembrarem do dia de amanhã. Estigarribia presenciara dahi a derrota de Pedro Duarte em Jatahy, e tenta com sua gente, a 19 de Agosto, romper as linhas do sitio, rumo ao N., empenhando-se afinal com as tropas de Canabarro, que o rechaçam para dentro da villa. Flores que tudo assistira do "Passo de los libres" manda, pelo Tenente José Zorilla, seu prisioneiro de Jatahy, uma proposta de capitulação a Estigarribia, eguaes propostas lhe enviam Caldwell e Canabarro; elle porém, responde que se bateria como fizera os patrícios em Butuhý. Outras propostas foram feitas, obtendo formaes recusas e quando o commandante brasileiro lhe informou o numero de combatentes e peças de que dispunha, elle respondeu com esta bravata: — "Tanto melhor, o fumo da artilharia nos fará sombra". Tenta comunicar-se, após com Lopez, por Mercedes, rumo a Resquin, a quem pedia auxilio, mas sua patrulha de official cahe prisioneira dos brasileiros.

ORGANIZAÇÃO DO 2º CORPO DE EXERCITO

A 23 de Agosto, o novo commandante, General Barão de Porto Alegre, o vencedor de Caceres, organiza aquella amalgama semi-militar, em 4 Divisões, ficando a 1ª, ao mando de Canabarro, a 2ª, do Coronel Barão de Jacuhý, a 3ª, do Brigadeiro Portinho com as tropas da guarda nacional vindas de Cachoeira, Cruz Alta, Passo Fundo e Santa Maria e a 4ª, sob o commando do bravo Coronel Joaquim José Gonçalves Fontes, o experiente e destemido commandante do 1º de Artilharia, em Monte Caceres. E dahi surgiu o brihante e disciplinado 2º corpo de Exercito.

COMMANDO GERAL DA ARTILHARIA

Tendo se apresentado, a 1º de Setembro, o Capitão do 1º de Artilharia a Cavallo, Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, um dos bravos de Paysandú, resolveu o commando em chefe organizar um commando geral de artilharia que lhe foi confiado. Desligadas as baterias das divisões a que até então estavam addidas, ficaram reunidas e dependendo directamente do Quartel General.

Deste commando geral veio depender uma bateria de 4 estativas de foguetes a Congréve, sob o commando do Cap. do 1º batalhão de artilharia a pé, Francisco Villela de Castro Tavares.

CHEGADA DO IMPERADOR

O Imperador, que partira a cavalo, a 28 de Agosto, de Porto Alegre, chegava a 11 de Setembro, a Uruguayana, dando o 1º de Artilharia as salvas do estylo; tendo ahi chegado na vespera, o General Mitre, pretendeu assumir o commando em chefe das forças aliadas, a que se negou o Barão de Porto Alegre pois, pelo artigo 3º do Tratado da Triplice Aliança, cabia a um General brasileiro o commaodo em chefe, quando em territorio brasileiro.

O nosso bom Imperador quiz informar-se pessoalmente do estado da tropa, passando a examinar o fardamento, e armamento, os generos alimenticios e os hospitaes de campanha.

Comprehendendo que o seu governo não havia providenciado, como lhe cumpria, para organizar o exercito que devia vingar a patria ultrajada, procurou attentar por si, os erros de seus auxiliares e tomou immediatas providencias.

A sua presença produziu no exercito um vibrante entusiasmo. Elle a tudo attendia, inda ate aos hospitaes prodigais cuidados aos enfermos, Pedro II teve desvelos de Pae para com os seds soldados.

DISPOSIÇÕES PARA O INVESTIMENTO

A 18 de Setembro de 1865, a villa de Uruguayana achava-se completamente cercada. No Rio Uruguay estavam as canhoneiras Taquary e Tramandatahy, os vapores União, Ooze de Junho Uruguaian e duas chatas artilhadas, São João Garibaldi.

O Exercito aliado, com 17.346 homens, formava um grande arco, de quasi legua de comprimento, que avançava em columnas, apertando cada vez mais o circulo de ferro. Ao meio dia, as avançadas, estavam a 30 metros das fortificações de Uruguayana. No meio das 5 columnas de brigadas da infantaria se achava o quartel general com S. Magestade, os principes, o Ministro da Guerra etc. Para a direita, ate o Rio, estao os 6.000 cavallerianos do Barão de Jacuhý. No centro da linha de batalha está o exercito Argentino com 3.733 homens, tendo parte de sua artilharia estendida em linha; á esquerda, o exercito oriental com 1.220 homens. A Divisão de Canabarro vinha em 2ª linha, como protecção da 1ª.

A ARTILHARIA BRASILEIRA

A direita, entre a cemiterio e a villa, em frente a um saliente a N. E. da praça, fóra de vespera, organizada a posição para o 1º Regi-

mento de Artilharia com espaldões de cestões de areia preparadas pelo contingente do 1º batalhão de engenharia, sob a direcção do Major Rufino Enéas Gustavo Galvão, e conduzidos até ali por soldados de cavallaria. Assentou-se em tal posição o esquadrão de artilharia sob o commando do Capitão Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, ficando como reforço, á sua rectaguarda, o contingente da engenharia.

RENDIÇÃO DO INIMIGO

Ao meio dia, partia o Capitão Manoel Antônio da Cruz Brilhante, ajudante de ordens do commandante em chefe, com o seu derradeiro ultimatum dando 2 horas de prazo, findo o qual teriam inicio as operaçōes de investimento da praça.

As 2 horas Estigarribia pede mais meia hora porque estava em conselho de officiaes resolvendo sobre a situação. As 2 ½ chega a sua resposta rendendo-se a descripção e fazendo solemne entrega de suas armas.

Das sete bandeiras dos vencidos, o Imperador ofereceu uma a Mitre e outra a Flores.

Ficaram como prisioneiros 59 officiaes e 5.486 praças, 1.300 das quaes assentaram praça nos batalhões orientaes, erro que acarretou grandes males.

No exercito brasileiro não se aceitou nem paraguayo sendo que os seus prisioneiros foram empregados em desfazer as barricadas, percebendo soldo como praça, e seguiram para São Borja e depois para Porto Alegre.

HONRA AO MERITO

O commandante em chefe publicou a sua ordem do dia n. 13 saúdando o exercito em nome do Imperador pela esplendida victoria da civilização contra o vandalismo e pelo Dec. 3.515, de 20 de Setembro, foi creada uma medalha commemorativa da rendição de Uruguayan, cabendo esta honrosa recompensa aos seguintes officiaes do 1º Regimento de Artilharia: Capitães Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, Trajano Gonçalves de Medeiros e Oliveira e Luiz Sampaio; los. Tenentes Manoel José da Silva e Antonio Cândido Salazar e 2os. Tenentes Antonio da Rocha Bezerra Cavalcante, Luiz Pereira de Magalhães Castro, Carlos Eduardo Saulnier de Pierre-Levê e Amaro Theophilo de Almeida.

CORPO PROVISORIO DE ARTILHARIA A CAVALLO

Era ainda necessário ir buscar a victoria definitiva contra o dictador paraguayo em seu proprio território e para lá íamos marchar.

Para Mercedes, onde se vão juntar com o exercito de Osorio, seguem o General Paunero, commandando as tropas argentinas e paraguayas, e o General Flores, commandando os orientaes e a 12ª brigada brasileira.

Com igual destino marcham outras forças brasileiras.

A 7 de Outubro é organizado um corpo de pontoneiros, ao qual passaram a pertencer os Tenentes do 1º de Artilharia, Antonio Cândido Salazar, Antonio da Rocha Bezerra Cavalcante e Carlos Eduardo Saulnier de Pierre Levê.

Como corpo de exercito de observação seguem, em Novembro, para São Borja, as tropas do Ten. General Barão de Porto Alegre.

A 22 deste mesmo mez são reorganizadas as forças de artilharia a Cavallo que estavam sob o commando do General Marquês de Souza.

Com as 1ª, 4ª e 6ª baterias deste Regimento e aquella bateria de foguetes á Congréve, formouse um Corpo Provisorio de Artilharia a Cavallo, sendo aquellas baterias transformadas em primeira, segunda e terceira com 4 canhões cada uma e a 4ª, de foguetes com 4 estativas, sendo a seguinte, a oficialidade deste Corpo: Commandante Major em commissão Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça; fiscal, Capitão Trajano Gonçalves de Medeiros e Oliveira; ajudante, 2º Tenente Raymundo Gonçalves Netto; quartel-mestre o Alferes de cavallaria, addido, Delphino Albino Gonçalves; secretario o Alferes, voluntario da patria, Raphael do Prado Pereira, e commandantes de baterias: da 1ª, o Capitão José Carlos Cabral; da 2ª, o Tenente Manoel Jasé da Silva, da 3ª, o Tenente Manoel José Pereira Junior e da 4ª, o Tenente da guarda nacional Felisberto Pereira do Nascimento.

Este novo rebento do velho 1º Regimento de Artilharia a Cavallo ia continuar o renome brilhante de seu ancestral, fazendo parte, com as tropas de Marques de Souza, do 2º Corpo de Exercito, que passou a operar depois no Paraguay e cujo primeiro combate vai se travar junto aos muros de Curuzú posição que conquistam, com grandes esforços, em 3 de Setembro de 1866.

EM DIRECÇÃO AO PARAGUAY

O 1º Corpo de exercito, que attingira Montevideó, passa ali por profundas modificações. O General Menna Barreto, por doente, exonera-se do commando em chefe, sendo substituído pelo Brigadeiro Osorio que, desde logo, trata de melhorar as condições de sua tropa. A artilharia a cavallo passa a ter 24 canhões, por ter recebido, do Rio, 3 novas baterias de canhões La Hitte as quaes, devido á carencia de cavallos, vão ser puxadas a bois. O seu pessoal é aumentado com um esquadrão de cavallaria da guarda nacional, que lhe servem de conductores, e do 1º batalhão de artilharia a pé, que passam a ser instruídos como artilheiros naquelle material.

Pediu munição para os 4 obuzes e, como não fosse attendido, devolveu-os de Dalmon, com a pouca munição que restava, "para não sobre-carregar o exercito com armas de pouco alcance e munições deterioradas", como textualmente escreve.

Na desembarque, em Dalmon, as carretas do 1º de Artilharia auxiliaram o transporte dos dentes.

ATAQUE A CORRIENTES

A pedido do Almirante Barroso, fez Osorio embarcar na esquadra a 9ª brigada de infantaria, sob o commando do Coronel Guilherme Bruce, e uma bateria de obuzes do incansavel 1º de Artilharia, commandada pelo 1º Ténente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, o destemido cearense que já se notabilisara em Paysandú.

Em Maio de 1865, o exercito paraguayo ocupava o territorio correntino, onde fizera sua base de operações, e Barroso de accordo com o General Paunero, resolveu tentar ahi um ataque.

A 25 de Maio chegava a esquadra em frente á cidade, tendo os navios argentinos içado o pavilhão brasileiro e os brasileiros, o argentino.

As 2 horas da tarde, desembarcava a força expedicionaria sob a protecção da artilharia da esquadra, que obrigou os paraguayos, que a tiroteavam, a se entrincheirarem num quartel, que precedia o casario da cidade, e donde fugiram, saltando pelas janellas do fundo, em direcção á cittadela, impellidos pelo impeto do ataque de nossa gente.

Commandava a accão o General Paunero, tendo por chefes immediatos o Coronel brasileiro João Guilherme Bruce e os commandantes argentinos Charlone, Rozetti e Rivas, cujas tropas marcharam ao assalto debaixo da protecção da bateria do denodado 1º Regimento de Artilharia. O combate entrou pela noite, retirando-se os paraguayos completamente derrotados. O modo brilhante por que se portou a bateria de Antonio Tiburcio mereceu elogios até mesmo da imprensa argentina. Este ataque acarretou, para os paraguayos, enorme transtorno, forçando o grande exercito de Robles, que já estava em Bella Vista, a retroceder, em penosíssima contra-marcha, sobre Riachuelo e Corrientes.

Martinez, que resistira tenazmente e pedira reforços a Robles, foi mandado fuzilar por ordem de Lopez.

Os argentinos tiveram 150 homens fóra de combate e nós tivemos 16, dentre os quaes 1 cabo e 2 artilheiros do nosso regimento, e o Tenente Geraldo de Souza Magalhães e 8 praças do 9º batalhão de infantaria.

Vieram a falecer, por ferimentos ahi recebidos, os soldados Argemiro Eleuterio da Silva e Joaquim Ferreira Sinta do 9º, e Antonio José do Nascimento, desse regimento.

Os paraguayos tiveram 520 mortos. Nós lhe fizemos 80 prisioneiros e lhe tomamos 3 canhões e uma bateria.

BATALHA NAVAL DE RIACHUELO

A tropa do exercito reembarcou nos navios da esquadra, que permanecem a 5 milhas abajo da cidade, o que obriga a conservar-se o exercito de Robles em suas proximidades para defendê-a; dahi ter resolvido Solano Lopez tentar um feito contra nossa esquadra, inferior a sua em numero, armamento e qualidade dos navios. E deu ordem ao Vice-Almirante Meza para atacal-a, atrahindo-a para as barrancas do Riachuelo, que havia artilhado occultamente com 22 canhões, além dos das 6 chatas que os navios ali deviam largar.

A 11 de Junho de 1865, travou-se a memorável batalha naval de Riachuelo.

Ao mover-se a esquadra para a lucta, era a corveta Belmonte o navio da vanguarda e nella seguia a victoriosa bateria de Corrientes, sob o commando do invicto 1º Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, que levava como subalternos os Alferes Bernardino Antonio de Paiva e Dyonisio Miguel Martins de Oliveira.

Ao defrontar a intrepida exploradora as baterias inimigas, estas visam-a com todas as pe-

cas e com fogo cruzado, a cujo bombardeio respondeu, galhardamente, o isolado luctador e, concluída a passagem, voltou, rio acima, a bater de perto o inimigo, embora já contasse com 37 rombos em sua linha de fluctuação e com sua coberta incendiada por bombas paraguayas.

E só se retirou do combate por intervenção do chefe Barroso, que determinou encalhasse na ilha Cabral para reparar suas avarias, após ter-se desempenhado tão brilhantemente de suas funções.

"O 1º Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza bem como os cadetes Leovigildo Cavalcante de Mello e Miguel Maria Girard prestaram reaes serviços com a sua bateria", informam documentos officiaes.

A Belmonte teve 4 mortos, inclusive um oficial, e 11 feridos, entre os quaes o seu bravo commandante, e a nossa invicta bateria teve fóra de combate cinco mortos e 11 feridos.

O Almirante Barroso disse em seu relatorio: "Todos estes valentes filhos do Brasil, que estiveram em Riachuelo, quer do exercito quer da Armada, cumpriram o seu dever, e é dever da historia rememorar os seus nomes á admiração dos posteriores para exemplo e emulação da mocidade".

Cultuemos, pois, particularmente, os nossos heróes, Tenente Antonio Tiburcio e Cadetes Leovigildo Cavalcante e Maria Girard!

NO COMBATE DE CUEVAS

A esquadra brasileira, que permaneceu ancorada em Chimboral durante o mez de Julho, recebeu ordem, a 8 de Agosto, de descer até as barrancas de Cuevas, onde o inimigo se fortificara construindo uma posição formidável, por ser ahi estreito e tortuoso o canal e passagem forçada para a esquadra, o qual estava artilhado em cerca de uma legua de comprido.

A Belmonte, embora fosse o navio mais damnificado em Riachuelo, sofrera reparos que a fizeram sobreendar e marchava com a esquadra, levando a seu bordo aqueles valorosos defensores da patria, em Riachuelo.

Ao passar a esquadra em frente a Cuevas, rompe o bombardeio que dura 20 minutos, tempo que os navios levaram para forçar o passo debaixo dumha chuva de ferro e chumbo. Morreram neste combate 2 officiaes, um do exercito e outro da marinha, 13 marinheiros e 7 soldados, inclusive um do 1º batalhão de artilharia a pé, que guardava a invicta bateria do 1º de Artilharia a Cavallo. A accão conjunta do exercito e marinha se desenvolveu sempre de maneira admiravel; sem o apoio da esquadra não teríamos realizado a passagem do Parana, um dos mais bellos feitos de nossas armas, o que fez o proprio Lopez afirmar: — "Tirem da Aliança a esquadra e ella estará morta".

1866

A DEFESA DA ILHA DA REDEMPÇÃO

Além do campo entrincheirado no povoado do Passo da Patria, possuam os paraguayos, sobre a margem direita do Parana, o forte de Itapirú, com um posto avançado num grande banco de areia, no rio.

Na noite de 5 de Abril de 1866, faz o General

Osorio ocupar a ilha da Redempção, que lhe fica em frente, por uma força de 900 homens ao mando do Ten. Cel. de artilharia João Carlos de Willagrand Cabrita.

Esta força comprehendia: uma secção do batalhão de engenheiros, 7º corpo de voluntários da Patria, 14º batalhão provisório de linha, 1ª bateria do 1º batalhão de artilharia a pé e a bateria de morteiros, de 22, do 1º Regimento a cavalo, sob o commando do herico Cearense, 1º Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza.

Do dia 6 até 9, houve bombardeio de parte a parte, sem outras consequências, além da morte do soldado João Francisco de Souza e de ferimentos graves nos dítos Raymundo Guilherme de Jesus e José Bonet e, leves, no 1º Cadete Joaquim Bernardino Olinho, todos da guarnição do 1º morteiro, em consequência dos estilhaços de uma granada de calibre 68.

Na madrugada de 10 resolvem os paraguayos assaltar de surpresa a ilha, com 1.200 homens, que são batidos e se retiram deixando em poder dos nossos 30 canoas, 800 espingardas, 30 prioreiros, inclusive o Capitão Romero, além de haverem perdido 850 homens, sendo 650 mortos e 220 afogados.

Auxiliaram a nossa acção as canhoneiras Henrique Martins, Greenhalgh e Chuy.

A ilha, após este combate, passou a denominar-se do Cabrita, em homenagem ao seu herico defensor, que morreu, após o combate, quando estava acabando de escrever a parte sobre o feito de armas que dirigira.

A mesma granada também matou ao Alferes Carlos Luiz Woolf e Major de artilharia Luiz Fernandes de Sampaio, aquelle que trouxera do Rio para o nosso Regimento, os 6 canhões La Hitte, raiados, com que fizemos o assalto a Paysandú; feriu gravemente o Tenente Francisco Antonio Carneiro da Cunha, que deixou, depois, tradições de honra e de saber como lente da Escola Militar. Tal disparo foi feito pelo habil artilheiro Coronel José Maria Bruguez, o qual, como 1º Tenente fora o melhor discípulo e o mais dedicado dos amigos de Cabrita, então instrutor no Paraguai, quando ameaçado pela Argentina nos collocamos a seu lado.

A ACÇÃO DE ANTONIO TIBURCIO

A bateria de morteiros, que ocupava as trincheiras de salsichões e saccos de areia do flanco esquerdo, coube papel saliente na defesa de suas posições. De sua acção dil-o o seu próprio valoroso cmt., em sua parte, donde extraímos os seguintes trechos:

"A tarefa da defesa do flanco esquerdo era talvez superior às minhas forças, mas fiz todos os esforços para que o meu velho e sempre chorado mestre ficasse contente de mim.

Os soldados da minha guarnição, os officiaes e soldados do batalhão de engenheiros e do 1º de artilharia, podem julgar se defendi ou não com interesse a causa suprema da nação.

Avançou sobre as trincheiras da esquerda uma linha extensa e aos vivas a Sua Magestade (nossa senha), dados pelos soldados de artilharia e engenheiros, da crista do parapeito, responderão os selvagens-viva o Paraguai.

A este ultrage respondemos com descarga de fuzilaria e tratei de bem garantir o flanco esquerdo da mesma bateria.

Alguns paraguayos daquella linha se estabeleceram dentro do fosso e dali fuzilavão a todos os nossos que tentavam tomar os de flanco: nessa occasião convidei ao Tenente de ravallaria, cmt. do piquete de S. Ex. o Sr. General em chefe, Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, que viera visitar-me na ilha, ao Alferes Joaquim Benjamin da Silva, addido ao batalhão de engenheiros, ao Tenente Luiz Antony e maiz 12 soldados, e fomos, a ferro frio, carregar sobre os paraguayos que estavão no fosso, surtio bom efeito, só ficarão 10 paraguayos no fosso, porém, mortos. V. S. sabe quão grandiosa foi a nossa victoria. E' mais uma pagina dourada para a historia militar do paiz".

OS HEROES DO 1º REGIMENTO NA ILHA DO CABRITA

Alferes Joaquim Benjamin da Silva, portou-se com muita bravura e entusiasmo. 1º Cadete Joaquim Bernardino Olynho, chefe do 1º morteiro, fez boas pontarias durante o bombardeio: distinguiu-se durante o combate de 10 e foi ferido levemente na face, 2º Sargento Antonio Pereira da Silva, chefe do 2º morteiro, 1º Cadete Leovigildo Cavalcanti de Mello, chefe do 3º morteiro, e dito Miguel Maria Girard chefe do 4º morteiro, 2º Cadete Manoel José dos Santos Barbosa e soldado Francisco Clementino de Santiago Dantas encarregado do municiamento da bateria dos morteiros onde prestaram bons serviços, distinguiram-se muito no combate de 10. 1º Cadete Pedro Antonio Nery, distinguiu-se no combate do flanco esquerdo, aprisionando uma canoa. Soldados Honorato da Trindade Rebello e Antonio Felix de Brito distinguiram-se no combate de 10, chegando aquelle a brigar a ferro frio".

NO COMBATE DA CONFLUENCIA

Estando o 1º Corpo de Exercito em Corrientes, resolve-se, em conselho de Guerra dos generaes, começar as operações offensivas contra as posições fortificadas do Paraguai.

Sendo Mitre de opinião que fosse a operação confiada a um General argentino, Osorio declara que se poderia mandar a quem quizesse, na certeza de que elle iria também.

Tamandaré levanta-se e, commovido, abraça Osorio. Os brasileiros ficam entusiasmados ao saberem, que iam ser os primeiros a pisar o territorio inimigo, pois achavam que, si o solo do Brasil fora o primeiro a ser profanado, a elles devia caber a gloria da invasão. Osorio, na véspera do embarque, dirige-se em patriotica proclamação aos seus commandados, onde lhes diz: "Soldados! E' facil a missão de commandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever".

A 16 de Abril de 1866, na confluencia dos rios Paraguai e Paraná, encostam os navios á barranca e começa o desembarque.

Osorio é o primeiro a pisar o solo paraguayo. Com os seus ajudantes e piquete, faz, em pessoa, o reconhecimento. Atravessando uma estreita faixa de terra firme encontra os bosques de cana brava e banhados que se ligam a lagôa Sirena, após o

primeiro banhado, surgem as tropas de Hermosa e Venegas que atiram sobre o piquete do General, em cujo auxilio seguem duas compansias do 2º batalhão de infantaria, uma do 11º e duas do 2º corpo de voluntarios, sob o commando do Major Deodoro da Fonseca.

Mallet, ao ouvir o tiroteio, tenta apressar o desembarque de seu valoroso regimento, mas os muares empacados se detem ante a prancha que liga o navio á terra. O chefe invicto, porém, logo contorna a dificuldade fazendo sahir, promptamente 5 peças que são puxadas a braços pelos seus valorosos soldados, das quaes duas se atoram custando muito retiral-as.

E, refere uma testemunha ocular, o Tenente Manoel Jacintho Osorio, em suas Memorias: — "Era bonito ver aquella gigantesca figura de Marte passando banhados com agua pela cintura e, de vez em quando, encostando a possante mão nas rodas de suas peças que, com tão nobre adjutorio voavam para a posição que parecia conveniente, assestal-as e metralhar o inimigo".

Os 2.000 paraguayos não resistiram ao impeto de nosso ataque e batem em retirada, sendo perseguidos, de perto, por Osorio e Argollo, que fizeram alto, devido as chuvas, a cerca de uma iegua do desembarque e onde foi passada a noite em alerta, pela proximidade do inimigo. O dia 17 amanheceu com um sol como de Austerlitz, e era preciso, porque os nossos soldados estavam completamente molhados, com a roupa do corpo e sem barracas.

O inimigo volta com 6.000 homens, sob o commando do Ten. Cel. Basilio Benitez, ameaçando seriamente nossa artilharia, que ocupava posição descoberta, por não ter podido, ainda, entrincheirar-se, mas donde faz efficaz e cerrado bombardeio.

A esquadra faz calar o forte de Itapurú e os paraguayos debaixo do fogo certeiro das 8 peças de Mallet, demandam seus entrincheiramentos em precipitada fuga.

Osorio, em sua oração do dia n. 152, assim se expressa sobre Mallet: — "O Sr. Ten. Cel. Emilio Luiz Mallet, commandante do 1º Regimento de Artilharia a Cavallo, que dirigia as 8 bocas de fogo que acompanhavam a expedição, confirmou os seus precedentes, desenvolvendo a actividade, bravura e energia, que ha muito lhe são conhecidas".

A PARTE DE MALLET

Eis a singeleza com que Mallet descreve a ação de sua tropa e fala da bravura de sua gente:

"1º REGIMENTO DE ARTILHARIA A CAVALLO

Parte — A 1ª bateria deste Regimento, servindo um material de 18 bocas de fogo, tendo embarcado no dia 15 de Abril, á noite, desembarcou no dia 16, pela manhã, e seguiu em perseguição do inimigo, não tendo podido todas as peças entrar em fogo no dia 16, não só devido á dificuldade do desembarque como pelos obstáculos da travessia. Nas tres primeiras posições que tomei fiz fogo com tres peças, e na 4ª com cinco.

Mais tarde, depois do fogo acabado, apresentão-se as ultimas tres. No dia 17, dia em que

o ataque foi mais vivo, as oito bocas de fogo achavão-se em bateria e produzirão o efecto que se sabe.

RELAÇÃO NOMINAL DOS OFFICIAES QUE COM BRAVURA E DISTINÇÃO SE CONDUZIRÃO NESTES DOIS DIAS

Capitão commandante da bateria João Nepomuceno de Medeiros Mallet, 2º Tenente Boaventura Pinto da Silva Valle, Alferes addido Antonio Julio de Medeiros Mallet; no dia 17 Ten. addido Francisco Gomes de Mattos, 1º Ten. João Vicente Leite de Castro e o Alferes addido José Maria de Moraes.

O 2º Tenente Manoel Peixoto Cursino do Amarante, que assistiu a todo o fogo das quatro posições do dia 16, também portou-se com bravura e distinção, e não pode assistir ao combate do dia 17, por ter sido mandado buscar munições.

Cumpre-me tambem fazer menção do digno comportamento das praças que se seguiram:

1º Cadete — 1º Sargento Joaquim Alves da Costa Mattos, dito Ismael Cezar Paes Barreto, forriels José Bento Tobias, cabos Domingos Marques dos Santos, Frederico Luiz Won Schonholtz, soldados Francisco Antonio Ramos, Manoel Calixto e Pedro Martins, assim como os sargentos da bateria de voluntarios allemaes Guilherme Won Steuben e Carlos Juliesky. Acampamento junto ao forte de Itapirú, 21 de Abril de 1866 — Emilio Luiz Mallet, Tenente Coronel commandante interino.

NO RECONHECIMENTO DE ITAPUA'

O 2º corpo de Exercito, sob o commando do Barão de Porto Alegre, atravessando o territorio das Missões vai acampar em São Thomaz entre São Carlos e Apóstolos, afim de penetrar no Paraguai pelas imediações de Itapuá.

A 1º de Maio de 1866, reconhecia Porto Alegre o forte de São José, em frente a Itapuá, quando é atacado pelo Coronel Nunez, a frente de 3.000 homens e 12 canhões, o qual, após forte tiroteio se retira incendiando os campos para tornar o paiz ainda mais inhospito ao invasor.

Neste combate foi morto o bravo commandante da 1ª bateria do então Corpo Provisorio de Artilharia a Cavallo, Capitão José Carlos Cabral.

Rendamos um preito de saudades ao heroico Capitão Cabral!

RECOMPENSAS E PROMOÇÕES

Pelas victorias alcançadas em 16 e 17 de Abril, na confluencia, foi Osorio agraciado, com o titulo de Barão do Herval, pela carta imperial de 18 de Maio de 1866, e, pelo dec. de 3 de Janeiro, foram condecorados: com a ordem do cruzeiro o 1º Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza e, com a da roxa, os Cadetes Leovegildo Cavalcanti de Mello e Miguel Maria Girard, que se distinguiram em Corrientes e Riachuelo.

Pela ordem do dia n. 128, de 14 de Fevereiro, foram publicadas as promoções feitas por dec. de 22 de Janeiro e, dentre as 28 que se fizeram, 8 pertenciam ao glorioso 1º de Artilharia. Assim é que foram promovidos a brigadiereiros os Coronéis Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, que sahiria da velha caserna de São Gabriel para ser depu-

tado do Ajudante-General e José Joaquim Fontes, que commandava o nosso heroico Regimento em Monte Caceres; a Ten. Cel. o invicto Emilio Luiz Mallet; a Majores os bravos Capitães Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça e Hermes Ernesto da Fonseca, heroes de Paysandú, e a Capitães os los. Tenentes Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, que commandava a bateria que tomou parte no ataque a Corrientes e tão denodamente se portou a bordo da Corveta Belmonte, em Riachuelo; João Nepomuceno de Medeiros Mallet, um dos bravos de Paysandú e José Carlos Cabral morto após no reconhecimento de Itapuá.

Em virtude de tais promoções recebe o Regimento novos officiaes, como cmt. é ahi classificado o Cel. Hilario Maximiliano Antunes Gurjão; como cmts. de baterias: na 1^a, o Capitão Trajano Antonio Gonçalves de Medeiros e Oliveira, que commandara a 4^a desde o cerco de Uruguayana; na 2^a o Capitão Manoel José Pereira Junior; na 3^a o dito Antonio Cândido Salazar e para a 4^a, o Capitão Domingos Francisco dos Santos.

A PERDA DE UMA BATERIA NO PASSO DA PÁTRIA

No acampamento do Passo da Patria as vanguardas inimigas se achavam apenas separadas pelo Estero Bellaco. A vanguarda dos aliados era commandada pelo General Flores e se compunha das tropas orientaes e 12^a Brigada brasileira e, desde 29 de Abril, della passa a fazer parte a 5^a bateria do 1^o Regimento de Artilharia a Cavallo com 4 canhões. La Hitte, raiados sob o commando do Capitão do 2^o batalhão de Artilharia de posição, a elle addido, João Dias Cardoso de Mello. A 1^o de Maio, Osorio fal-a proteger com os 21^o e 38^o batalhões de voluntarios e 64^o corpo de cavallaria. Aquella bateria havia sido collocada, com rara imprevidencia, a 50 braços de um mato até onde podia vir o inimigo encobertamente.

As 12 horas de 2 de Maio, aproveitando-se o inimigo do momento em que a nossa tropa conduzia a sua refeição da margem do rio para os bivaques e do terreno montuoso que contornava nossa vanguarda, irrompe violentamente dos bosques que orlam o campo aliado. Foi um surpresa igual áquelle do exercito inglez em Iekermann. Enquanto Jimenez, com 4 batalhões de infantaria atravessa o Passo Cidra e Benitez, com 2 outros, pelo Passo Carreta cahe sobre os orientaes, os 7^o e 13^o regimentos de cavallaria do Ten. Cel Fidelis Valiente se apoderaram dos nossos 4 canhões La Hitte e seus 2 carros manchegos, que são conduzidos pelos Tenentes Amarilla e B. Caballero e vêm ser guarnecidos por 600 paraguayos que tinham vindo nas garupas dos cavallos montados por outros cavalleiros.

Os exercitos aliados demoraram a se mover, pois suppunham fosse o tiroteio proveniente do reconhecimento a que Flores devia proceder.

Mallet, pela manhã, tinha estado examinando as peças e não acreditava fosse o inimigo capaz de trazer-nos um ataque.

Ao ouvir os disparos porém, corre em auxilio da bateria, que, vae ainda encontrar a tirando sobre a cavallaria paraguaya; mas a vista de sua situação precaria, volta a procurar-lhe auxilio.

Retirando-se Mallet, comprehendem os soldados que é critica a posição da bateria e tres quartos da guarnição abandona as peças.

Cardoso de Mello já fizera de 30 a 40 disparos e persiste na posição até quando o inimigo chegou a 60 braças na frente e lhe contorna pela direita, já tendo morto com 2 lanças no peito a um conductor da 1^a peça. E, informa elle em sua parte: — "Não havia mais que esperar, e tendo que permanecer em meu posto com meus officiaes e soldados, importava em um suicidio inutil, pois que, o peso de nossos cadaveres não obstaria que o inimigo levasse o parque: mandei que se retirassem e acompanhei-os".

Dionisio Cerqueira, então sgt. chefe de peça, conta que a passagem dos camaradas da infantaria lia-lhes nos olhos dizerem: — "Vocês do "Boi de botas" não podem hoje compartilhar da nossa gloria", isto feli-o pedir transferencia para a Infantaria.

Da bateria morreram em combate 4 soldados e ficaram gravemente feridos 1 oficial e 4 praças e levemente um 2^o Sargento e 2 soldados.

Osorio, que estava em seu Q. G. a meia legua de distancia, montou a cavallo e fez seguir 2 batalhões em marche-marche; restabelecendo a ordem e tomando a offensiva, levou o inimigo além de suas trincheiras, tomndo-lhe 2 canhões e 2 bandeiras e fazendo 300 prisioneiros.

O animal que montava foi baleado na paleta.

Era aquelle mesmo malacara que já fora baleado no casco em 17 de Abril; desta vez porém, ficou inutilizado e este era o ultimo dos animaes que trouxera do Rio Grande, dera-lhe, Manoel Garcez, de Santa Maria da Bocca do Monte.

Flores viu cahirem mortos a seu lado dois dos seus ajudantes e duas vezes sucessivas morreram os cavallos nos quais montava.

O heroico commandante do 7^o batalhão. Coronel Pedra, teve morto seu cavallo e recebeu tres ferimentos. Osorio ficou confuso.

O campo de batalha era um extenso tendal de cadaveres, o inimigo teve 1.200 mortos, os brasileiros 1.103, os orientaes 400 e os argentinos 49.

O Capitão Cardoso de Mello requereu conselho para justificar-se, Mallet em sua informaçao declarou julgar desnecessario semelhante justificação, por ter o supplicante naquelle dia dado prova exhuberante do seu valor e abnegação, e Osorio lhe deu o seguinte despacho: — "Não havendo quem accuse o supplicante da menor negligencia no facto de haver o inimigo carregado as peças que estavam a seu cargo, e, em vista da informaçao do cmt., torna-se inutil o conselho que pede".

Demais, Osorio sabia que não fora Cardoso de Mello quem escolhera tal posição, como não ignorava a heroica resistencia que alli mesmo oferecera quando do inopinado ataque.

NA BATALHA DE TUYUTY

Era intenção dos exercitos aliados atacar os paraguayos no dia 25, elles porém, nos precedem no ataque e com surpresa igual a do dia 2 lancam-se ao meio dia de 24 de Maio, impetuosaamente, contra nosso acampamento, quando apenas nos preparamos para o reconhecimento.

A nossa formação era então, a seguinte: na frente os orientaes de Flores; à direita os argen-

tinos sob os commandos de Mitre e Paunero; ao centro a 6ª Divisão de Infantaria brasileira do General Victorino Monteiro e o 1º Regimento de Artilharia a Cavallo, sob o commando de Mallet; a esquerda o grosso do exercito brasileiro num total de 22.000 homens.

Os paraguayaos eram 24.000 e vinham formados em 4 columnas, a da extrema direita sob o commando do General Barrios, a da direita do Coronel Diaz, a do centro do Coronel Marcó e a da esquerda do General Resquin.

Protegidos pelos capões de matto alto simulam o ataque a nossa direita convergindo porém, a esquerda e no centro. Ante a pressão recuam os orientaes e a divisão Victorino, que devia proteger a artilharia.

Devido ao impeto as nossas tropas entram em linha de batalha irregular e anarchicamente, generalisando-se o combate em sangrento conflito. Os 24 La Hitte do invicto Mallet detêm a fúria dos atacantes e debaixo do seu efficiente fogo retorna a Divisão Victorino barrando o avanço.

Tão velozes eram os tiros do valoroso Mallet que os paraguayaos lhe alcunharam de "Artilharia revolver".

O centro paraguayo está fraquissimo em artilharia e por ahí avança destemidamente o valoroso cearene General Sampaio, cuja divisão foi, por isso, cognominada "Divisão couraçada".

Mallet não julga boa a sua posição que podia ser investida pela cavallaria, manda então abrir-lhe na frente um fosso largo e profundo cuja terra fosse espalhada afim de disfarçar a obra. "E elles que venham", concluiu com convicção.

A' Diaz e Marcó cabia, com seus 6 Regimentos de Cavallaria, cahir sobre o centr e as alas da linha de batalha e, aos 8 regimentos do General Resquin, attingir a rectaguarda do nosso exercito. Estes conseguem levar, de roldão, os argentinos e as cavallarias de Hornos e Caceres, até as margens do Paraná.

A artilharia argentina, do Cel. Julio Vedia, soffre terrível ataque a sabre, chegando os paraguayaos a por as mãos nas peças, exxclamando satisfeitos "éis mia". O invicto General Paunero, porém, confirma a aureola de glorias conquistadas em Corrientes, Jatahy e Uruguayana, sustentando a posição da artilharia argentina até a chegada de Osorio, que se multiplica em todo a frente, onde chega a combater de lança em riste.

Marcó quer tambem cumprir sua missão e, a frente dos seus 3.000 cavallerianos, tenta aprisionar os canhões do 1º de Artilharia partindo para lá em galope de carga, enquanto Mallet commanda — "Granada e metralha, espoleta de 6 segundos". E, ao partirem os tiros, exclama satisfeito e confiante: — "Por aqui não entram".

Por ahí, effectivamente, elles não entraram, varridos pela metralha. Os que escapam, se detêm por um momento, retiram-se para Yataity-Corá e voltam, depois, numa carga mais desenfreada ainda, para, mais rapidamente tambem, receberem o castigo da temiosa ousadia.

Durante quatro horas consecutivas tentam vinte investidas, todas infrutiferas, pois, vão confundir suas exclamações guerreiras com as imprecações dos moribundos, enquanto os bravos artilheiros de Mallet, que até então estavam silenciosos, prorompem em Urrahs!

E, dos 3.000 cavalerianos de Marcó que tentaram aprisionar os canhões do valoroso 1º de Artilharia, só restam, por fim, 500, que desistindo da pertinacia do ulterior intento, vão investir contra a infantaria de Mitre.

Mallet, porém, não os perde de vista e sobre elles lança os fogos de suas baterias Krupp. Tão acertados eram as pontarias e os lances de alça, que as granadas pareciam galopar com os cavallos, apostando carreira com elles, para ceifar-lhes pelotões inteiros, dahi terem-no denominado — "Fogo de horror!"

Os poucos cavallerianos que delle escaparam, occultam-se no matto. Ficou assim frustado o plano paraguayo, pois Barrios e Resquin que deveriam despontar os flancos e cahir sobre a rectaguarda aliada, persistem no ataque ao fosso de Mallet, diante do qual é, pelo 1º de Artilharia, dizimada a cavallaria paraguaya.

As honras do dia, declararam os historiadores, foram de Osorio, da divisão Sampaio e, principalmente da artilharia de Mallet.

Gloria pois, ao inolvidavel Mallet que, com sua argucia e coragem, assegurou a victoria para ás armas aliadas na maior batalha campal da America, escrevendo assim a mas brilhante pagina da historia do nosso Regimento.

AS PARTES DE COMBATE

O Brigadeiro Andréa, cmt. geral da artilharia, assim se expressou, sobre o nosso glorioso regimento: — "O 1º Regimento de Artilharia a Cavallo, que se acha na vanguarda coberto por lixeiro enticheiramento, foi o primeiro á suppor tar o impulso das massas paraguayas, que a todo custo pretendião assaltal-o, mas que não poderão abrir caminho entre a chuva de metralha e granadas que lhes enviavão os canhões daquelle regimento; a seu commandante, o Ten. Cel. Emilio Luiz Mallet, mais uma vez confirmou o nome de valente porque é já conhecido no exercito: seus serviços, coragem e sangue frio inalteravel, o tornão digno da attenção do governo imperial, eu cumpro um dever sagrado recommendando muito particularmente á V. Ex. o seu nome.

Pela parte que deu o mesmo Ten. Cel. verá V. Ex. que todos os seus officiaes e praças tiverão um comportamento honroso para o paiz e brilhante para elles.

O 1º Sargento daquelle Regimento, Guilherme Won Stenbem, praticou um acto de verdadeiro valor e abnegação lançando fóra do parapeito, onde detonou, uma granada inimiga que caiu acesa entre a boca de fogo de que é chefe e a outra da 1ª bateria do mesmo regimento; este Sargento torna-se por isso digno da attenção de V. Ex.

O valoroso Mallet informa singela e modestamente: — "Este Regimento com 24 boccas de fogo, collocado na vanguarda sobre o centro do exercito, sustentou triunfante e repelliu todas as columnas do inimigo que atacavão o centro e que depois procurarão torneal-os pelos flancos: em poucas horas foi varrida a frente do exercito e o grande numero de homens e cavallos mortos, atestam a efficacidade de seus fogos.

O dia 24 de Maio que para o 1º Regimento de Artilharia a Cavallo, foi um dia de gloria, ac-

crescentou esta pagina hontosa á historia de seus feitos".

A RELAÇÃO DOS BRAVOS ARTILHEIROS

Nesta sua parte assim prosegue Mallet: — "Eis a relação nominal dos officiaes e praças de pret que com bravura e distinção, tanto contribuirão para tornar este dia feliz e tão glorioso para o exercito brasileiro: Major Severiano Martins da Fonseca; Capitães commandante de baterias: Antonio Carlos de Magalhães, Ernesto Augusto da Cunha Mattos; João Nepomuceno Medeiros Mallet, João Dias Cardoso de Mello e Anfrísio Fialho: 1os. Tenentes Saturnino Ribeiro da Costa Junior e Augusto José de Abreu; Tenente Francisco Gomes de Mattos; 2os. Tenentes João Luiz Gomes, Boaventura Pinto da Silva Valle, Marcos de Azevedo e Souza, Luiz Pedreira de Magalhães Castro, Manoel Peixoto Cursino do Omarantes, Luiz Carlos Pereira Pinto e Eugenio Augusto de Mello; Alferes José Maria de Moraes, Antonio Julio de Medeiros Mallet e Ignacio de Souza Gouvêa Junior; 2os. Tenentes de commissão: Bernardino da Silva Torres e Rodolpho Schimmelferning Won der Oye 1os. Cadetes 1os. Sargentos: Francisco Antonio Rodrigues de Salles e Manuel Aprigio de Souza Costa; 1os. Sargentos, particular, Patrício José Teixeira, Tobias Carlos Coimbra e Guilherme Won Stenben (este Sargento praticou um acto de heroísmo, agarrando uma granada acesa que caiu entre a peça de que é chefe e a 1^a da 1^a bateria e lançando-a fóra do parapeito, onde imediatamente arremeteu); 2os. Sargentos; 2º Cadete Joaquim Alves da Costa Mattos, 1os. Cadetes Ismael Cesar Paes Barreto, José Pinto da Rosa e Emedió Orestes da Silva Torres; Forreis: Manoel da Costa Netto e José Ignacio Espinloda; 1º Cadete José Benjamim de Souza Gouvêa; Cabos, Militão Alves da Silva, Domingos Marques dos Santos e José Francisco dos Santos; Anspeçada João Rodolpho Sutter; Sargento quartel-mestre do batalhão de voluntários alemães João Davíd Gemeinhardt.

Os Srs. Tenentes Antonio José Alves de Sá, Alvares Bernardino Antonio da Silva e Sá e o 2º Cadete, Sargento quartel-mestre, Julio Plácido Soveral, mostraram-se zelosos e corajosos em trazerem as munições das carretas para as linhas de fogo, de maneira que elas nunca faltaram por um só momento.

O Tenente Silverio Dias Corrêa, encarregado da cavaliada do regimento, 2º Sargento Cândido José de Medeiros e Cadete José da Costa Guimarães, corajosamente tiraram da frente de uma columna de cavalaria inimiga, uma ponta da cavaliada do regimento que hia perder-se; o penultimo depois de ter ajudado á pôr a mesma cavaliada em segurança, apresentou-se e prestou bons serviços como chefe de peça.

Termina esta parte por informar que o Regimento teve fóra de combate entre mortos e feridos 17 homens.

A NARRAÇÃO DE CUNHA MATTOS

A "Revista Militar Brasileira", correspondente aos meses de Julho a Setembro de 1925, transcreve o artigo que o herói Cunha Mattos escreveu no "Jornal do Commercio", de 24 de Maio de 1908, donde extrhamos os seguintes trechos:

"O relevante serviço que o 1º Regimento de Artilharia a Cavallo prestou na batalha de 24 de Maio de 1866, trancando o caminho á cavalaria inimiga, que, lançada com grande vigor e em sucessivas massas, contra o centro da primeira linha dos aliados, com o fim de, partindo-a pelo meio e introduzindo a desordem e confusão em suas fileiras, facilitar os ataques, de flanco e envolventes, que se lhe seguiram, ainda não foi descrito, de modo a pôr em evidencia o logar de honra que o denodado corpo soube conquistar entre os mais esforçados na luta pela victoria"

"Os historiadores da guerra e mesmo os simples narradores da batalha quasi limitam a sua admiração pela conducta do 1º Regimento a atribuir o triumpho por elle alcançado á rapidez com que agiram seus canhões. Nem é de estranhar que assim procedam, desde que o proprio chefe do regimento, com prejuizo aliás, de seu nome, contentando-se com os louros da victoria, em sua comunicação sobre o feito, deixou de prestar sobre a conducta de seus comandados as informações indispensaveis para que todos bem pudesse compreender que esse Regimento venceu em Tuyuty, não em razão do emprego do tiro rapido, mas porque, com inteligente previsão, organizara a defesa da posição que ocupava e no acto de realizar-se o golpe que previra, desenvolveu inexcedivel pericia no manejo de suas boccas de fogo".

"Mas, se o centro da primeira linha dos aliados figurou no plano do dictador como eixo da batalha, ficando dependentes de sua ruptura os outros ataques, logicamente conclue-se que ao denodado 1º Regimento coube a fortuna de, com a resistencia que oppoz ao inimigo, desconcertar o plano geral da batalha, garantindo a victoria dos exercitos aliados. Cabem-lhe, pois, como primeiro factor do triumpho, as honras do dia"

"Penetrando em Tuyuty, avançou o Regimento rumo da linha de Rojas, e quando a divisão testa da columna chegou a 1.600 metros dessa linha, mandou o commandante Mallet fazer alto e desenvolver em batalha sobre a referida divisão".

"Executada a manobra e posto em ordem todo o material do corpo (28 canhões raiados com os respectivos armões, carros, galeras e forjas de campanha), mandou Mallet formar guarnições e, depois de fazer apear os conductores, chamou a sua presença o Major-fiscal (Severino Martins da Fonseca, mais tarde general e barão de Alagoas) e os commandantes de baterias, e, vendendo-os reunidos, a cavalo, como estavam todos os officiaes, apontou para a frente e disse o que textualmente vou repetir em honra á sua memoria:

"Aqui estamos mal, mas não ha logar melhor. Devemos prever um golpe de cavalaria e preparamo-nos para apurar-o. Ordeno, pois, que o regimento se mantenha de promptidão, ficando durante o dia, de meias guarnições a postos, serviço que deverá ser presidido por um dos Srs. Caps auxiliado de subalternos das diversas baterias. A' noite, a promptidão será feita por todos nós. Mas não é bastante. Recomendo que, a partir da noite de hoje, se abra, em toda a nossa frente, largo e profundo fosso, o que se fará em silêncio e sem estrepido.

(Continua)

DA PROVÍNCIA

Inspecção do Chefe do E. M. da 6^a R. M. ao 19º B. C.

(Conclusão)

CONTINUAÇÃO DO DOCUMENTO N.º 14

INSTRUÇÃO DOS QUADROS

(Conferencia feita pelo CAP. ARTHUR CARNAÚBA, no círculo de officiaes do 19º B. C.)

ESTUDO DUM CASO CONCRETO

Tomando por guia o "quadro — memento" já exposto, (I) vejamos como poderiam ser aplicados, a um **caso concreto**, os methodos e processos nesse indicados.

Para tanto, resolvi valer-me dum trabalho que elaborei em Janeiro do corrente anno e que havia conservado, até á presente data, no meu arquivo pessoal.

Trata-se dum modesto estudo que fiz duma "**instrução de quadros no âmbito dum R. C.**".

Pôde causar estranheza que, falando a infantes, houvesse escolhido um tal assumpto.

Essa impressão desaparecerá, de prompto, se considerarmos:

a) — que o nosso methodo de instrução é geral e, portanto, applicável a um R. C., a um R. I., a um Btl., etc.;

b) — que não se trata, propriamente, duma questão de tactica de cavallaria, mas duma questão de tactica geral que deve interessar os officiaes de todas as armas.

O exemplo apresentado nos permitirá apreciar — em um caso concreto puramente imaginario — o modo pelo qual pôde ser encarado, no âmbito dum R. C., o importante problema da instrução dos officiaes.

Teremos também oportunidade de vér como pode ser conduzido um exercicio do jogo da guerra.

1º CAPITULO

I — OBJECTIVO GERAL DA INSTRUÇÃO.

Cel. no decurso de algumas sessões de instrução, se propõe:

a) — a familiarizar os seus officiaes com a nossa **Doutrina de Guerra** e a mostrar-lhes a sua generaldade;

b) — a pôr em evidencia as características do emprego da nossa arma.

c) — a fornecer ás unidades subordinadas (Esq. P. M.) um quadro tactico geral, dentro do qual poderá desenvolver-se a instrução particular dessa unidade.

II — MEIOS.

1 — **Documentos** — R. G. U., R. S. C., R. E. C. C. (4^a parte).

2 — **Pessoal**:

a) — Director dos exercicios: o Cel.

(1) — Vêr o numero de Fevereiro último de "A Defesa Nacional".

b) — Pessoal a instruir — os officiaes do Regimento.

3º — **Material**: variavel com a natureza do exercicio (na carta, no terreno, com ou sem tropa...).

4º — **Terreno**:

a) — exercícios no terreno: os arredores da guarnição (1).

5º — **Tempo**:

a) — Sessões em sala: uma vez na semana (duração 2 horas).

b) — No terreno: uma vez na semana (a manhã inteira), podendo ser substituidas, se as circunstancias o exigirem, por sessões em sala (2 horas).

c) — Trabalhos em domicilio: prazo máximo de 10 dias.

III — **METHODO**.

Estudo de casos concretos:

a) — na carta;

b) — no terreno (sem tropa);

c) — no terreno com tropa.

O Cel. baniu de seu programma as narcotizantes conferencias e o famoso estudo commentado dos regulamentos.

Os regulamentos serão estudados pelo mais fecundos dos methodos — o **METHODO DO CASO CONCRETO**:

IV — PREPARAÇÃO GERAL:

A — **Estudo inicial**.

O Cel. quer — no decorrer de varios exercícios na carta e no terreno — focalizar os seguintes assumptos, que não foram convincentemente assimilados pelos officiaes no periodo de instrução do anno anterior:

1º — Segurança do Chefe;

2º — A cavallaria divisionaria collaborando com as outras armas na protecção immediata,

3º — A marcha duma tropa de cavallaria:

a) — papel da V. G.;

b) — estudo da cobertura dos flancos.

4º — Estudo particular da descoberta;

5º — As características essenciais do combate offensivo e defensivo da cavallaria.

Isto posto, trata-se, então, para o Director dos exercicios, de revér attentamente todos os documentos officiaes que tratam desses assumptos.

(1) — Vamos admittir uma guarnição hypothetica: o nosso Regimento faz parte da guarnição de MOGY GUASSU'.

B — Elaboração do thema geral.

Escolher uma hypothese extremamente simples:

- a) — que permitta o estudo dos assuntos escolhidos;
- b) — que corporte:

uma situação geral

que se limite apenas a crear um ambiente, dentro do qual se possam desenvolver logicamente os acontecimentos imaginados pelo Director.

A 1^a D. I. azul iniciaria, no dia 1º de Janeiro, os seus desembarques em CAMPINAS, sob a protecção do R. C. D. que occupa as passagens do JAGUARY, tendo elementos avançados na linha do CAMANDUCAIA.

As forças vermelhas estão se reunindo, desde os ultimos dias de Dezembro, na região de CASA BRANCA.

uma situação particular

limitando-se a distinguir os elementos essenciaes de toda situação de guerra (a missão, o inimigo, o terreno, a nos-sa propria situação e os meios).

No dia 5 de Janeiro, a 1^a D. I. atinge, ao cahir da tarde, a linha do JAGUARY, devendo, na manhã seguinte, retomar o seu movimento para o N., ao encontro duma D. I. vermelha, cujos bivaques foram assignalados, no dia 5, ás 16 hs., na região de AGUA COMPRIDA — Est. da LAGOA. O 1º R. C. D. já se acha, desde a manhã de 5, na margem N. do CAMANDUCAIA, com elementos na linha do Rib. LAMBREDO.

O Gen. pretende atingir no dia 6, em fim de jornada, a transversal Est. TUJUCUE' — FUNDINHO.

A 1^a D. I. dispõe, desde ás 6 horas de 5, de uma Esq. (terreno na região de GUANABARA).

C — Escolha do terreno.

Veremos, no desenvolvimento dos exercícios, que a região escolhida se presta muito bem ás demonstrações que o Cel. pretende realizar.

2º CAPITULO

Tomadas essas medidas de ordem geral, o Director está apto a iniciar as suas sessões de instrucção.

A sessão inaugural está marcada para o dia 5 de Janeiro, ás 10 horas.

Trata-se de um exercicio na carta.

A titulo de exemplo, vejamos como poderia ser **preparado** e **conduzido** esse exercicio.

I — PREPARAÇÃO

A — Estudo inicial.

O Cel. quer estudar, nesse sesão em sala, a palpitante questão da "SEGURANÇA DO CHEFE" (1).

Documentos consultados: R. S. C.

B — Elaboração do thema

Vér o § IV do 1º Capítulo.

C — Escolha do terreno

Vér as observações já feitas.

D — Organização material.

Meios necessarios:

a) — carta de S. PAULO 1:100.000 (fls. CASA BRANCA — MOGY MIRIM — CAMPINAS);

b) — lapis e papel (cada official deve munir-se duma caderneta);

c) — um quadro negro e giz de varias cores;

d) — se possível, uma ampliação das cartas de MOGY MIRIM — CAMPINAS.

II — Conducta dos exercícios.

A — Disposições iniciaes.

No dia 3 de Janeiro, ás 8 horas, o thema foi distribuido aos officiaes.

Dava motivo a um trabalho em domicilio — preparatorio da sessão em sala — no qual era pedida aos officiaes a **redacção da ordem particular dada pelo G. de Divisão ao 1º R. C. D. para a jornada de 6.**

Entrega do trabalho: dia 4, ás 15 horas, ao Cap. Ajudante.

B — Desenvolvimento do exercicio.

Vejamos como poderiam ser applicadas as disposições geraes do § "desenvolvimento do exercicio", expostas na 1^a parte desta conferencia, ao nosso caso particular.

"Deixar agir os subordinados por sua propria iniciativa sem os guiar nem os perturbar".

O Cel. pede ao ten. M que leia a sua ordem.

Naturalmente, o Director do exercicio a escolhe por ser a que melhor se presta á demonstração que quer realizar (não esquecer que, desde o dia 3, todos os trabalhos se encontram nas mãos do Cel.).

Feita a leitura, o Director chama a attenção para a missão dada ao R. C. D.

"O 1º R. C. D. deverá, na jornada de 6, marcar na direcção de Faz. das PITEIRAS e ocupar o mamelão L. dessa fazenda até á chegada dos primeiros elementos da Divisão".

(1) — Vê-se, assim, que o Director tem um fim a attingir, o que constitue um primeiro passo para uma boa instrucção.

"A sua descaberta não ultrapassará o Rio MOGY MIRIM e o Corr. do TOLEDO".

O Cel., após felicitar o ten. pela forma clara e simples por que foi redigida a sua ordem, pede-lhe para expor succinctamente como encara a operação da D. I. no dia 7, considerando que a 6, conforme consta do tema, alcançou a transversal FUNDINHO — Est. TUJUCUE'

"A 1^a D. I. continuando o seu movimento para o N. deverá atingir com o grosso a linha do MOGY e lançar a sua V. G. para a margem N. do rio, afim de permitir a 8 a transposição do rio pelo grosso da Divisão".

"Só intervir para crear incidentes (sempre no sentido de resaltar os ensinamentos ou salientar os erros commetidos)".

O Cel. dá ao ten. M. as informações seguintes, que correspondem á situação do fim de jornada de 3:

"O R. C. D. conseguiu atingir sem incidentes a região de Faz. das PITEIRAS, onde se estabeleceu e foi, no fim da tarde, substituído pela V. G.; todas as informações da sua descoberta foram negativas".

"Os bivaques, assignalados na vespera, ainda continuam em AGUA COMPRIDA — Est. da LAGOA; a aviação nada conseguiu observar no valle do MOGY, em vista da intensa neblina que cobria essa região".

O Ten. M. toma, apressadamente, nota dessas informações.

O Cel. retoma o interrogatorio:

"Tendo em vista a idéa já exposta e que é bastante justa, como vae o Ten. montar a operação projectada?"

"E' bem difícil montar uma operação, responde o official, quando as informações mais recentes que se possuem datam de mais de 24 horas".

"Nada sei, por ex., do que se passa na região do MOGY e mesmo na sua margem N..."

"Sou da mesma opinião, interfere o Director do Exercício; mas... de quem é a culpa?"

Ten. B. Creio... penso...

Director — A sua opinião?

Ten. B. — Julgo que tais informações só me poderão ser fornecidas pelo Director do exercicio; não posso imaginal-as; não me asiste o direito de arbitrar a situação correspondente á jornada de 6.

Director — E' claro. Como vae, porém, o Director fornecer informações a um Cmt. de Divisão tão pouco curioso e que, em consequencia, nada fez, no dia 6, para obter as informações que lhe eram imprescindíveis para organização da operação de 7?

Que pensa da situação do Cap. Z.?

Cap. Z. — Creio que um chefe tem sempre as informações que merece.

Director — Perfeitamente!...

Cap. Z. — Se o Gen. de Divisão, ao envez de só levar a sua cavallaria até á região de Faz. das PITEIRAS, a houvesse impellido até o MOGY GUASSU' e mesmo impulsionado os seus elementos ligeiros além do rio, teria na tarda de 6, ao chegar á transversal FUNDINHO — TUJU-

CUE', recebido a parte de fim de jornada do Cmt. do R. C. D. e tido, em consequencia, o tempo suficiente para montar, com perfeito conhecimento de causa, a operação do dia seguinte; o E. M. (3^a secção) poderia, em prazo razoavel, redigir todas as ordens para a jornada de 7, as quais chegariam, em boa hora, ás mãos dos executantes.

Director — Dest'arte, a missão do R. C. D. poderia ser concebida...

Cap. Z. — Da fôrma seguinte:

1º — Reconhecer os eixos:

a) — MOGY MIRIM — MOGY GUASSU'

— ITAQUY;

b) — Est. ESTIVA — Est. ORISSANGA

— Est. MORRO SECCO.

2º — Occupar as pontes do MOGY na região de MOGY GUASSU' e vigiar a passagem do Rio do PEIXE na estrada de Faz. ITAPIRA.

3º — Diante de forças superiores, manobrar em retirada, cobrindo o eixo da grande estrada MOGY — GUASSU' — CAMPINAS.

4º — Reconhecer, no rio MOGY GUASSU' os pontos proprios ao lançamento de meios de passagem e os vâos, no trecho comprehendido entre a confluencia do Rio do PEIXE e a do Rio MOGY MIRIM.

5º — A descoberta não deverá ultrapassar a transversal — ITAQUY — JOÃO FRANCO DE GODOY.

Director — Queira justificar a missão dada ao R. C. D.

Cap. Z. — Vivamos a situação da tarde de 5, quando chegaram ao Gen. as informações constantes do tema.

Do que se trata para a D. I. nos dias 6 e 7?

No dia, 6, tratar-se, conforme o proprio thema o indica, de fazer mais uma etapa até a transversal fixada (FUNDINHO — Est. TUJUCUE'); a 7, de acordo com a exposição do ten. M., a Divisão deverá alcançar com o seu grosso a linha do MOGY e lançar as V. G. até a margem N. do rio, de modo a estar em condições de transpol-o, a 8, com o grosso.

Que podem fazer as tropas vermelhas do N.?

Seriemos as questões e examinemos apenas as hypotheses mais favoraveis para o inimigo.

Jornada de 6

O inimigo poderá:

a) — com elementos de cavallaria — atingir o MOGY e mesmo ultrapassal-o com alguns elementos ligeiros;

b) — atingir o Rib. TAQUARANTAN, com tropas de trodas de todas as armas (admittindo-se a etapa normal de 25 Kms.).

Jornada de 7.

A cavallaria vermelha poderá ultrapassar o rio; os elementos de todas as armas poderão atingil-o.

Diante dessas hypotheses — que foram reduzidas a um minimo — quaes são as necessidades do Gen. para cumprir a missão a despeito do inimigo?

1^a necessidade — Verificação dessas hypotheses.

2ª necessidade — Occupar as passagens do MOGY GUASSU', afim de facilitar a transposição do mesmo pela V. G.

de MEIOS de INFOR- MAÇÃO	Cavallaria	a) — tomada e conservação do contacto; b) — determinação do contacto apparente. Investigação das retaguardas inimigas.
FORÇA MOVEL DE FOGO		
Aviação	Cavallaria.	

Dahi, a missão dada ao R. C. D. constante da ordem que foi entregue ao Cel.

Quando deve o Gen. receber as informações?

Evidentemente, no fim da jornada de 6, já deve saber o que se passa na região do MOGY GUASSU' e mesmo além.

Só assim será proporcionado á nossa D. I. o tempo necessário:

- a) — á organização da operação de 7;
- b) — á elaboração das ordens pelo E. M. (ordem geral de operações, ordem geral de operações, ordem para o emprego da aviação...);
- c) — á transmissão dessas ordens aos interessados.

Director — o raciocínio do Cap. Z., é perfeitamente lógico; a sua solução é boa e nós a adoptaremos integralmente, afim de servir de base ao nosso exercício na carta de 4ª feira proxima.

"Só intervir para:

- a) — accionar o inimigo, se houver logar;
- b) — crear incidentes (sempre tendo em vista resaltar os ensinamentos ou assinalar os erros commetidos)".

Director: — Informações recebidas no fim da jornada de 6.

Cavallaria — "O R. C. D. ocupa as pontes do MOGY na região de MOGY GUASSU'; a sua descoberta foi lançada até á região de ITAQUY; as suas informações foram todas negativas".

Aviação — "Bivaques importantes de tropas de todas as armas na região de AGUA COMPRIADA — Ets. da LAGOA".

O Director concede 5' para o estudo e interpretação dessas informações. São 11 h. 5'.

As 11 h. 10', recomeça a sessão.

O Cel. pergunta ao ten. B. que conclusão tira dessas informações?

"Se nos reportarmos, responde o official, ás hipóteses feitas pelo Cap. Z. sobre a actuação do inimigo no dia 7, constataremos, de prompto, que devem todas ser eliminadas.

Ficam, portanto, de pé as hypotheses relativas ao dia 6, sendo que as possibilidades de elementos de cavallaria ultrapassaram o MOGY se acham consideravelmente diminuídas, dado o facto de termos o grosso do R. C. D. nessa linha.

Em tal caso, parece que a marcha da Divisão poderá efectuar-se sem incidentes até o MOGY; além do rio, entretanto, deve-se encarar a possibilidade dum encontro com elementos de cavallaria.

Director — Vê-se que o ten. B. aproveitou bem os 5' de meditação e expôz com clareza e

precisão a maneira pela qual encarou a questão.

Cap. P. ?

Dadas essas possibilidades, como encara o Gen. a continuação da missão?

Cap. P. — É indispensável que, a despeito do inimigo, a V. G. e o grosso atinjam as linhas fixadas no "plano de manobra" do Gen.

Desse plano deduz-se que a operação do dia 7 comporta duas phases:

- a) — a marcha até o rio;
- b) — a transposição do rio pela V. G. e a organização dum cabeça de ponte na margem N.

O Ten. B. já fixou muito bem as possibilidades do inimigo nessas duas phases.

Nada se opondo ao movimento da D. I. trata-se, na jornada de 6, de continuar a marcha no mesmo dispositivo — dando á tropa o maximo conforto material — economisando-lhe as energias, poupando-lhes as forças para a jornada seguinte que talvez seja mais ardua.

Isto é:

- a) — utilização da melhor estrada;
- b) — medidas de segurança reduzidas a um minimo.

Entretanto, o Gen. de Divisão precisa fazer obra de previsão e, em consequencia, não deve esquecer as medidas necessarias para poder, a despeito do inimigo, continuar o movimento na jornada de 8.

Para isso, é conveniente que, a 7, transponham já o MOGY as unidades que deverão constituir, no dia 8, as V. G. da D. I.

Director — Como encara o prosseguimento da marcha?

Cap. — Attendendo á situação tactica (inimigo mais proximo) e ao terreno (rede de estradas), a Divisão marchará, naturalmente, em 2 columnas, segundo os eixos MOGY GUASSU' — ITAQUY — ITUPEVA — e Est. ESTIVA — Est. ORISSANGA — Est. MATTO SECCO — CASCAVEL — Est. Eng. MENDES.

Director — Portanto, essas unidades, como disse, deverão transpor o rio ainda na tarde de 7.

O Director acha que o exercicio acaba de atingir seu ponto culminante, e, para tornar ainda mais categorica a sua demonstração, resolve intervir na exposição muito sensata do Cap. P., imaginando uma nova situação.

Para isso, só há um meio: **accionar o inimigo, crear incidentes**.

Admittamos, diz elle, que as informações de fim de jornada de 6, ao envez de serem extremamente optimistas, como as que acabamos de imaginar, revistam, pelo contrario, um aspecto mais grave.

Cavallaria — "O R. C. D. conseguiu atingir com o seu grosso as orlas N. da localidade de MOGY GUASSU', lançando elementos de vigilância, até as primeiras vertentes do planalto e até a passagem do Rib. da ONÇA; a descoberta entretanto, não conseguiu ultrapassar a linha Faz. ITAQUY — Est. ORINDIUVÁ, detida por nutridos fogos de fuzil. Um reconhecimento conseguiu surprehender uma patrulha na região de Est. ESTIVA e aprisionar-lhe o chefe, sargento do 5º R. C. D., o qual declarou que o seu regimento precedia uma Bda. de I., reforçada por 2

ou 3 grupos, que marchara na noite de 6/7 e que devia attingir o MOGY ao amanhecer de 7.

As 15 horas, os elementos de vigilancia foram recalados por um forte destacamento de cavallaria, que conseguiu progredir francamente para o S., mas que não ultrapassou a região de CAPELLA, onde foi detido por fogos de arma automatica do grosso do R. C. D.; ás 15 h, 40', o inimigo deu um golpe de força na região de CAPELLA, o qual fracassou totalmente.

As 16 h, 15', o Cmt. do R. C. D. foi informado de que elementos a pé se infiltravam pela grande ravina 2 Kms, L. de Faz. da CACHOEIRINHA. Temendo ficar com a sua retirada cortada, o Cel. resolveu retrahir-se rapidamente para a margem S. do rio, ocupando as garupas que decem para o MOGY e enfiando os pontos de passagem.

Até ás 18 horas, o inimigo não havia renovado as suas tentativas de forçar a resistencia da cavallaria azul".

Aviação — "Ás 10 horas, bivaques de infantaria e artilharia ao longo da estrada ITUPEVA — J. MARTINS; tropas de cavallaria na região de JOÃO TANGERINA".

Ás 14 horas, uma pequena columna de cavallaria transpunha o Corr. ITAQUEY; as tropas de infantaria e artilharia ainda continuam nos seus bivaques".

O Cel. concede 10' para todos se inteirarem da situação e reflectirem.

São 11 h, 20.

Ás 11 h, 30', o Director toma a palavra e pergunta ao ten. H., que idéa faz da situação.

Ten. H. — Estamos diante duma situação diferente da que foi p. imitivamente imaginada.

No caso actual, verificam-se as hypotheses feitas pelo Cap. Z., isto é, devemos encarar a possibilidade do inimigo, no dia 7, forçar a passagem do rio, seja para estabelecer uma cabeça de ponte na margem opposta, seja para marchar francamente para o S.

Director — Perfeitamente!... assim sendo, como o Cap. K. encara a continuaçao do movimento? Obedecer-se-á ao mesmo mecanismo já estudado na 1^a hypothese?

Cap. K. Evidentemente, não.

Havendo a possibilidade dum encontro ao S. do MOGY GUASSU', é necessario que a Divisão adopte um dispositivo tal que lhe faculte, desde o inicio da accão, o livre jogo dos seus meios, isto é, um dispositivo de combate...

Director — São generalidades... Como se poderia conceber, neste caso particular, o movimento da D. I.?

Cap. K. — Por lanços sucessivos, de linha do terreno em linha do terreno...

Director — São palavras... Estamos em um caso concreto!...

Cap. P.?

Cap. P. — Já vimos que a operaçao da D. I. comporta duas partes:

1^a — marcha até o MOGY;

2^a — transposição do rio e organização duma cabeça de ponte. Como poderão ser executadas essas duas partes?

1^a parte — Havendo a possibilidade das nossas V. G. se chocarem com forças vermelhas ao S. do MOGY, precisamos ver onde se poderá dar esse encontro

Possivelmente, na linha intermmediaria balisada pelas alturas ao N. do Rib. S. ANTONIO — mamelão N. do MIRANTE — mamelão de JACUBA.

Trata-se, então, para as V. G.:

a) — de realizar uma approximação até essa linha;

b) — de encarrar, dahi por diante, a possibilidade dum combate.

Esse combate, por sua vez, poderá compor duas variantes :

a) — ou as V. G. repellirão com os seus proprios meios as resistencias encontradas;

b) — ou necessidade tarão do apoio do grosso.

No 1º caso, attitude francamente offensiva das V. G., com a unica idéa do movimento para a frente; no 2º, defensiva momentanea, afim de

b) — ou necessitarão do apoio do grosso.

2.^a parte — Ao abordar o rio, as V. G. poderão encontrar um problema similar ao da 1.^a parte da operação:

a) — ou forçarão as passagens do rio, valendo-se dos seus proprios meios;

b) — ou serão obrigados a appellar para o grosso.

Conclusão — Desta discussão, surgem duas necessidades:

a) — V. G. fortemente constituidas (missão offensiva, emprego da força na transposição do rio);

b) — grosso em condições de apoiar as V. G., principalmente com a sua artilharia de todos os calibres.

Director — Desta sorte, quando as nossas V. G. attingirem a linha balisadas pelas alturas ao N. do Rib. S. ANTONIO — mamelão N. de MIRANTE — mamelão de JACUBA — M.^o do GRAVY, o grosso deverá alcançar a transversal Faz. das PITEIRAS — planalto 700 S. de Faz. PINHEIROS — mamelão 700 NE. de MATTO DENTRO, da mesma forma, quando as V. G. galgarem as alturas imediatamente ao S. do MOGY GUASSU', o grosso deverá attingir as alturas N. do Corr. SOBRADINHO e do Rib. S. ANTONIO e ao S. do Corr. do TOLEDO.

São 11 h, 40,

O Cel. resolve conceder 5' de repouso, mas, antes, chama a atenção dos officiaes como o modo de operar da Divisão, no caso da 2.^a hypothese admittida, foi profundamente diferente da forma empregada na 1^a hypothese. Salienta, ainda, o facto da organisaçao duma operaçao dessa ordem exigir um tempo apreciavel, o que prova que, no caso em estudo, era absolutamente necessário que o nosso R. C. D. fosse lançado para a frente, desde a vespera, afim de que o Gen. e o seu E. M. podessem dispôr, pelo menos, do resto da jornada de 6 e da noite de 6/7, para a concepçao e a organisaçao da operaçao, a redacçao e a transmissâo das ordens, etc.

Um R. C. D., em missão de segurança afastada, não deve andar agarrando ás V. G., salvo se o Cmt. da D. I. não quizer evitar, segundo a expressão mesma do regulamento, "que um combate se empenhe contra o desejo ou ESPECTATIVA do commando." (R. S. C. 266).

Emifim, o Cel. observa que o estudo da cavallaria divisionaria na segurança afastada só pôde

ser convenientemente desenvolvido no quadro mesmo da Divisão.

Por isso, foi obrigado, embora tratando de questões de cavalaria, de invadir o domínio da tática geral, o que sucederá frequentes vezes, pois a nossa arma não vive para si; ao contrário, trabalha, quasi sempre, em proveito das outras.

Dahi, a necessidade dos officiaes de cavalaria cultivarem, com carinho, a tática geral.

A's 11 h.50, recomeça a sessão.

O Cel. só dispõe de alguns minutos para fazer a sua crítica que, no entanto, será muito rápida, pois os próprios factos já se encarregaram de bem salientar os ensinamentos e assignalar os erros commetidos.

Por uma questão de methodo, os diversos assumptos, que constituem o objecto da sua critica, serão seriados.

SEGURANÇA DO CHEFE — O Gen. commandante da 1.^a D. I. azul havia assentado o seu "plano de manobra".

Duas hypotheses, entretanto, se fizeram no concernente á actuação das forças vermelhas no decurso da jornada de 7.

Tratava-se, pois, para o Gen. de assegurar a consecução do seu plano a despeito de qualquer manifestação da vontade adversa, de assegurar a livre disposição das suas forças, de assegurar a possibilidade de empregal-as de acordo com a sua idéa de manobra... de utilisal-as sempre apesar do inimigo.

Ora, a 1^a hypothese figurada (informações negativas do R. C. D.) impunham ao Comando, como vimos, disposições diferentes das exigidas pela 1^a, 2^a hypotheses (informações positivas).

Portanto, para o Gen. de Divisão ficar senhor da sua vontade, tinha duas necessidades fundamentaes:

1.^o — Vêr qual das duas hypotheses se verificava, afim de tomar a disposições impostas pela situação correspondente á hypothese verificada (1.^a ou 2.^a)

2.^o — Fazel-o em tempo util, afim de que todas essas disposições podessem ser tomadas, isto é, que os meios podessem ser reunidos e empregados em vista da operação projectada.

Foi por esquecimento dessas duas imperiosas necessidades que o ten. M. se viu na difícil contingencia de ser obrigado a montar uma operação no vazio. Tendo bem estabelecido o seu plano, não soube, entretanto, organizar a procura das informações necessarias á sua realização, o que poderia conduzil-o a uma situação critica.

Não se tratava somente de agir; era necessário.

AGIR EM SEGURANÇA, AGIR COM CONHECIMENTO DE CAUSA.

ASSEGURAR A LIBERDADE DE ACCÃO, isto é, a possibilidade de manifestar a sua vontade no momento e no logar desejados a despeito de qualquer intervenção do inimigo.

Para isso, o Cmt. da D. I. devia:

1.^o — Esclarecer a situação.

2.^o — Tomar as disposições necessarias para apesar do inimigo:

a) — marchar até o MOGY GUASSU';
b) — organisar, na margem N., uma cabeça de ponte;

c) — transpôr o rio com o seu grosso na manhã seguinte.

Em uma palavra, colher as informações e dispôr as suas forças, de modo a poder assegurar, a despeito do inimigo, o desenvolvimento da manobra concebida.

E', nisso, senhores, que consiste a **SEGURANÇA DO CHEFE**, que tem por base, antes de tudo, a **INFORMAÇÃO** — proporcionada pela cavalaria, de mãos dadas com a sua irmã mais nova — a **AVIAÇÃO**.

Vê-se, assim, o papel importantissimo que desempenha, no quadro da D. I., esse precioso órgão de informação, que é o R. C. D.

CARACTERISTICOS DE EMPRETEGO DA CAVALLARIA — Ja vimos a necessidade de, desde a manhã de 6, o Gen. ter, na região mesma do MOGY, meios de fogo capazes de lhe interdictarem as passagens e, em seguida, retardarem a progressão do inimigo segundo o eixo MOGY GUASSU' — MOGY MIRIM — Faz. das PITEIRAS.

Em outras palavras:

a) — necessidade de transportar fogos para a linha do MOGY GUASSU';

b) — necessidade de transportal-os rapidamente;

c) — necessidade de transportal-os, se as circunstancias o exigissem, brutalmente e de surpresa.

Estava, pois, a 1.^a D. I., na tarde 5, em face do problema da

MOBILIDADE — POTENCIA DE FOGO SURPRESA — ACÇÃO PROMPTA E OPPORTUNA.

Em uma palavra, estava diante do problema da cavalaria, modernamente concebida como uma **FORÇA MOVEL DE FOGO**.

O ten. B. pareceu esquecer-se dessa qualidade fundamental da nossa arma, quando, exigindo-lhe uma accção de fogos, não soube combinal-a com a **MOBILIDADE**.

O nosso exercicio mostrou bem o reendimento que é capaz de produzir uma cavalaria divisionaria, quando empregada de acordo com as suas características.

Se não fossem as armas automaticas do nosso R. C. D. — levadas decisiva e rapidamente até às margens do MOGY — a 1. D. I. não teria, como vimos, determinado os elementos basicos indispensaveis á organização, em tempo util, da delicada e difícil operação da transpôsição dum curso d'água.

Andou, pois, bem avisado o Cap. P., ordenando que o grosso do R. C. D. ocupasse, desde 6, as pontes do MOGY, em condições de:

a) — deter os elementos ligeiros;

b) — retardar os elementos mais importantes.

Essa **accão retardadora** é uma das formas características de emprego da nossa arma e resposa tambem em uma justa combinação da mobilidade com a **potencia de fogo**.

São 12 h. 5'.

O Cel. previne os officiaes de que a ordem do Cap. Z. ser-lhes-á distribuida no dia 7 e que

SUGESTÕES

A reserva da Aviação

Foi divulgado que um aluno do C. P. O. R. requereu ao Sr. Ministro da Guerra matrícula na E. Av. M.

Deve-se cogitar da reserva na arma de aviação. Num paiz da extensão do Brasil, a aviação civil encontra campo amplo para seu desenvolvimento, por ser de necessidade imperiosa nos meios de comunicação.

O seu emprego em tempo de guerra terá que obedecer à multiplicidade das missões, acções rápidas e em massas extraordinariamente moveis. De onde necessitarmos de grandes reservas organizadas desde a paz. O principal característico da reserva dessa arma, porém, é o treinamento.

Pilotos e observadores não se improvisam, mas também nada poderão fazer se não estiverem **em forma**, perfeitamente treinados.

Ora, si para os reservistas de infantaria se exige a prática continuada do tiro, despertando a inobservância desta prescrição por ocasião da revolução de Outubro último, formidável grita, o que não se dirá amanhã dos aviadores des-trenados que desconheçam inclusive as modificações a que estão sujeitos os próprios aparelhos de bordo do avião?

A simples licença para obtenção do brevet em nossa E. Av. M. não resolverá, portanto, o magnifico problema. Si após tal diploma abandonar o titulado os campos de aviação, perderá com tal afastamento suas qualidades de aviador. Fi-

servirá de base para o exercício de 4ª feira (dia 9).

Essa ordem dará motivo a um pequeno trabalho em domicílio, que deverá ser entregue, às 16 horas do dia 8, ao Cap. Ajudante.

O trabalho consistirá na redação da ordem do Cmt. do R. C. D., em consequência da ordem do Cmt. da D. I. estudada e discutida durante a sessão.

O Cel. ainda chama atenção dos Caps. para o estudo da marcha do Esq. divisionário durante o movimento de 7, que poderá constituir objecto dum exercício de quadros no âmbito do Esq.

Os Caps. registram nas suas cadernetas essa observação interessante do Director do Exercício.

São 10 h. 10'... O Cel. pede desculpas de haver ultrapassado a hora fixada e dá por encerrada a sessão.

CONCLUSÃO

De todo esse conjunto, vê-se que o adentramento dos nossos quadros deve ter por base o **methodo fecundo do caso concreto**.

E' só assim que conseguiremos estudar conscientemente os nossos regulamentos.

Estudar os regulamentos — conhecê-los bem — não consiste em decorar as suas prescrições, recitar-lhes o texto.

As dissertações, as exposições teóricas são vãs, inuteis, estériles; o conhecimento teórico dos

cará inapto ao desempenho de qualquer missão aviadora, arriscando não só as perdas das vidas como do próprio avião que conduzir.

A permanência de officiaes reservistas na E. Av. M. ou esquadrilhas que se venham a installar no paiz trará um **gasto** excessivo ao nosso precário material aviador militar.

O da nossa Escola já é insuficiente para o treinamento do pessoal da activa, tornando assaz trabalhoso o simples mistério da organização dos horários escolares.

Accrescente-se a isto as incompatibilidades horárias dos affazeres civis dos reservistas e temos atingido a um verdadeiro caos.

A solução que se impõe e deve ser encaminhada pelo Ministério da Guerra ao da Viação é o da **obrigatoriedade** do alistamento na reserva das Aviações do Exército e Armada dos dois terços dos aviadores civis que por lei devem ser brasileiros e que prestam serviços ás empresas que gozam de concessões do governo brasileiro.

Dentre tais aviadores civis deverão sair os nossos officiaes e sgt's. aviadores da reserva, sujeitos a provas periódicas onde demonstrem a continuidade de seu treinamento e unicamente pelos quais possam ter acesso ou simples permanência nos quadros da reserva.

Como exceção a tal regra só se pode admitir aquelas que pessoalmente sejam proprietários de aviões e nelles trenem.

princípios e processos é absolutamente improdutivo, se não soubermos aplicar esses diferentes princípios e processos aos casos particulares que nos forem propostos.

Ora, na guerra, todos os casos são particulares...

Raramente se encontram duas situações idênticas; cada problema é um problema novo.

Todas as situações são originais, comportando uma originalidade de soluções.

E' preciso, pois, que o espírito se submetta a uma gynastica especial que lhe proporcione a possibilidade de adaptar instinctivamente os meios ás circunstâncias que envolvem cada caso particular.

Esse bellissimo resultado só se obtém quando os reflexos se acham convenientemente educados.

Crear e desenvolver esses reflexos — tal deve ser o supremo objectivo duma verdadeira instrução de quadros.

Ora, só se aprende agir agindo. "C'est en forgeant qu'on devient forgeron".

Só pelo hábito de resolvemos frequentemente os mais variados casos concretos conseguimos assimilar a Doutrina preconizada pelos nossos regulamentos.

Sigamos, pois, o methodo fecundo do caso concreto...

A necessidade de Stands

A' guisa de exordio, empreguemos as palavras do Cmt. D'André, no seu livro "LE TIR POUR VAINCRE":

— "Graças ao tiro, o fuzil é mais terrível entre as mãos de um bom atirador que confiado a dez canhestros, esbanjadores de munição.

— O regulador do combate moderno é o tiro de matar.

— No fogo, só as balas que attingem o objectivo as que protegem. Atiremos sempre a bala ajustada.

— Infante, ajusta bem o teu tiro. Abate teu homem a cada tiro.

— A inepcia no tiro origina no combate o sentimento de sua incapacidade, de sua fraqueza; donde a pusilanimidade e, às vezes, a covardia.

— O bom atirador cumpre, sozinho, seu dever. Seu tiro ajustado limpa o terreno, rapidamente, dos inimigos que o entulhavam.

— A habilidade no tiro desenvolve o espirito guerreiro no paiz.

— Uma nação dotada de espirito guerreiro é senhora de seus destinos.

— O tiro não é tudo, evidentemente! mas, sem o tiro nada existe; apenas a "carne para canhão" e não cidadãos aptos a garantirem os interesses dum raça que quer progredir.

— Atirar bem é desembalar-se de seus adversarios, é proceder á limpeza deante dos fuzis, é varrer o terreno, é ter campo livre afim de poder avançar á sua vontade, é conservar o inimigo á sua discrecção, é vencer!

— Um soldado só estará instruído quando souber utilizar-se de sua arma".

Estas palavras devem ser repetidas constantemente; não que se lhes desconheça o valor e importancia incalculaveis; mas, as pertinazes difficiencias, que se nos deparam na execução do que é útil, nos incitam a dellas fazermos um fanal.

A bala do infante require o visar-se exactamente o adversario que se pretende attingir: é a bala intelligent.

O atirador inepto lançará seus projectis ao acaso, os quaes, consequentemente se disseminarão no terreno.

Rebuscando os ensinamentos da historia, conhecemos o que resultava dos ataques ingleses no Transvaal, deante dos tiros ajustados dos Boers.

Não nos é necessário citar outros factos; o imprescindivel é lançarmo-nos á faina de creamos atiradores de escol em grande quantidade.

A manobra da infantaria é a combinação de fogo e movimento e, entre outros objectivos, deve visar o da realização de um fogo superior, capaz de neutralização, afim de dar ensanchas ao movimento.

O movimento propõe-se a levar o fogo cada vez mais perto do adversario de forma que o torne mais efficaz, em consequencia da continua reducção da distancia de tiro e de observação.

O deslocamento do fogo tem sua genese no se querer melhoral-o.

E os regulamentos declaram:

"O ataque é o fogo que avança".

"O fogo destroea a tropa inimiga ou a coage-

a enterrar-se. O movimento leva cada vez mais perto do inimigo um fogo poderoso que quebra sua resistencia".

Só ha possibilidade no progredimento da infantaria, durante o ataque, sob a protecção de um fogo continuo, estreitamento ligado a esse avanço e proporcional ás suas necessidades.

Não ha necessidade de respigarmos mais documentos para estudarmos o caracter, extraordinariamente importante, assumido pelo fogo, na luta moderna.

Reverentes todos nos curvamos, pois lhe reconhecemos o valor, deante do fogo.

Mas, é mistério aclararmos, não no fogo produzido por atiradores canhestros, mas do que bate o pretendido terreno, que organiza uma "zona de morte".

Eis os diversos pontos que, exhuberantemente demonstra o Cmt. D'André, nos forçam a proclamar a imprescindibilidade de creamos atiradores de escol

Verdade á La Palisse; só se tornará atirador quem atirar...

Mas, para preparamos esses atiradores necessitamos de STANDS. quer para os tiros de instrucção, quer para os de combate.

E ao examinarmos os recursos, de que os corpos aquartelados nesta Capital dispõem, vemos que são simplesmente irrissórios.

Não é mysterio nenhum, é do conhecimento geral, os percalços que se deparam ás unidades aquarteladas na Villa Militar, e á Escola Militar.

O único Stand, na Villa, é obvio, não satisfaz em absoluto ás necessidades de todos aquellos estabelecimentos; e, sem que nos acoijem de exagerados, para nos capacitarmos de que a instrucção de tiro não seja uma ficção, somos induzidos a acreditar na interferencia de thaumaturgos.

E isto, diga-se a verdade, não por falta de vontade em se querer preparar atiradores de escol; a instrucção de tiro é agradável e os homens por ella se interessam; mas por falta de meios adequados para propinal-a.

Occorrendo tal anomalia para os casos visitos, não ha como nos expressarmos em relação ao espectáculo fornecido pelos que se encontram na cidade.

Havia, na Quinta de Boa Vista, um stand; mas, ha cerca de tres annos, vedou-se nelle atirar e cercearam o executar as simples posições do "tiro de instrucção". E que dizer do importante "tiro de combate?"

Não mais queremos insistir sobre o valor do tiro, não só na infantaria como na cavallaria.

E esta importancia cresce dia a dia....

A qualidade do tiro denuncia o valor da tropa, seu estado nervoso, sua capacidade guerreira. EX UNGUE LEONEM.

E' inadiavel solucionar-se o problema da construcção de stands.

Só assim teremos unidades instruidas...: a instrucção é a razão de ser do Exercito em tempo de paz e o preparo para a guerra constitue o unico objectivo da instrucção da tropa; necessidade de STANDS...

D A G U E R R A

Pelo Gen. CARL VON CLAUSEWITZ
(Publicação postuma em 1832)

(Extracto que offerece aos leitores d' "A Defesa Nacional" um camaradă que leu o livro a lapis em punho)

"As grandes dificuldades que apresenta uma exposição philosophica da arte da guerra e as varias tentativas mui mal sucedidas, realizadas nesse sentido, levaram muita gente a concluir que semelhante theoria é impossivel, pois que versaria objectos que nenhuma lei permanentemente pôde abranger.

Nós aceitariamos essa opinião e desistirímos de qualquer ensaio para formular uma theoria si não fosse certo que ha um grande numero de principios que sem dificuldade impõem a sua evidencia, taes como: **a defensiva é a forma mais forte da guerra, com objectivo negativo e a offensiva é a mais fraca, com objectivo positivo; os grandes resultados arrastam os pequenos,** razão por que as acções estratégicas podem ser reduzidas a centros de gravidade; uma demonstração é um emprego mais fraco das forças do que um verdadeiro ataque, e portanto é preciso que ella seja especialmente justificada; **a victoria consiste não apenas na conquista do campo de batalha, mas na destruição das forças physicas e moraes do inimigo,** a qual geralmente só se realiza pela perseguição após a batalha vencida; o exito é sempre maior onde se alcançou a victoria e, por isso, a mudança incontinenti para outra linha ou direcção só se admite como um mal necessário; **o direito de aplicar o envolvimento só nasce da superioridade do efectivo ou da superioridade da linha de comunicações e de retirada;** igual consideração se applica ás posições de flanco; todo ataque enfraquece á proporção que progride..."

"A guerra não é senão um duello em grande escala..."

.....
Cada um dos adversarios procura pela força physica obrigar o outro a submeter-se á sua vontade; seu objectivo imediato é supplantar o antagonista e assim tornal-o incapaz para toda resistencia ulterior. **A guerra é portanto um acto de violencia, para forçar o inimigo a respeitar nossa vontade.** Para se oppôr á violencia, a violencia se apparelha com os inventos das artes e das sciencias"..."

"Como o uso da violencia physica em toda a sua extensão não exclue de nenhum modo a cooperacão da intelligencia, aquelle que se serve dessa violencia, sem contemplação, sem poupar o sangue, tem que adquirir preponderancia si o adversario não se conduzir de igual modo"..."

"A guerra é portanto um acto de violencia — repetimos — e não ha limites para o seu emprego; cada um procurando dictar a lei ao outro, resulta uma reacção mutua que, theoricamente, deve conduzir ao extremo."

"Si queremos que o inimigo se dobre á nossa vontade, temos que pô-lo numa situacão mais desvantajosa do que o sacrificio que delle exigimos..."

A peor situacão em que possa encontrar-se um belligerante é a da plena impotencia para

reagir. Se, portanto, queremos pela guerra submeter o adversario á nossa vontade, ou temos que tornal-o de facto impotente para reagir, ou mettê-lo em uma situacão em que pareça disso ameaçado. Dahi resulta que o desarmamento ou derrota do inimigo, como se quizer chamar, deve ser sempre o objectivo, o fim da guerra"..."

"Em quanto eu não tiver supplantado o inimigo, devo temer que elle me supplantante, isto é, não sou senhor de mim mesmo; elle me dicta a lei, como lh'a dicto eu."

"A querermos supplantar o inimigo, temos que graduar o **nossa esforço** em proporção com a sua capacidade de resistencia e esta se traduz por um producto em que entram dois factores: a grandeza dos meios disponiveis e a da força da vontade".

"**A GUERRA DE UMA COLLECTIVIDADE** — povos inteiros e especialmente povos cultos — SEMPRE NASCE DE UMA SITUAÇÃO POLITICA e SO' E DETERMINADA POR UM MOTIVO POLITICO.

"... a guerra não é só um acto politico, mas um verdadeiro instrumento politico, uma continuaçao das relações politicas, um proseguimento das mesmas por outros meios".

"A guerra não só é um verdadeiro camaleão, porque em cada caso concreto modifica em alguma cousa a sua natureza, mas tambem a respeito das tendencias que nella reinam é uma singular trilogia, constituída da violencia primara de seu elemento — o odio e a inimizade, que devem ser consideradas como cégo impeto natural — do jogo das probabilidades e do acaso — que fazem de guerra uma livre actividade psicologica — e da sua natureza subordinada de instrumento politico, pela qual entra no domínio da pura intelligencia. A primeira destas tres faces volta-se mais para o povo, a segunda para o general e seu exercito, a terceira para o governo"..."

Estas tres tendencias, que aparecem como outras tantas leis, assentam profundamente na natureza do objecto e são ao mesmo tempo de grandeza variavel. Uma theoria que deixasse de considerar uma dellas, ou que pretendesse estabelecer uma ligação arbitaria entre elles, incidiria instantaneamente em tal contradicção a realidade, que só por isso ficaria destruida".

.....
"Antes de examinar mais por miudo o que se chama pôr um estado fóra de combate, distinguimos logo tres coisas que nessa materia, como objectos geraes, abrangem tudo o mais: **as forças armadas, o territorio e a vontade do inimigo.**

E' necessario anniquilar as forças armadas, isto é, pô-las em tal estado que não possam mais continuar a combater. Esta é a accepção que sempre daremos ao "anniquilamento da força combatente inimiga".

E' necessario conquistar o territorio, pois poderia surgir deste nova força combatente. E, ainda, alcançados estes dois objectos, não se pôde

considerar acabada a guerra, isto é, a tenção hostil e o efeito de forças inimigas, enquanto não estiver também **supplantada a vontade do inimigo**, isto é, não estiver o seu governo (ou algum alia-dor) disposto a assignar a paz, não estiver o seu povo disposto a se submitter".

... "Duas coisas ha que na realidade pôdem ser motivo para a paz, em vez da impotencia para prolongamento da reacção: **a improbabilidade da victoria e o seu prego excessivo**".

... "Intencionalmente desprezamos a diferença que resulta para a acção, por força da natureza positiva ou negativa do objectivo político da guerra; pois, si bem que este seja da mais alta importância, temos que nos conservar num ponto de vista mais geral, visto como as primitivas intenções políticas muito pôdem mudar no decurso da guerra e acabar inteiramente outras, justamente porque nelas tambem influem as vitorias e os resultados provaveis".

... "O preço da victoria ou dispendio de forças pelo inimigo reside no desgaste de suas forças combatentes, isto é, na sua destruição por nós causada, e na perda de territorio, isto é, na sua conquista por nós realizada".

... "Além destes dois caminhos ha outros tres, imediatamente traçados para aumentar o dispendio de forças pelo inimigo. O primeiro é o da **invasão**, isto é, tomada de territorio inimigo, não com a idéa de conservá-lo, mas para levantar, nelle contribuições de guerra ou devastá-lo. Aqui o objecto imediato não é a conquista do territorio, nem a derrota de forças combatentes mas apenas, de modo geral, causar danno ao inimigo. O segundo caminho é levar os nossos emprehendimentos de preferencia contra **objectos que aumentem o prejuizo do inimigo**... O terceiro, muito mais importante pelo numero de variantes que comprehende, é **fatigar o adversario**... Esta noção de fatigar o inimigo na luta significa o exgotamento das forças physcas e da vontade, produzido pouco a pouco com o prolongamento da guerra".

.....
... "E' actividade guerreira tudo quanto interessa ás forças combatentes, portanto, tudo quanto importa á sua criação, conservação e emprego. **Criação e conservação, evidentemente são apenas meios, o fim é o emprego**. ... Assim, toda a actividade guerreira se reporta necessariamente ao combate, ou imediatamente ou mediadamente. O soldado é recrutado, é fardado, é armado, é instruído, elle dorme, come, bebe e marcha, tudo só para combater, no devido lugar e na devida hora"... "No combate toda a actividade visa o anniquilamento do adversario, ou, antes, da sua capacidade de lutar, pois isto é da sua natureza; esse anniquilamento é, portanto, sempre o meio para alcançar o fim que o combate visa. Esse fim, por sua vez, pôde ser o simples anniquilamento das forças combatentes do inimigo, mas isso não é absolutamente necessário, pôde ser inteiramente outro"... "O anniquilamento do inimigo é sempre o meio mais desejavel, mais efficaz, ao qual todos os outros têm que ceder a precedencia. Mas naturalmente só lhe podemos attribuir maior efficacia, si houver igualdade de todas as demais circumstancias

Seria, portanto, um grande equivoco si se quizesse tirar a conclusão de que a offensiva

céga sempre deva prevalecer sobre a cautelosa habilidade. A offensiva céga inhabil conduziria ao anniquilamento nosso em vez do do inimigo, e não pôde, assim, ser por nós preconizada. **A maior efficacia é inherente não ao meio, mas ao fim**, e só se pôde comparar a efficacia de um fim attingido com a de outro. ... O perigo de semelhante meio está em que no caso de malogro a maior efficacia que buscavamos reverte em prejuizo nosso, nos acarreta portanto maiores desvantagens".

... "Consideremos do lado negativo o anniquilamento das forças inimigas, isto é, a conservação das nossas".

... "A tendencia para o fim positivo dá nascença ao acto do anniquilamento, a tendencia para o fim negativo leva-nos á defensiva"... A consequencia costuma ser a transferencia da acção no tempo, e, tanto quanto lhe esteja ligado o espaço, tambem a transferencia no espaço, na medida que as circumstancias o permittam. Chegado, porém, o momento em que isso não pôde ser continuado sem que preponderem os prejuizos, deve-se considerar exgotada a vantagem da attitud negativa e então resurge inalterada a tendencia para o anniquilamento do inimigo, a qual estava sómente sustada por um contrapeso, mas não eliminada".

"Si ha, portanto, na guerra varios caminhos que levam ao objectivo, a realização de seu fim politico, comtudo o combate é o unico meio e por isso toda a guerra fica sob a suprema lei da decisão pelas armas;..." "... a descarga sanguenta da crise, a tendencia para o anniquilamento das forças combatentes do inimigo é o filho primogenito da guerra.

Pôde um general cauteloso, deante de minusculos objectos politicos, fracos motivos, frouxa tensão das forças, procurar habilmente todos os meios de esgueirar-se para a paz, sem grandes crises nem soluções sangrentas, atravez das fraquezas peculiares ao inimigo, no campo e no gabinete; não temos o direito de censural-o, desde que as suas premissas estejam devidamente motivadas e admittam descontar exito; sempre, porém, teremos que exigir delle que tenha consciencia de que marcha por desvios, nos quaes o deus da guerra pôde surprehendê-lo, e que sempre conserve em vista o inimigo, para que não lhe succeda, si este desembainhar afiada espada, não puder cruzar ferro senão com florete".

.....
A guerra é o dominio dos perigos. Por isso, antes de tudo, a primeira qualidade de guerreiro é a coragem. E ella é de dupla natureza: coragem deante do perigo pessoal, coragem ante a responsabilidade, seja em face do julgamento de qualquer poder exterior, seja do juiz interior, a consciencia.

Por sua vez é de natureza dupla a coragem contra o perigo pessoal: pôde ser indifferença ao perigo, nascida do organismo ou do habito, em qualquer caso immanente ao individuo, e pôde ser determinada por moveis positivos, como ambição de honras, amor da patria, entusiasmo de qualquer especie.

Neste caso a coragem não é um estado ou qualidade immanente, mas é manifestação do espirito, é sentimento. Comprehende-se que as duas especies de coragem tenham effeitos diferentes.

O novo chefe da Missão Militar Franceza

Acha-se entre nós, o novo chefe de M. M. F., General Charles Huntziger, que como seus antecessores foi escolhido dentre os mais notáveis chefes do exercito francez, Gamelin o 1º instrutor do nosso exercito é hoje o chefe do Estado Maior da França.

Huntziger é um nome feito durante a grande guerra, tendo tomado parte nos mais brilhantes feitos confirmando inteiramente o seu valor militar anteriormente posto á prova nas campanhas coloniaes.

A sua escolha é uma demonstração do quanto em França se tem em alta conta a missão que os seus generaes devem desempenhar no nosso paiz, escolhendo nomes como os de Gamelin, Coffec e Spire, e agora o de Huntziger.

E' um general moço ainda, contando apenas 50 annos de idade. A sua fé de officio é expressiva.

Matriculado na Escola Especial Militar de St. Cyr em 1 de outubro de 1898 saiu 2º tenente de infantaria colonial a 1 de outubro de 1902. Um anno após, iniciava a sua vida guerreira, fazendo as campanhas de Madagascar e Africa Occidental francez de 1903 a 1908. Matriculou-se após, em 1909, na Escola Superior de Guerra, sendo breveté e promovido a capitão em 1911. Tomou parte a seguir nas campanhas em Indochina em 1912 e 1913.

Durante a guerra, commandou de inicio uma companhia de infantaria e obteve depois dos ataques de dezembro de 1914 honrosa citação na Ordem do Exercito.

Em seguida, foi designado, successivamente, como capitão para um estado maior de divisão e um estado maior de corpo de exercito, onde

A da primeira especie é mais segura, pois que se torna uma segunda natureza do homem, jamais o abandona; a segunda especie muitas vezes leva mais longe; a primeira pertence mais o estoicismo, á segunda a ousadia; a primeira deixa a razão mais calma, a segunda ás vezes a exalta, e demasiadas vezes a oblitera. Ambas reunidas constituem a especie mais perfeita da coragem.

A guerra é o domínio dos sofrimentos físicos; para não succumbir sob sua influencia, carece o homem dum certa fortaleza do corpo e da alma, que, innata ou adquirida, torna o homem superior aos sofrimentos.

Com estas qualidades, simplesmente guiado pelo bom senso, já o homem é um poderoso instrumento para a guerra; e são as que encontramos tão vulgares nos povos selvagens e semi-cultos.

A guerra é o domínio da incerteza. Tres quartas partes das coisas sobre as quaes se baseia a acção na guerra envolvem-se da nevoa de uma incerteza, mais ou menos grande. Portanto, aqui se reclama em primeiro logar um julgamento agudo, penetrante, para descobrir a verdade com o tino desse julgamento.

A guerra é o domínio do acaso. Não ha nenhuma actividade humana em que maior participação tenha esse intruso, pois que não ha outra que tanto esteja em contacto com o acaso, por todos os lados. Elle agrava a incerteza de

obtem em 1915 uma segunda citação na ordem do Exercito.

Foi nomeado cavalheiro da Legião de Honra a 25 de Outubro de 1915.

Promovido a chefe de batalhão em 1915, assumiu o commando de um batalhão e em seguida em 1918 a chefia do 3º bureau do general comandante em chefe dos exercitos aliados do Oriente.

Por ter tomado parte muito activa na ofensiva que fez capitular a frente oriental, em Setembro de 1918, foi promovido a tenente-coronel e citado de novo na Ordem do dia do Exercito.

Foi nomeado em 1919 sub-chefe do estado maior geral do commando em chefe dos exercitos aliados no Oriente.

Regressando á França, em 1920, exerceu as funções de sub-chefe do gabinete do ministro da guerra que deixou em 1921 para seguir o curso do Centro de Altos Estudos Militares.

Promovida a coronel em 1922, foi chamado ao Ministerio da Guerra que deixou em 1924 para ir commandar as tropas francezas na China, função em que recebeu as felicitações do ministro.

Regressando á França, em 1928, assumiu as funções de chefe do estado maior do general membro do Conselho Superior de Guerra e inspetor geral das tropas coloniaes.

Foi promovido a general de brigada em 7 de Setembro de 1928.

O general Huntziger é commendador da Legião de Honra desde 23 de Dezembro de 1927. E' ainda possuidor da Cruz de Guerra com 3 palmas e de numerosas condecorações francezas e estrangeiras".

(Do "O Jornal de 21. II. 31).

todas as circumstancias e altera o curso dos acontecimentos.

Aquella incerteza de todas as informações e suposições, essas permantes intromissões do acaso, fazem que na guerra as coisas sempre se apresentem de modo diferente do que se esperava.

Para que o chefe domine com bom exito essa luta incessante com o inesperado são-lhe imprescindiveis duas qualidades: a capacidade de julgamento, ou intuição, que lhe proporciona as necessarias luzes para ver a verdade no meio dessas trévas; e a coragem de guiar-se por essas luzes, fracas que sejam. A primeira dellas é de nominada, figurativamente, golpe de vista, a outra resolução.

Si lançarmos agora um olhar de conjunto sobre os quatro aspectos da atmosphera em que se desenvolve a guerra, isto é, o perigo, o sofrimento phisico, a incerteza e o acaso, comprehendemos facilmente que é necessario possuir uma grande força de espirito e de alma, para pisar com segurança e exito nesse terreno difficult. E' a essa força que os narradores de acontecimentos guerreiros costumam designar, conforme as graduações que ella apresenta de acordo com as circumstancias, como energia, firmeza, estoicismo, força d'alma caracter. Todas essas manifestações de natureza heroica poderiam ser consideradas como força de vontade.

(Continua)

NOTICIARIO

Capacete de aço e Bandeira Nacional

Dois partidos políticos militarizados na Alemanha

Ao fascismo da Itália correspondem na Alemanha duas organizações políticas militarizadas, abertamente antagonicas, o Capacete de aço (Stahlhelm) e a Bandeira Nacional (Reichsbanner).

Distinguem-se elas, a organização italiana e as alemãs, de tudo quanto o mundo conheceu antes da guerra, pelo facto de realizarem os respectivos partidos políticos a idéia espontânea de pôr ao serviço do seu voto, da sua opinião política a sua força física, o seu braço armado. Parece que só a grande guerra, com sua profunda repercução nas transformações internas nacionais, fez enxergar que partido político, significa unidade de vistos e de propósitos, união cívica, e que realizada a união está creada a força.

Para ser eficiente, a força precisava ser organizada, e para tal impunha-se o modelo das militares.

Não será de estranhar que em dia não muito distante no futuro o paralelismo entre os velhos exercitos "militares" e esses novos exercitos "civis" resulte em superposição, substituição, profundamente alterados os actuais principios vi-

gentes de recrutamento, preparação e mobilização.

Pode-se encontrar uma certa semelhança entre a mentalidade dessas associações civis-militares, ressalvada a particularidade da cõr política partidária, e a da instituição que também entre nós existiu e alcançou os primeiros anos de independência, a instituição dos "homens bons", que compreendia os particulares válidos, além de merecedores daquela qualificativa, capazes de acudirem pessoalmente e com gente sua nos casos de defesa da ordem e da tranquilidade pública.

Os "Capacetes de aço" e associações connadas da opinião dos partidos políticos, e nesse sentido conjugam a propaganda e a instrução, organizam no mais alto grau de preparação o alarme, a mobilização, também não desprezam a utilidade para o bem público, sem distinção partidária: tais organizações entram também em cena nos casos de calamidade pública, como sejam inundações, etc.

O "Capacete de aço" possue desde 1918 um semanário dominical, do mesmo nome, com três suplementos permanentes e um mensal, respectivamente denominados "O movimento", "O jovem capacete de aço", "Heroes e éras", "No binóculo hipoplástico".

Do numero de 7-12-1930 colhemos as seguintes impressões, que nos pareceram de interesse para os nossos leitores, sobre as duas "legiões" alemãs.

Do "Der Jungstahlhelm": **Elementos fundamentais do Estado.** — O Estado é mais do que uma comunidade de interesses. Seus fundamentos são os homens que o habitam, os instintos e tendências que os dominam e as missões históricas que lhe cabem, seja pelo imperativo divino da autonomia dos povos, seja pelo curso da sua história e pelos objectivos fixados por seus grandes estadistas, seja ainda pelo território, que determina o "sangue", e pela situação geopolítica ou também pela conducta dos vizinhos.

Em um estado liberal-democrático, como o que nós combatemos, os homens que nela habitam só contam como massa, como elegíveis e eletores, como indivíduo, apesar de todos as constituições de partidos. "As vastas camadas populares" só servem para encapar interesses egoísticos. A opinião momentânea da "maioria" se sobrepõe às missões históricas, por força de considerações do momento. A política é dominada por um chaos, attenuado pela vontade das massas e pela influenciação destas (imprensa, rádio, discursos demagogicos).

No Estado que nós Capacetes de Aço queremos domina a forma conservativa-autoritária, o gremio em vez da massa, homens responsáveis em vez de eletores anonymous, o "alemão" em vez da imponderável "opinião pública". O povo não se articula em massas e partidos, mas em famílias, raças, profissões e associações productivas.

O cidadão não conta, como na democracia, sua posição mais ou menos alta é determinada mecanicamente e uniformemente como número, mas a pelo que produz e pela sua capacidade. A inclusão na "sociedade" dirigente não depende da bolsa, da proteção ou da idolatria, mas ali se encontram os melhores da nação, em perfeição, conducta e produção. Os direitos dependem do cumprimento dos deveres. Só quem fôr capaz de empenhar sua vida como soldado pelo Estado tem influencia e título para ser dirigente.

Do "Der Sahilhelm": **O perigo polaco.** — "Não reinará a paz na Europa enquanto não estiverem plenamente restituídas à Polónia as terras polacas, enquanto não fôr apagado o nome da Prússia da carta da Europa, enquanto os Alemães não recuarem a sua capital de Berlin mais para Oeste".

(Do livro "O acesso da Polónia ao mar", pelo ten. cel H. Baginski).

"Na guerra contra a Alemanha não faremos prisioneiros e não haverá lugar para sentimentos humanos de nenhuma especie... Cabe-nos a tarefa de despertar no exército polaco a mentalidade duma luta encarniçada, de uma capacidade de sacrifício que rai pelo fanatismo, mes-

mo exacerbado até á crueldade. "(Da revista" Liga da Pan-Polonia").

Do mesmo numero do "Der Stabhlhelm":

BANDEIRA NACIONAL

Negro — rubro — aureo
BERLIN—BRANDENBURG Berlin, novem-

bro de 1930.

Circular 5/1930

a todas as associações municipaes

Prezados camaradas!

I REORGANIZAÇÃO TTCHNICA

Uma resolução das autoridades superiores — presidencia da associação e conselho — determina para obtenção da perfeição technica maior possivel uma reorganização geral, com vistas ao emprego da associação para a reacção contra ataques violentos á Republica.

Para realização desse objecto ordena-se:

Os socios de cada associação municipal são assim distribuidos:

abreviaturas

1. Formação—tronco. F. t.
2. Formações de vanguarda. . . . F. v.
3. Formações jovens da Bandeira. F. j.

A Fev. é o conjunto de todos os camaradas que por força maior não se acham em condições de arrostar as altas exigencias intelectuaes e physicas do serviço na F. v.

Ella constitue o reservatorio da Fv., do qual esta a todo tempo pôde ser completada.

A F. v. é o conjunto de todos os camaradas que se acham de posse plena de sua energia physica, que são em absoluto fieis politicamente, e que se acham promptos a todo momento para cumprir militarmente mesmo as mais penosas, incumbencias.

Portanto, a F. v. tem que ser uma tropa de elite, que graças á OPTIMA DISCIPLINA e á MAIS PERFEITA INSTRUCCÃO TECHNICA, possa ser opposta com exito a todos os adversarios. Para a inclusão na Fv. os camaradas devem ser especialmente inspeccionados quanto á sua aptidão, mesmo com risco de diminuir os efectivos.

Ao mesmo tempo importa verificar se as classes mais velhas dos camaradas da Joven-Bandeira se acham aptas para a F. v., ou pelo menos poderão completal-a, após ultimação de sua instrução technica. A Fv. deve ser formada dentro das unidades existentes, consoante o efectivo das associações municipaes, e tal seja seu

"Não te compete dizeres ao artilheiro que ponha sua artilharia aqui ou alli, mas onde queres que metta suas balas."

Gen. Bleidorn

"Como um raio que subito fende a nuvem, assim deveis cahir sobre o inimigo surprehendido."

Frederico o Grande

numero de camaradas formar-se-ão companhias de F. v., pelotões de F. v. ou grupos de F. v.

A directoria regional, após entendimento com os respectivos directores districtaes, baixará as instruções para enquadramento das associações municipaes.

Importa absolutamente prestar a maior attenção ao alliciamento de Jovens-Bandeirantes e instruções para enquadramento das associações manual.

II ORDENS DE ALARMA

As ordens de alarma foram distribuidas ás associações municipaes em numero duplo do dos associados comunicados. Devem ser imediatamente transmittidas, se isso ainda não teve lo-
gar, aos competentes sub-chefes, na forma sabida. A conservação em mãos do presidente ou do director technico da associação municipal é comple-
tamente injustificável e se contrapõe ao objectivo applicatorio das ordens de alarma.

Para obviar obscuridades no emprego dessas ordens rememora-se: Chefe de districto — ou-
mero das associações municipaes existentes no seu districto; Director technico — numero de che-
fes de districto; numero de chefes de pelotões; chefes de pelotões — numero de chefes de grupo; chefes de grupo — numero de camaradas constituintes do grupo.

Todas as ordens de alarma devem ser imme-
diatamente carregadas com o nome e o endereço do destinatario. Num caso de alarma as ordens só terão que ser completadas com a inscripção da hora e eventuaes cancellamentos de dizeres.

Não tem objecto preparar ordens de alarma para camaradas dos quaes de antemão se saiba que não poderão ser praticamente aproveitados para nenhum fim. Os funcionários incumbidos do alarma são responsaveis pela estricta observancia desta instrucção.

III MATERIAL DE PROPAGANDA PARA J. B.

IV LIMITAÇÃO DE DIVERTIMENTOS

A reinante penuria economica e as condições da situação politica interna tensa tornam ab-
solutamente cabivel recomendar insistenteamente ás associações municipaes que reduzam o mais possivel os bailes e outros divertimentos. Antes empreguemos o tempo e os meios em realizar reuniões bem preparadas para propaganda e em aperfeiçoar technicamente a nossa organizaçao.

"A vantagem... que um chefe suppõe alcançar pela sua continua intervenção pessoal, em geral é apenas apparente. Com isso... elle acres-
enta em tal medida as tarefas de sua propria actividade, que vem a faltar-lhe a capacidade de desempenhal-as todas.

Moltke

A remodelação do ensino militar

O inspector do 1º grupo de regiões militares submeteu-se á consideração do ministro da Guerra, o seguinte projecto de remodelação do ensino militar:

"A multiplicidade de institutos militares de ensino, regulamentares entre nós, consoante o decreto n. 5.532, de 31.12.28, não encontra justificativa, nem em razões de ordem economico-administrativa, nem nas de ordem technico-profissional.

Ao contrario, tudo aconselha a redução do numero desses institutos, pelo agrupamento criterioso de alguns delles de modo a constituir cada grupo um centro de cultura ou viveiro de profissionaes cujas missões futuras, sem embargo a diversidade ou especialização dos seus serviços ou armas, devem ser desempenhadas em commun, na mais estreita cooperação, quer nos quartéis generaes, quer nos varios estabelecimentos ou corpos de tropa.

Entre as vantagens dessa reunião dos actuaes estabelecimentos de ensino, em grupos constituídos á luz do criterio da finalidade do emprego dos conhecimentos nelles adquiridos, sobressaem as seguintes:

I — desenvolve a confraternidade militar, pela affeção formada entre os alunos de um mesmo grupo, no labor diario, na convivencia quotidiana e nos trabalhos em commun;

II — gera e fortalece a confiança reciproca, pelo conhecimento pessoal e mutuo da competencia profissional dos alunos e da sua dedicação ao estudo;

III — torna facil a fixação e diffusão da nossa doutrina de guerra, pela unidade de direcção impressa em cada grupo e pelo ajustamento dos respectivos programmas de ensino;

IV — realiza economias, taes como:

a) — menor numero de proprios nacionaes utilizados;

b) — diminuição do dispêndio com a conservação dos edifícios ocupados pelas escolas, e com a aquisição e conservação do material escolar;

c) — simplificação do mecanismo administrativo, pois o de cada agrupamento será sensivelmente igual ao de uma das actuaes escolas separadas, que se agrupam;

d) — redução do numero dos officiaes empregados actualmente na administração e no professorado dos institutos militares de ensino.

Tudo aconselha, como se vê, a revisão da actual organização geral do ensino militar, no sentido de torná-la mais simples, mais efficiente e mais económica.

Examinando o conjunto dos varios estabelecimentos que o nosso ensino militar comprehende, segundo dispõe o decreto n. 5.632, de 31.XII.928, em seu artigo 1º, somos levados a concentrar as doze escolas destinadas á instrução superior (item 3º) nas seguintes:

Escola Militar — Escola de Aviação Militar — Escola de Aperfeiçoamento das Armas — Centro de Instrução de Artilharia de Costa — Academia Militar Superior e Instituto Geographico Militar.

A Escola Militar continuará com a sua missão actual, inclusive de preparar officiaes para o quadro de administração e para o de contadores.

A organização do actual mecanismo administrativo da escola, tem graves inconvenientes cujos efeitos repercutem na administração propriamente dita e

mesmo no professorado, com pesado onus para a Fazenda Publica.

Raramente a nomeação de um novo commandante para a Escola Militar deixa de acarretar a disponibilidade de um ou mais professores, cujas graduações são superiores á daquelle. E' pois de toda conveniencia escoimar esse istituto da causa desses frequentes e grave perturbações. Doutro lado é evidente a necessidade de colocar na superintendencia da escola, um chefe cuja cultura pedagogica seja uma garantia para a perfeita coordenação do ensino, cujos assumptos devem constituir os primordios de suas cogitações. Dahi a necessidade de conferir a elevada direcção da Escola a um professor e de desoneral-o da parte relativa á instrução militar e á disciplina do corpo escolar.

Destas ligeiras considerações surge a modificação a ser introduzida na disposição organica da Escola, consistente em crear o cargo de commandante do corpo escolar, subordinado, como é obvio, ao director da escola, cujas funções devem ser confiadas a um marechal ou general de divisão, professor, de preferência o mais antigo da Escola.

O corpo escolar deve ter a seguinte composição:

Um btl. de infantaria — Um esq. de cavallaria — Uma bateria de artilharia — Um pelotão de engenharia, composto de uma secção de sapadores, uma secção de pnt. e uma secção de transmissões.

A Escola de Aviação Militar, sem alteração, em principio, conservará a ligação actual regulamentar com a Escola Militar.

A Escola de Aperfeiçoamento das Armas será constituída pela fusão das actuaes Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes e Escola de Cavallaria, tendo por missão re completar o ensino militar propriamente dito, ministrado na Escola Militar e a formação de officiaes capazes do exercicio proficiente de todas as funções atribuidas nos corpos de tropas aos officiaes combatentes, inclusive as pertinentes ao coronel.

Desta fusão, que abrange o Centro de Instrução das Transmissões, resultará considerável economia de pessoal de administração e de empregados diversos.

O Centro de Instrução de Artilharia de Costa, sem alteração.

A Academia Militar Superior terá por missão a formação de officiaes destinados a constituir os quartéis generaes, na paz e na guerra, bem como aos serviços technicos de fabricações: funciona á sob a direcção de uma só administração, e será formada pela reunião das actuaes escolas de Estado Maior — Intendencia — Aplicação do Serviço de Saúde — Aplicação do Serviço de Veterinaria e Engenharia Militar.

O director da Academia Militar Superior exercerá a superintendencia de todos os trabalhos da Academia e terá ascendencia disciplinar sobre todos os militares e civis em serviço no instituto, quer pertençam ao quadro administrativo, quer aos corpos docente e discente.

Cada uma dessas escolas terá um director de estudos e seus professores proprios.

A adopção da solução sugerida na forma desta Academia Militar Superior apresenta inquestionavelmente os inapreciaveis benefícios de tornar uniforme o ensino militar, de coordenar o trabalho das varias

(1931.)

escolas, e de fazer convergir, para um mesmo objectivo, os esforços, até agora esparsos, empregados em prol de maior e mais proveitoso rendimento do preparo da oficialidade do Exercito Nacional, para o desempenho das suas arduas funções, quer na paz, quer na guerra. Além desses benefícios, advindos da adopção da medida ora em estudo, duas vantagens merecem ser apontadas, pela sua incontestável valia. Uma delas é a referente ao ambiente oriundo da creação da Academia, nos moldes estabelecidos, propícios ao desenvolvimento da confraternidade militar; a outra é pertinente ao aspecto económico da questão, como veremos, a seguir.

A Academia, de cuja creação ora se trata, bem poderá funcionar no edifício da actual Escola de Estado Maior, ficando por isso disponíveis as sédes das escolas de Applicação de Saude, Superior de Intendencia e de Engenharia Militar.

São empregados presentemente na administração das escolas de cuja fusão resultará a Academia Militar Superior, 23 officiaes, sendo:

Na Escola de Estado Maior	10
Na de Applicação de Saude	4
Na de Intendencia	5
Na de Engenharia Militar	4
e 37 funcionários civis assim distribuidos:	
Escola de Estado Maior	25
Escola de Saude	4
Escola de Intendencia	7

não estando incluidos ahi os funcionários da Escola de Engenharia.

A redução desse numero será uma das immedias consequencias da creação da projectada Academia Militar Superior.

Quanto ao ensino da veterinaria, justo é considerar a sem razão da existencia duma escola secundaria desse especialidade, pois os veterinarios devem dar a essa especialidade, pois pelo mesmo processo adoptado para os medicos e pharmaceuticos, isto é, submettendo-se a um concurso de admissão os veterinarios diplomados pelas escolas civis officiaes ou officializadas. E' pois aconselhavel, como medida económica e equitativa, a extincão da função recrutadora da E. A. S. V., tanto mais que hoje em dia existe, subordinado ao Ministerio da Agricultura um estabelecimento de formação de veterinarios; os respectivos diplomados poderão ingressar no Exercito em condições analogas ás que se observam para os medicos, e a E. A. S. V. terá para os veterinarios militares função superior, analogas á da E. A. S. S. para os medicos militares.

O Instituto Geographico Militar sem alteração.

A par dessa remodelação organica da instrucção superior, faz falta um orgão director e de coordenação de todo o ensino militar, com completa ascendencia sobre todos elles, isto é, que superintenda a instrucção primaria, a secundaria e a superior.

Será a Directoria Geral do Ensino, um dos grandes departamentos do Ministerio da Guerra, delle dependendo directamente, constituindo propriamente um orgão substitutivo da 2ª sub-secção da 3ª secção do Estado Maior do Exercito, por isso desmembrada deste, o que por sua vez trará reaes vantagens para o estudo dos varios problemas cuja solução compete ao E. M. E.

Na fórmula das razões e á luz dos principios orientadores do estudo supra, encaminhar-se-ja a solução da questão por um decreto, como o do seguinte projecto:

Decreto nº... de... de 1931.

Remodela o Ensino Militar.

O chefe do governo provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, considerando que:

a) — não se compadece com os interesses do Exercito Nacional, nem com os da Fazenda Pública, a actual *excessiva multiplicidade de estabelecimentos militares de ensino*, agravada pela inexistencia de um *orgão superior* especialmente preposto a entreligal-os em sistema;

b) — essa multiplicidade, sem associação sensivel, prejudica a efficiencia dos esforços, o rendimento do trabalho;

c) — é, portanto, aconselhavel o agrupamento de varios dos actuaes institutos militares de ensino, como propicio não só ao desenvolvimento da sã e necessaria confraternidade do Exercito, como á systematização e ao rendimento do trabalho;

d) — além disso se logrará desobrigar a União de largos dispêndios, como actualmente ocorrem com a utilização e conservação de excessivo numero de proprios nacionaes, ora utilizados como sédes de institutos militares de ensino, ainda repercutindo a diminuição do numero dos actuaes estabelecimentos de ensino militar numa correspondente reducção não só do numero de officiaes em serviço nesses estabelecimentos, como tambem do de funcionários civis;

s) — é conveniente subordinar a administração e o ensino dos institutos militares, neste mistério especializados, a um orgão superior, que tambem desobrigará o Estado Maior do Exercito dos encargos ora attribuidos á 2ª sub-secção da 3ª secção;

f) — é recomendavel escoimar o actual regulamento da Escola Militar da causa determinante do afastamento de varios professores, por força dos principios da hierarchia militar e é conveniente separa o exercicio do commando da Escola Militar, sob o ponto de vista da sua administração e instrucção militar propriamente dita, da função da direcção do ensino;

Decreta:

Artigo 1º — Fica creada uma Directoria Geral do Ensino Militar, directamente subordinada ao ministerio da Guerra, com a função de superintender todo o ensino militar, isto é, a instrucção primaria, a secundaria e a superior; e são, em consequencia, suprimidas as correspondentes atribuições do Estado Maior do Exercito.

Artigo 2º — Ficam reunidas em um só estabelecimento, a Escola de Aperfeiçoamento das Armas, os tres estabelecimentos, Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes, Escola de Cavallaria e Centro de Instrucção das Transmissões, discriminados pelo decreto numero 5.362, de 31-12-1928, em seu artigo 1º, item 3º, letras c, d, f.

Artigo 3º — Ficam reunidos em um só estabelecimento, a Academia Militar Superior, os cinco estabelecimentos, Escola de Engenharia Militar, Escola de Estado Maior, Escola de Intendencia, Escola de Applicação do Serviço de Saude e Escola de Applicação do Serviço de Veterinaria, discriminados pelo mesmo citado decreto, artigo 1º, item 3º, letras h, i, j, k, l, sendo que nesta ultima cessa a função de recrutamento de veterinarios, o qual pas-

Sequestro de armamento federal

Nos cinco mezes decorridos apóz a transformação política de Outubro vem se processando a desejada renormalização do Exercito, em marcha compativel com o revolvimento de todas as partes do organismo, com a effervescencia dos espiritos e com as variadas naturezas de transformações colimadas. Pôde-se dizer que em muitos centros de actividade, já se retomou completamente o aspecto de normalidade que caracteriza as forças armadas inteiramente votadas, pelo trabalho material e pelas cogitações intelectuaes aos misteres da profissão.

Devemos confessar com ufania que semelhante resultado é devido á noção clara que a maioria dos officiaes das classes armadas possuem de suas responsabilidades e da forma de sua actuação na vida do paiz.

"Não aspiramos a outra causa mais do que a preseguir em nossa missão e viver no ambiente restricto de nossas preocupações profissionaes. Passada a refrega, urge retomar o velho caminho, reconstituir o que foi abalado pela crise, vigiar cuidadosamente e persistir no antigo trabalho, para que a união de outr'ora e a fé reconfortadora floresçam de novo em nossas fileiras" (Gen. Tasso Fragoso).

Mas é indispensável que esse anseio de restabelecimento da situação e de trabalho não seja embaracado por actos irreflectidos de elementos estranhos ás classes ou dos desviados da orientação acertada.

Dentre esses actos sobreleva em importancia o sequestro mantido por algumas unidades da Federação sobre armamentos e mais materiaes da União e arrecadados dos corpos que reagiram aos ataques contra elles levados a effeito.

Se a arrecadação se impoz durante o periodo de luta como medida de segurança, de ordem e de conservação do material; uma vez restabelecida a paz, não mais se justifica semelhante retenção.

sa a ter lugar por processo analogo ao do recrutamento dos medicos militares.

Artigo 4º — Fica alterado o Regulamento da Escola Militar, por forma que seu commando não dé lugar ao afastamento de numerosos professores, por motivo de hierarchia, e que se crée o commando do corpo escolar, especialmente preposto á disciplina e a instrução militar.

Artigo 5º — O ministro da Guerra providenciará sobre a designação do local em que hão de

Trata de material, propriedade da União que se apropriaram indebitamente.

A sua falta nos corpos que delle se viram privados impede completamente o trabalho e, o que é mais serio, cria uma situação desmoralizante para a tropa pelo sentimento da propria impotencia e pelo descontentamento que lhe causa a recusa do que é seu.

A persistirem na idéa de reter esse material, as situações estadoaes darão a entender que o consideram como **preza de guerra**, gesto profundamente infeliz e absurdo em face das proprias circumstancias da lucta travada.

Essa apropriação de armas da União faz suppor arrogarem-se os Estados inculpados como vencedores das forças federaes ou, então, o direito de se precatarem retendo grande parte dos meios de accão daquella.

Nenhuma dessas razões pôde hoje subsistir. De um lado, todas as tropas, mesmo as que mais se oppuzeram ao surto revolucionario, se encontram completamente integradas ao Exercito, cuja "missão normal novamente se reaffirma como factor insubstituível para proporcionar o surto do novo regimen. No momento actual não se sonegam apenas as armas ao regimento A mas sim ao proprio Exercito, de que esse corpo é parte integrante e assim sendo é natural que este interprete como pouco gentil semelhante acto.

Por outro lado, a precauão esboçada pela retenção significa tambem falta de confiança e disciplina, elementos essenciaes na grande obra de regeneração nacional, factores sem os quaes o poder central agirá no vacuo.

A restituição do armamento e material ás unidades prejudicadas constitue, além de tudo, justa reparação ao acto vexatorio que sofreram em seus brios de soldado.

Ella se impõe, no mais curto prazo, para que não fique mareado o prestigio e a honra do Exercito, qualidades de que "depende o valor do concurso que elle pôde prestar na sustentação do novo regime, que ajudou a instituir..

funcionar a Directoria Geral do Ensino, a Escola de Aperfeiçoamento das Armas, a Academia Militar Superior, aproveitamento dos elementos dos respectivos grupos de estabelecimentos, destino dos que ficarem disponíveis, e mais regulamentação pormenorizada para cumprimento do presente decreto e execução das disposições ainda por cumprir do decreto n. 5.632, de 32-12-1928.

(a) João de Deus Menina Barreto — General de Divisão."

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

Revistas.

NACIONAES

A Lavoura — Outubro de 1930 — Credito agricola — As madeiras do Pará no commercio fruticola — Para a historia da agricultura brasileira — Pela expansão economica do Brasil.

Liga Maritima Brasileira — Janeiro de 1931 — A Confraternização das classes armadas — Uma valvula de radio — A Escola de Pesca.

ESTRANGEIRAS

America

BOLIVIA

Revista Militar — Janeiro de 1931 — A Politica no ponto de vista militar — Condições moraes do official de Estado Maior — A educação militar do cidadão é um problema urgente — Impressões militares da França.

CHILE

Memorial del Ejercito de Chile — Dezembro de 1930 — Ayacucho — Considerações sobre a artilharia pesada e sua organização — Instrucção de granadeiros.

Revista de Infanteria — Dezembro de 1930 e Janeiro de 1931 — Projecto de regulamento inglés para o combate dos tanques e automoveis blindados — Emprego tactico de metralhadoras — A instrucção militar nas universidades da França — Serviço nocturno: seu ensino até o periodo de pelotão.

EQUADOR

El Ejercito Nacional — Dezembro de 1930 — Interessante numero dedicado á memoria do Libertador Simon Bolívar, com vasta e rica colaboração.

HONDURAS

Revista del Centro Militar — Numeros 27 a 33 — O Exercito de Honduras — A quimera do desarmamento — Sracasmos da politica — O serviço militar obrigatorio — Preparação technica da infantaria — Campanha anti-alcoolica — Comportamento do militar na vida social

MEXICO

Revista del Ejercito y de la Marina — Novembro e Dezembro de 1930 — Cinco dias de reconhecimento nas linhas alemaes — O direito aereo internacional — Notas sobre o tiro naval

— Os estados maiores de tropas.

PARAGUAY

Revista Militar — Janeiro — O desarmamento — O Marechal Joffre — Humaytá.

PERU'

Revista Militar Del Perú — Novembro e Dezembro de 1930 — Linhas telephonicas em marcha — Preparação topographica do tiro — Sobre lei de promoções — Armamento actual das grandes potencias militares — Eloquencia Militar.

URUGUAY

Revista Militar y Naval — Novembro e Dezembro de 1930 — Realização de uma base de fogo — O problema actual da instrucção da infantaria — Destroyers e torpedeiros idaeas — Emprego tactico das transmissões — Notas sobre o desenvolvimento moderno da artilharia naval.

Europa

BELGICA

La Conquête de L'Air — Janeiro e Fevereiro de 1931 — O esforço aereo de 1930 — O cruzeiro aereo Itala-Brasil — A especialização do medico da aeronautica — A organização geral das forças aereas francesas e a eventualidade de uma nova guerra mundial — A ameaça aerea soviética — A colaboração do avião e do auto.

Bulletin Belgo-Brasilién — Dezembro de 1930 — A industria da seda no Brasil — Mercado financeiro do Brasil — Diversas notícias sobre o Brasil e suas relações com a Belgica.

HESPAÑHA

La Guerra y su preparacion — Novembro de 1930 — Curso de preparação de coroneis para a promoção — Situação politico-militar nos Balcanes — Exercito da India — Novas disposições sobre officiares da reserva no Exercito Italiano.

Memorial de Infantaria — Janeiro de 1931 — O recrutamento de officiaes — Uma opinião sobre a ligação infantaria-artilharia — Nova metralhadora pesada americana — Nova cozinha ro-lante portuguesa — O morteiro da infantaria.

Revista de las Españas — Outubro e Dezembro de 1930 — O castelhano na America — A raça hispanica — Informação economica hespaniola e ibero-americana — Informações politicas ibero-americanas; a revolução brasileira de Outubro de 1930.

INTERESSA-LHE O COMMANDO DO BATALHÃO NO TERRENO ?

Por que não procura ler o livro do cmt. Audet ?

Para assignantes	3\$000
Não assignantes	3\$500
Pelo correio, mais	\$500

Vendas de Livros

ASSUMPTOS

<i>Preparação e mecanismo de tiro</i>
<i>Orientação em campanha</i>
<i>O que é preciso saber da Infantaria</i> (Traducção do Cap. Dermeval)
<i>Notas sobre o regulamento de Artilharia</i>
<i>Resumo da guerra do Paraguai</i> (2ª edição)
<i>Que a Artilharia deve saber da Infantaria</i>
<i>Notas de estudos sobre os novos regulamentos</i>
<i>A Defesa Nacional</i> (Propaganda e regulamento do sorteio)
<i>Elementos de Hygiene Militar</i>
<i>Bromatologia</i> (Analyses de acordo com a legislação brasileira)
<i>O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia</i> (Traducção do Tenente-Coronel Francisco Pinto).
<i>O Estado independente do Acre e I. Placido de Castro</i>
<i>Manual de licenças</i>
<i>Telemetros</i>
<i>Notas á margem dos exercícios táticos</i>
<i>Notas sobre o commando do batalhão no terreno</i> (Traducção)
<i>Manuel du grade de l'Artillerie</i>
<i>Règlement du Génie — 1ª parte — 1º vol.</i>
" " " " — 2º vol.
<i>Règlement Général d'Education Physique — 1ª parte</i>
<i>Règlement de Manœuvre de l'Artillerie</i>
<i>Manuel de topographie I — VIII</i>
<i>Manuel de tir M/1897</i>
<i>L'Artillerie au Combat</i> (2ª parte)
<i>Instruction provisoire sur l'Organisation du terrain</i> 1ª parte
<i>Idem — 2ª parte</i>
<i>Règlement de l'Aviation</i> (8 volumes completos)
" sur l'emploi tactique de Grandes Unités
" Général sur l'observation
<i>A Ficha Individual</i>
<i>Um anno de educação physica</i>
<i>Guia para instrução militar</i>
<i>Manual do granadeiro</i>

A CHEGAR

<i>Règlement d'Infanterie — II e III parte</i>
" <i>Général d'Education Physique — II e III</i>
parte

A Gerencia de "A DEFESA NACIONAL" incumbe-se da venda de livros militares, mediante condições a combinar com os autores interessados.

Facilitaremos aos nossos assignantes a obtenção de livros militares á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, mediante a taxa de 1\$500 ou 2\$000 para o registro e expediente. A quantia correspondente deverá ser remettida *adiantadamente*, em vale postal.

A Gerencia não se responsabilisa pelos extravios no Correio.

Autores	Preço	Pelo correio mais
Tenente Olivio Bastos	7\$500	1\$000
Capitão Dermeval	3\$000	\$700
Coronel Abadie	5\$000	1\$000
Villanova Vasconcellos	7\$000	1\$500
Capitão Garastazú	7\$000	1\$000
Capitão Travassos	5\$000	1\$000
Capitão Travassos	5\$000	1\$000
Tenente-Coronel Falcão	3\$000	1\$000
Major Dr. Murillo Campos ..	20\$000	2\$000
Major Alberto de Magalhães ..	25\$000	2\$000
Coronel Triguier	4\$500	1\$000
Genesco de Castro	8\$000	1\$500
Capitão Silva Barros	7\$000	1\$500
Capitão Dermeval	3\$000	\$700
Capitão Travassos	6\$000	1\$000
Cmte. Audet	3\$000	\$700
Cmte. Fontanges	9\$500	2\$000
.....	3\$000	\$700
.....	2\$600	\$700
.....	10\$000	1\$500
.....	—	—
.....	6\$000	\$700
.....	6\$000	\$700
.....	2\$600	\$700
.....	1\$800	\$700
.....	4\$000	1\$000
.....	18\$000	3\$000
.....	—	—
.....	2\$500	1\$000
1º Ten. Medeiros	3\$000	\$500
1º Ten. Molina	7\$500	\$500
Ten. Ruy Santiago	10\$000	1\$500
Cap. J. Faustino	3\$000	\$500